

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ALMA DE MULHER
HISTÓRIA E IMAGENS DO COLÉGIO BOM
CONSELHO DE SILVEIRA MARTINS DE (1930-1970)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Adriana Aires Pereira

Santa Maria, RS, Brasil

2008

ALMA DE MULHER
HISTÓRIA E IMAGENS DO COLÉGIO BOM CONSELHO DE
SILVEIRA MARTINS DE (1930-1970)

por

Adriana Aires Pereira

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

Orientador: Prof^o. Dr. Luiz Eugenio Vécio

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de História**

A comissão Examinadora abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**ALMA DE MULHER
HISTÓRIA E IMAGENS DO COLÉGIO BOM CONSELHO DE
SILVEIRA MARTINS DE (1930-1970)**

elaborada por
Adriana Aires Pereira

Como requisito para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^o. Dr. Luiz Eugênio Vécio (Presidente Orientador)

Prof^o. Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli (UFSM)

Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira weber (UFSM)

Santa Maria, 23 de dezembro 2008

AGRADECIMENTOS

A meu marido e meus filhos Matheus e Rodrigo; por entenderem a minha ausência.

A meu pai e minha mãe: sempre e por tudo.

O meu orientador professor Doutor Luiz Eugênio Vécio: por ter sempre respeitado meu trabalho e ritmo com que eu o realizei. O teu incentivo, tuas opiniões e críticas que me fizeram acreditar que seria possível escrever esta história.

Ao Professor Doutor Vitor Biasoli: por contribuir com críticas, sugestões e estímulo.

A Irmã Vera Maria pelo acesso aos documentos da província de Santa Maria.

A Irmã São Gabriel: por disponibilizar os álbuns de fotografias.

As irmãs de Silveira Martins: Ir. Isabel, Ir. Rosa por disponibilizar informações contidas nas crônicas.

A Florisbela, Nyora, Francisca, Lady Maria Madalena, Leda, Yolanda, Neiva por terem se disponibilizado a compartilhar seu tempo e suas lembranças do período em que viveram no Colégio Bom Conselho.

Por último e não menos importante a Deus.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria

ALMA DE MULHER HISTÓRIA E IMAGENS DO COLÉGIO BOM CONSELHO DE SILVEIRA MARTINS DE (1930-1970)

AUTORA: ADRIANA AIRES PEREIRA

ORIENTADOR: LUÍZ EUGÊNIO VÉSCIO

Data e Local da Defesa: Santa Maria-RS, 23 de dezembro de 2008.

O presente trabalho teve por objetivo construir a história através das imagens da educação católica de mulheres no interior do Colégio Bom Conselho. Para compor esta História utilizei fontes como fotografias, atas, livros de registros, relatórios, regimento interno, livro de matrículas, e, fonte oral construída durante sete entrevistas que realizei com alunas internas e externas. Os fios que teceram esta “trama” foi a interpretação das imagens para entender às relações de poder/relações de gênero que objetivaram a disciplinarização das mulheres no interior do Colégio na inter-relação com a construção histórica do gênero feminino. No Colégio Bom Conselho o conjunto de discursos e práticas que permeava o cotidiano era disciplinador porque prescrevia como os indivíduos pertencentes ao gênero feminino deveriam ser, agir, pensar, reconhecer-se, ou seja, estabelecia os limites dentro dos quais as mulheres podiam traçar seus destinos. No cotidiano escolar as mulheres eram conduzidas, convencidas, coagidas para assumir seu modelo de mulher: esposa e mãe, determinada aos limites do lar, moldando assim a Alma de mulher.

Palavras-chaves: Imagens; Colégio Bom Conselho; Educação; História

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Vista panorâmica da cidade de Silveira Martins. No centro da fotografia Igreja e o Colégio Bom Conselho símbolo de tradição em educação católica	17
Figura 02: Monumento ao imigrante italiano	18
Figura 03: Igreja Santo Antônio de Pádua, Praça de Silveira Martins	19
Figura 04: Fachada do Colégio Bom Conselho	23
Figura 05: Fachada do Colégio Bom Conselho	25
Figura 06: Turma de quarenta e sete Alunas do 4º ano curso ginásial em sala de aula, no 1947.....	58
Figura 07: Sala de aula com trinta e nove, alunas do 4º ano curso primário de 1947	59
Figura 08: Turma de alunas de Educação Física em 1939. Composta por oitenta e nove alunas.....	60
Figura 09: Sala de Pintura, com 08 alunas. Irmã Belmira professora de pintura.....	61
Figura 10: Sala de Corte Costura ano de 1945 com vinte duas alunas	62
Figura 11: Dormitório das meninas ano de 1947. Acomodava aproximadamente trinta meninas.....	63
Figura 12: O dormitório, com doze camas e ao fundo uma sala cômoda da irmã responsável pela disciplina do dormitório, ano de 1947	64

Figura 13: Refeitório ano de 1947. O refeitório acomodava em torno de oitenta internas por refeição.....	65
Figura 14: Grupo de 84 alunas formadas do ano de 1944 - Irmãs da esquerda para a direita - Irmã Esmeralda, Irmã Acácia, Irmã Gelsa Sanger e Irmã Elenita.	66
Figura 15: Solenidade de formatura do curso de Datilografia, ano de 1938, treze alunos formandos, as irmãs, o padre, convidados solenes e representantes políticos	67
Figura 16: Foto de encerramento das atividades do ano de 1950. Grupos de cento e dezesseis alunas compunham as turmas do colégio neste ano.....	68
Figura 17: Turma de Corte Costura 1940. dezesseis alunas compunham o colégio neste ano.....	69
Figura 18: Visita do Bispo e Governador do Estado Walter Jobim, representantes do exército e políticos da região, as dependências do Colégio Bom Conselho	70
Figura 19: Visita do Governador do Estado Walter Jobim as dependências do Colégio Bom Conselho.....	71
Figura 20: Exposição dos trabalhos das formadas do curso – Corte e Costura do ano de 1940	72
Figura 21: Exposição Bordado, Pintura e Corte Costura 1951.....	73
Figura 22: Desfile – Semana da Pátria	74
Figura 23: Desfile – Semana da Pátria	75

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - Entrevista com LEDA TREVISAN	84
ANEXO 2 - Entrevista com NYORA GUERINO BONELLA	86
ANEXO 3 - Entrevista com YOLANDA YZAGUIRRE DALL FORNO	97
ANEXO 4 - Entrevista com FLORISBELA BRAGANÇA DE MORAES	106
ANEXO 5 - Entrevista com FRANCISCA FORTES FLORES	117
ANEXO 6 - Entrevista com LADY MARIA MADALENA DE GREGÓRIO	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARA DESVENDAR A TRAMA	10
------------------------------	----

CAPÍTULO I

SILVEIRA MARTINS E O COLÉGIO BOM CONSELHO	17
---	----

1.1 O Fenômeno da Imigração	17
-----------------------------------	----

1.2 Elemento da Imigração	18
---------------------------------	----

1.3 A implantação do Colégio Bom Conselho e sua trajetória.....	23
---	----

1.4 A importância e o objetivo do funcionamento	25
---	----

CAPÍTULO II

DISCURSOS DISCIPLINARES	27
-------------------------------	----

2.1 Gênero e Poder.....	27
-------------------------	----

2.2 Mulheres	30
--------------------	----

CAPÍTULO III

O COTIDIANO, CONVIVÊNCIA, TESTEMUNHO.....	36
---	----

3.1 Depoimentos.....	36
----------------------	----

3.1.1 A rotina.....	37
---------------------	----

3.1.2 Comer.....	38
------------------	----

3.1.3 Higiene	39
---------------------	----

3.1.4 Vestir-se	40
-----------------------	----

3.1.5 Namoro.....	41
-------------------	----

3.1.6 Rezar.....	41
------------------	----

3.1.7 Primeira comunhão	42
-------------------------------	----

3.1.8 Confissões.....	42
-----------------------	----

3.1.9 Igreja	43
--------------------	----

3.1.10 Aulas	43
--------------------	----

3.1.11 Música.....	44
--------------------	----

3.1.12 Aula de trabalhos manuais.....	44
---------------------------------------	----

3.1.13 Avaliações	44
-------------------------	----

3.1.14 Lazer	45
--------------------	----

3.1.15 Dormir.....	46
3.1.16 Enxoval.....	46
3.1.17 Sexualidade.....	47
3.1.18 Gravidez	48
3.1.19 Casos especiais	48
3.1.20 Castigos	49
3.1.21 Aspirantes	49
3.1.22 Internas x externas.....	50
3.1.23 Comemorações	50
3.1.24 Comunicação e visitas.....	51
3.2 Fotografias	51
3.2.1 Fotografia como fonte - Análise iconográfica.....	51
3.3 Análise Iconográfica - Cotidiano no Colégio Bom Conselho	57
3.3.1 Práticas pedagógicas	58
3.3.2 Prática de educação física	60
3.3.3 As práticas de trabalhos manuais	61
3.3.4 Aula de corte costura.....	62
3.3.5 Os dormitórios e o refeitório	63
3.4 Solenidades	66
3.4.1 Foto de formatura 1944.....	66
3.4.2 Formatura do curso de datilografia.....	67
3.4.3 Solenidade de Encerramento Ano de 1950.....	68
3.4.4 Turma de corte e costura 1940	69
3.4.5 Visita de autoridades políticas e eclesiásticas.....	70
3.5 Exposições	72
3.5.1 Exposição dos trabalhos das formadas – Corte e costura do ano de 1940....	72
3.5.2 Exposição bordado, pintura e corte costura 1951.	73
3.6 Desfile.....	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS	
Transcrição das Entrevistas Ex- alunas do Colégio Bom conselho.....	83

INTRODUÇÃO

PARA DESVENDAR A TRAMA

Desejo com este trabalho revelar *a trama*¹ através da interpretação das imagens. Os fios da história irão transitar, revelando a história da educação das mulheres em regime de internato no interior do Colégio Bom Conselho, uma instituição Católica, mas com a peculiaridade de ser fundada em uma região de colonização italiana.

Situarei minha pesquisa nas décadas de 1930 a 70, pois este período é rico em documentação primária e iconográfica sobre o Colégio Bom Conselho. Pretendo escrever a história da educação de mulheres em regime de confinamento no interior de um colégio Católico o Bom Conselho. O objetivo central desta pesquisa é de resgatar o processo educacional católico desenvolvido pelas irmãs do Imaculado Coração de Maria, realizado com as meninas, uma educação confessional, que primava pela educação integral (física, mental e espiritual)², atendendo meninas procedente da elite gaúcha de boa parte do estado, principalmente aquelas originárias da região da fronteira com a Argentina e Uruguai e algumas também oriundas destes países.

Deste modo, busco compor está história através da análise iconográfica e das entrevistas com as ex-alunas, irmãs e professoras. Através da rotina e das atividades cotidianas desenvolvidas pelas meninas no colégio, procuro compreender os fatores de identificação e diferenciação do grupo que lá estudou nas décadas em questão.

O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, fundado em 1908 pela Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria³, e administrado por elas, funcionou em regime de internato e externato até 1971, posteriormente funcionando

¹ VIDAL, Diana. *De Heródoto ao Gravador: história da história oral*. Campinas, 1990. (A TRAMA, termo que utilizarei em minha monografia).

² A proposta de formação integral era o ideal de educação, idealizado por Bárbara Maix e desenvolvido pela Congregação das Irmãs do Sagrado coração de Maria.

³ CUNHA, I. Ignez. *Taça Aberta: História da fundação da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria*. Santa Maria, 1978.

apenas em regime de externato até 1980, quando passou a ser gerenciado pelo estado onde em 1997 encerrou suas atividades no antigo prédio.

Não foi por acaso que esta instituição de ensino foi fundada na região da quarta colônia. Na verdade, ela teve uma função sócio-cultural importantíssima para o sucesso e prestígio do colégio, proporcionou o crescimento econômico da cidade de Silveira Martins.

As religiosas da congregação do Puríssimo Coração, juntamente com os Padres Palotinos, trazem consigo os valores da tradição de seus antepassados, na maioria Vênetos. Esses religiosos são elementos essenciais para a difusão da cultura e costumes italianos na Quarta Colônia, e essa difusão deu-se efetivamente através da educação.

A população de Silveira Martins, composta de imigrantes, colonos na sua maioria colonos pobres, presos a terra em pequenas propriedades, então, tinham a oferecer a seus filhos uma vida semelhante à que levavam, a não ser a que estes seguissem uma vida eclesiástica. Não havia grandes fortunas, os estudos eram custosos e de pouca utilidade na visão de mundo dos imigrantes. “A Igreja era onde os filhos de colonos teriam condições de atingir *Status* mais elevado”.⁴ A oportunidade foi bem aproveitada: os seminários, noviciados e escolas encheram-se, em pouco tempo. O Rio Grande do Sul adquiriu a fama de ser o celeiro de vocações do Brasil. Na verdade, não era propriamente o Rio Grande do Sul que os fornecia ao país: era a zona colonial. Mais precisamente, a zona agrícola da colônia, pois o número de vocações proveniente das cidades era reduzido.

Considerar o contexto sócio econômico da região da Quarta Colônia, é estar buscando recuperar a identidade educacional católica que sofria influência do ideário ultramontano⁵. As atividades desenvolvidas no Bom Conselho, sua estrutura de ensino quanto ao espaço físico, organização pedagógica, metodológica e ideológica vinha ao encontro do ideal da política educacional do período. As Congregações das irmãs do Puríssimo Coração de Maria cuidadosamente projetaram a educação do colégio para atender ao perfil educacional exigido para mulher.

A proposta de ensino oferecido pelo Colégio Bom Conselho ia ao encontro do que fora idealizado para atender as exigências do perfil de mulher, esperado pela

⁴ DE BONI, Luis Alberto. *RS: Imigração & Colonização*. 1996; p. 243.

⁵ ARAUJO, Jose Carlos. *Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica*. São Paulo: Paulinas, 1986, p.22; define o ultramontanismo como “um movimento de re-europeização do catolicismo de características centralizadora e sob a autoridade papal (...) um movimento de inspiração eminentemente hierárquico e papal”.

política social da República Velha. No Rio Grande do Sul, neste período ocorreu a implantação da política positivista sustentada pela filosofia Comteana, através de uma releitura das idéias de Auguste Comte por Júlio de Castilhos, o positivismo Heterodoxo, que há pequeno ou longo prazo chegava ao alcance de todos, através dos jornais, revistas, palestras e conferências. E o religioso seguia a Religião da Humanidade,⁶ o Positivismo Ortodoxo, que por meio da religião servia de reserva moral para o castilhismo.⁷ A moral, a rigidez, o autoritarismo e a disciplina eram os pontos que uniam os três tipos de positivismo,⁸ fundindo-os em um único objetivo: organizar a sociedade através de uma moral conservadora e da educação.

A mulher deveria seguir o padrão de mãe e esposa, estabelecido pela doutrina positivista do período, para a educação feminina. A mulher deveria seguir os modelos de *rainha do lar e anjo tutelar*,⁹ para conduzir com dignidade sua família. O discurso positivista era um agente organizador da sociedade, que impôs as idéias de um grupo político dominante, utilizando arquétipos e símbolos presentes na tradição conservadora, visando tirar a mulher do campo profissional, enclausurando-a dentro de sua própria casa.

Os aspectos disciplinares que modelavam os comportamentos e atendiam ao discurso que foi construído a partir do que foi social e historicamente determinado para o que seria o ideal de mulheres para compor a sociedade Rio Grandense.

Quanto à relação entre a moral positivista e a católica, o positivismo herdou símbolos e signos difundidos pela tradição judaico-cristã. O teatro e a escultura foram utilizados pelos positivistas para transmitir suas idéias e manipular o imaginário através dos símbolos e signos, atingindo assim todas as camadas da população.

A primorosa orientação Católica, somada as atividades manuais, artísticas, técnicas, muitas vezes, foi o único e verdadeiro atrativo do Bom Conselho. Ser uma mulher dotada de diversas prendas domésticas e conhecedora dos ensinamentos católicos, isso era um diferencial de suma importância para a formação das meninas que, mais tarde, fariam parte da elite gaúcha, o Colégio tinha repercussão em todo o

⁶ ISMÉRIO, Clarisse. *MULHER A moral e o imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 18. A Religião da Humanidade fundamentava-se em leis naturais, também chamadas leis positivas, que forneciam respostas racionais e científicas para todas as questões, através da *moral* e da *educação*.

⁷ FLORE, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. POA: Nova Dimensão, 1993, p. 128.

⁸ ISMÉRIO, Clarisse. *MULHER A moral e o imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. P.16-17.

⁹ ISMÉRIO, Clarisse. *MULHER A moral e o imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 21. Ismério cita o exemplo da Musa Clotilde que foi transformada na alegoria da Religião da Humanidade, símbolo de grande adoração. E através do *Catecismo Positivista* Comte ditou normas de conduta às mulheres, tendo como modelo a *rainha do lar* e o *anjo tutelar*, símbolo formado pelo arquétipo junguiano da Grande Mãe.

estado e fora dele, além de alunas vindas dos países vizinhos, como Uruguai e Argentina.

Este colégio objetivava, por meio de ações educativas, atender as exigências ideais, quanto a conduta e formação das mulheres que faziam parte da elite Rio-Grandense. O Colégio esperava, através da educação das mulheres, mudar o status dos imigrantes italianos, pois os valores e costumes deles foram aos poucos sendo ensinados às meninas, através da escola católica, portanto um novo paradigma foi sendo construído. O Bom Conselho é central nessa tarefa de proporcionar um novo padrão educacional e cultural, no qual os indivíduos descendentes e orgulham-se de suas origens e seus valores e os não descendentes de imigrantes, passarem a estimar e valorizar a cultura do povo italiano.

Conseqüentemente, o Bom Conselho destaca-se não apenas como um ginásio, que preparava mulheres de forma absoluta para compor a elite sul-rio-grandense, pois juntamente com essa educação lhes era ensinado uma primorosa educação católica que se encontrava arraigada com os valores culturais italianos. Os efeitos desta ação educativa acabou se espalhando e divulgando as mudanças quanto ao status do imigrante. Através do controle da escola, os religiosos e as religiosas católicos moldaram uma nova forma de compreender a cultura, a diversidade, e o conceito de cultura e progresso.

A educação oferecida pelo Bom Conselho às mulheres despertava interesse no referido período, em particular, pelos cursos que complementariam a formação das meninas, tais como: trabalhos manuais¹⁰, música¹¹ e curso de datilografia¹².

As atividades extras curriculares fazem do colégio um diferencial com relação aos outros colégios da mesma época. O universo por ele freqüentado principalmente pelas filhas de fazendeiros oriundas da fronteira, que vinham para o colégio em busca de uma formação que as “preparassem para enfrentarem a própria vida”.¹³

O sucesso da educação oferecida em tempo integral às alunas que freqüentassem o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho atraía alunas inclusive de países vizinhos, devido à escassez de escolas e à importância da proposta da *educação integral*¹⁴ desenvolvida pelas irmãs do Imaculado Coração de Maria na

¹⁰ Bordado, pintura, crochê, fabricação de flores, tapeçarias, bordado a máquina, corte costura, dentre outros.

¹¹ Aprendia-se canto e instrumentos musicais, tais como, citra, violino, gaita, piano, harpa, bandolim e violão.

¹² Datilografia, o curso preparava as meninas para “trabalharem se necessário” com a família.

¹³ Formação está que as concebia em boas mães e donas de casa, dotadas de inúmeros dotes domésticos.

¹⁴ É a formação física, mental e espiritual.

formação das meninas¹⁵, que teriam uma orientação diferenciada para integrar a sociedade.

O colégio recebia meninas de famílias que o procuravam por acreditar na proposta de formação e educação oferecida por ele, primava por uma educação cristã. As famílias em questão, na sua maioria abastadas, queriam proporcionar às suas filhas uma educação especializada, numa instituição de ensino confessional e particular, dos depoimentos obtidos se depreende que essas famílias entendiam que ali a ética estaria sendo trabalhada juntamente a proposta pedagógica e paralelamente as atividades manuais, artísticas e técnica que dariam as suas filhas o preparo para serem boas mães e donas de casa.

O Bom Conselho, desde a sua fundação, foi mantido através do pagamento pelos serviços prestados às internas, que lá recebiam uma formação cultural, intelectual e técnica que as prepararia para a vida de forma integral. Foi em busca da compreensão do que foi a educação no Bom Conselho que fui buscar informações em diferentes tipos de documentos, que colaborassem para o desfecho desta pesquisa que denominei de *trama*.

Na composição desta história do cotidiano do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, as alunas, professoras e religiosas que ali conviveram foram as principais personagens, pois a trama que construí partiu das versões que elas narraram das suas experiências no Colégio.

No primeiro contato, com o Colégio Bom Conselho; detive-me em procurar “traços, pistas, sinais, resíduos”, deixado pelas mulheres que ali viveram. Eu procurei estes vestígios em fontes escritas, iconográficas e orais. Todas compreendidas aqui como “monumentos históricos”,¹⁶ construções historicamente datadas que respondem a determinadas intenções e objetivos tanto no momento da produção, quanto nas razões da preservação da história do Colégio.

Durante meses convivi com pessoas que se empenharam em me ajudar, e mais do que isso, em compartilhar lembranças. Pessoas da Cidade de Silveira Martins que estabeleci uma relação de amizade e, com isso descobri a cumplicidade que se estabelece entre o ouvinte e o narrador e o quanto rememorar é importante para os idosos.

¹⁵ O ensino era oferecido em regime de internato e externato.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forese, 1987: p. 98.

Conhecer o cotidiano do Colégio Bom Conselho a partir das histórias contadas pelas mulheres que ali viveram. Daí o privilégio da história oral e a escolha de uma postura assumida durante as entrevistas: fui muito mais uma ouvinte que uma inquiridora.

Acredito que as fontes escritas, iconográficas e orais permitem múltiplas aproximações do objeto estudado, devendo ser analisadas comparativamente, procurando um confronto, visando se aproximar o máximo do real aprisionado na memória das depoentes. A função do pesquisador é costurar de forma ordenada toda a versão a partir dos problemas construiu, das perguntas que formulou e dos caminhos que escolheu no momento de assumir a tarefa de contar a sua versão.

Os álbuns de fotografias foram instrumentos valiosos que somados aos documentos e depoimentos, tornou possível tecer a trama das mulheres que viveram em regime de internato no Colégio Bom Conselho, pois as imagens retratadas nas fotografias das solenidades, das exposições e de cenas do cotidiano ocorridas no Colégio, foram indispensáveis, como complemento para desvendar o enredo desta trama.

Por acreditar que as fotos podem ser utilizadas como fontes para minha pesquisa, aproveitarei o debate acerca do realismo fotográfico, a discussão em torno da fotografia como meio de comunicação e forma de auxílio de fonte para escrever esta história. Entendo que as fotografias utilizadas neste trabalho têm a função não de ilustrar, mas de ser mais um instrumento, uma fonte que auxiliará no desfecho dos fios que teceram esta trama. Muitas são as perguntas que tentei responder, foi um desafio que orientou minha pesquisa. Os depoimentos, as fotos, os documentos e a bibliografia de apoio é que me deu força para encarar com humildade, como sugere Clarisse Lispector.

Quando falo em humildade, não me refiro à humildade no sentido cristão (como ideal a ser alcançado ou não); refiro-me à humildade como técnica. (...) Humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente.¹⁷

Foi delineando traços que foram construídos e reconstruídos na trajetória dos encontros marcados por esta aventura. Somaram-se, encontros com autores(as), com documentos e com as mulheres que contribuíram para a exploração do tema,

¹⁷ LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Círculo do livro, 1985: p. 251.

as ex-alunas compartilharam comigo as experiências vividas no Colégio Bom Conselho. Todos esses momentos foram permeados do mais difícil dos encontros: com as minhas emoções, ansiedades e muitas dúvidas. Tais encontros foram minha fonte de “elementos - alimentos”, verdadeira relação antropofágica. Semelhantes àquelas vividas pelos cartógrafos na definição de ROLNIK “O cartógrafo é um verdadeiro *antropófago*: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorado*”.¹⁸

Escrever história é formar, construir, arranjar, dispor, produzir, fazer, escrever, ajustar, reconciliar, aconchegar. Foi este o meu trabalho: conviver com a pluralidade de vozes que traziam fragmentos de histórias vividas e tentar acolhe-las neste texto.

(...) Através da continuidade e da ruptura [...], vai se dando conta das migrações do seu desejo, vai se surpreendendo com o seu próprio rosto. Da cabeça a mão, da mão a cabeça: O gesto que começa e gesto que insiste, porque narrar não se encanta com o texto. É cair na tentação do humano nele sempre presente. É atirar no mundo. É buscar o que se perdeu do lado oposto das certezas. É oferecer alguma coisa a alguém. Quem aceita?¹⁹

Escrever este texto foi partir do presente, interrogar o passado na expectativa de contar a minha versão sobre este Colégio. Desvendar a história do Bom Conselho levou tempo, paciência e muita dedicação. Durante a pesquisa, organizei a trajetória da construção a partir da bibliografia que deu a base teórica, além dos depoimentos e da análise das fotos que, com riqueza, complementaram a pesquisa em suas várias direções, avanços, recuos durante toda a investigação para, enfim, responder ao desfecho desta trama.

¹⁸ ROLINK, Sueli. *Cartografia sentimental: cartografias do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989: p. 67.

¹⁹ NUNES, Clarisse. *Em busca de Gramsci. Educação e realidade*. Porto Alegre, v.15, n. 1, jan.jun. 1991: p. 43 e 44.

CAPÍTULO I

SILVEIRA MARTINS E O COLÉGIO BOM CONSELHO

1.1 O fenômeno da imigração

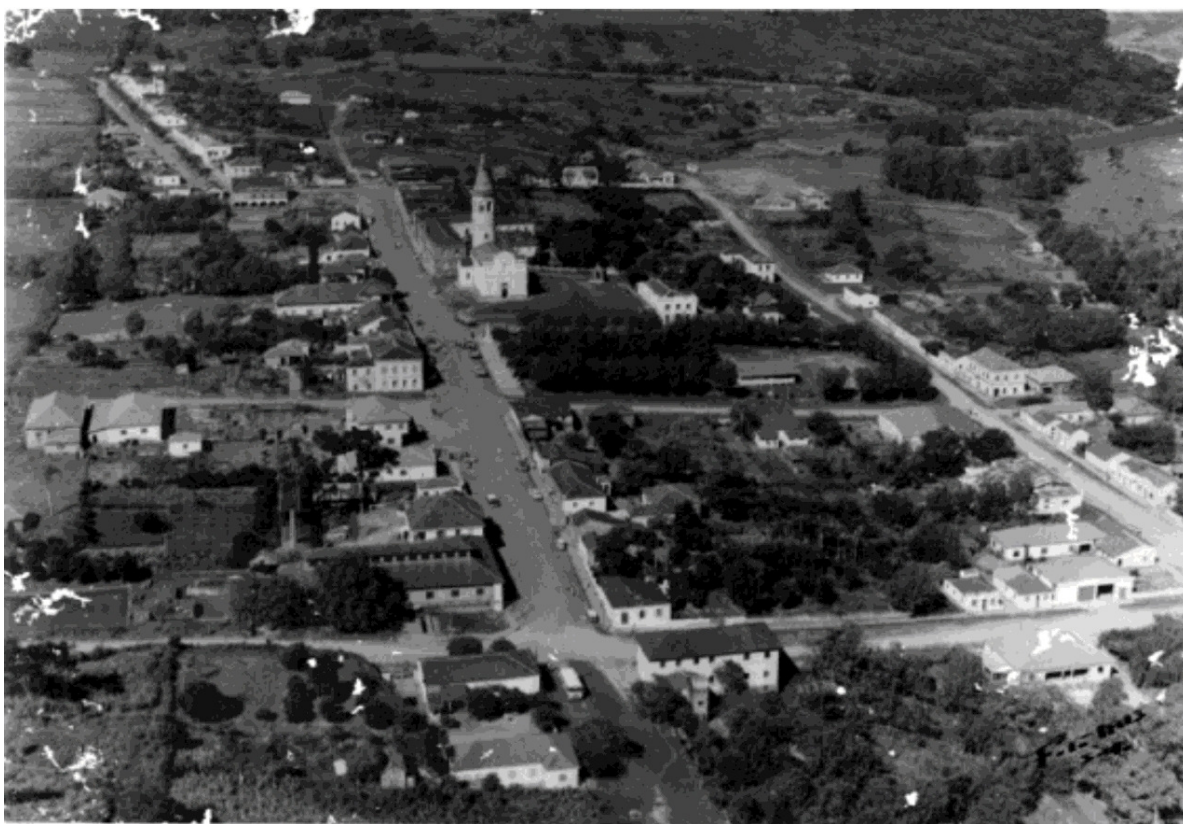


Figura Nº 01 - Visão panorâmica da Cidade de Silveira Martins. No centro da fotografia visualizamos a Igreja e ao fundo o Colégio Bom Conselho. Símbolo de tradição em educação católica em regime de internato.

Acervo Luiz Eugênio Vécio.

O fenômeno da imigração italiana do Rio Grande do Sul ocorreu durante os séculos XIX e início do século XX, momento em que milhares de pessoas vieram para o Brasil. Analisar a trajetória dos imigrantes e sua instalação nas colônias formadas no interior do estado, a partir da educação ministrada pelas religiosas católicas do Sagrado Coração, fornece uma boa chave para a compreensão da sociedade sul-rio-grandense, depois da chegada desses imigrantes.

1.2 Elemento da Imigração



Figura Nº 02 - Monumento ao imigrante italiano em “Val de Buia”.
Acervo Luiz Eugênio Vésicio.

A Quarta Colônia, Silveira Martins, situada no centro do estado do Rio Grande do Sul, distante cerca de 30 quilômetros da cidade de Santa Maria foi povoada por imigrantes originários da Península Itálica estavam fortemente identificados com suas pequenas vilas, cidades e regiões. Eles se diziam Vênetos, Sicilianos, Calabreses, Napolitanos, portanto não se reconheciam Italianos. Isso é compreensível também pelo conturbado processo de unificação italiana finalizado politicamente em 1870, mas, ainda hoje bastante distante de traduzir-se numa unidade nacional.

Os imigrantes chegaram à Quarta Colônia a partir de 1877, oriundos na sua maioria do norte da Itália, sobretudo da região Vêneta. Eles ergueram capelas e organizavam comissões para obter do bispo um pároco.²⁰

Nesse processo cresce a importância do trabalho realizado pelos padres e freiras católicas junto aos imigrantes no Rio Grande do Sul. A implantação do Colégio na cidade de Silveira Martins serviu de fomento para a economia da região. A Igreja Católica teve um papel fundamental no que diz respeito ao enquadramento dos fenômenos culturais dos Italianos.



Figura Nº 03 - Igreja Santo Antônio de Pádua, construída enfrente a praça da cidade de Silveira Martins. O campanário da Igreja foi inspirado na torre da Igreja de Caorle, na Itália.
Acervo Luíz Eugênio Vécio

A Igreja é o local de encontro dos grupos de imigrantes, o lugar em que se estabeleceram e desenvolveram contatos entre os indivíduos, era no templo nos

²⁰ DE BONI, Luis Alberto. O catolicismo da imigração: Do Triunfo À Crise. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1996: p. 241 e 242.

momentos de oração, da missa, da novena, da catequese, da festa do padroeiro, essas ocasiões possibilitavam-lhes a construção do mundo social e cultural. A religião atuou como elo de união entre eles: a quase totalidade confessava-se católica, e a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência.

A expressão religiosa, em suas manifestações cotidianas e festivas, era sinal mais significativo do universo cultural dos imigrantes italianos. Era a referência primeira e indispensável de filiação ao grupo. [...] Foi através da religião católica que o imigrante italiano se encontrou consigo mesmo e com os outros.²¹

Manfroi ao abordar o fenômeno da imigração, busca compreender como se deu o processo de integração dos italianos na sociedade gaúcha. Ao optar por centralizar seus estudos na religiosidade católica, teve um elemento motivador que forneceu aos imigrantes a possibilidade de reconstruírem sua identidade cultural. Este contexto de “reconstrução da italianidade”, centrado no trabalho e na Igreja, permitiu que fossem fundadas escolas e conventos que seguindo vão contribuir para a propagação dos valores cristãos e italianos.

A igreja salta por cima das identidades regionais, ao mesmo tempo que oferece um espaço comum no qual se reúnem imigrantes oriundos de várias partes da Península itálica.

Os seminários, conventos e colégios católicos também passam a ser uma alternativa para os filhos dos imigrantes estudarem. A maioria não dispõe de recursos para pagar, por isso encaixam-se como seminaristas ou juvenistas. Nessa condição podem estudar e escapar das pesadas lidas do campo.

Muitos destes abandonaram a carreira religiosa após alguns anos de estudo. Entretanto, os que prosseguem tornam-se padres e freiras e a sua principal atuação, campo de trabalho serão as paróquias e as escolas católicas que vicejam por toda a área colonial. Por uma peça do destino, esses filhos de imigrantes se tornarão professores nas escolas que eles não podiam pagar quando alunos. Nessa condição professoral eles irão ensinar os filhos dos nativos do Rio Grande do Sul.

²¹ MANFROI, Olívio. Emigração e identificação cultural. A colonização italiana no Rio Grande do sul. In: *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, 1996: P.187

O grupo de colonos imigrantes presos a terra em pequenas propriedades, tinha pouco a oferecer a seus filhos, além da vida semelhante à que levavam, a não ser que seguissem uma vocação eclesiástica.

A eles, como já foi discutido o *Status* mais elevado que poderiam alcançar praticamente só na Igreja. Num ambiente sacral, onde o padre e a freira eram pessoas da mais consideradas, abria-se aos filhos dos colonos a oportunidade de vestir o hábito religioso ou a sotaina sacerdotal. E a ocasião foi bem aproveitada: os seminários, noviciados encheram-se em pouco tempo, o Rio Grande do Sul adquiriu fama de ser o celeiro de vocações do Brasil, pois a zona agrícola da colônia é que fornecia tanto padres como religiosas a todo país.

Nas regiões de colonização o interesse era sobre tudo de “construir Igrejas e ter um padre para rezar a missa do que ter escola e professores para ensinar”.²²

Além das casas de formação eclesiástica, porém, é conveniente assinalar as congregações religiosas que semearam educandários por toda a região colonial. Dos noviciados, seminários e educandários surgiram uma nova elite que, aos poucos, foi acompanhando a ascensão econômica da imigração, foi-se projetando no cenário estadual e nacional.

As Irmãs do Puríssimo Coração, juntamente com os Padres Palotinos são, na verdade, elementos essenciais para a difusão da cultura e costumes italianos. Foi pelo controle efetivo das escolas pelos religiosos católicos que arquitetaram uma nova forma de compreender a cultura, a diversidade, e o conceito de progresso.

Gerri Marin²³ enfoca as especificidades do projeto de restauração católica²⁴ no estado, e esclarecem as resistências enfrentadas pelos Padres Palotinos e Irmãs do Puríssimo Coração de Maria durante a implantação do projeto de romanização. A Igreja da ex-colônia Silveira Martins foi responsável por programar este projeto disciplinar que repercutiu em toda estrutura social, normatizando e regulando o cotidiano dos indivíduos, atingindo as famílias, as escolas, as associações, enfim toda manifestação social dos imigrantes. O catolicismo disciplinava a vida das pessoas, controlando seus corpos e mentes, contudo preservando seu modo de vida e valores culturais.

²² Idem.

²³ MARIN, Jéri Roberto. "Ora et Labora": O projeto de restauração católica na ex-Colônia Silveira Martins, 1993 dissertação de mestrado curso de Pós-Graduação em História da UFRGS.

²⁴ Também se utilizam às terminologias "romanização", "reforma", "reestruturação institucional". Esse movimento busca a reestruturação do catolicismo centralizador, sob a autoridade do Papa.

Os imigrantes desconheciam os benefícios da educação e da instrução na formação de seus filhos, na verdade eles queriam sim dar a eles religião e um pedaço de terra própria, pois tinham preocupações imediatistas: o cultivo da terra e a aquisição da propriedade. “Os colonos italianos se tornaram símbolo do trabalho”.²⁵ A escola forçava colocar em ociosidade braços preciosos e desembolsar recursos econômicos de que dispunham.

Entre os colonos, o tema gerador de discussão era a religião e sobre tudo o catolicismo, na verdade os colonos vindos da Europa tinham apenas a religiosidade como ponto incomum, Segundo (MANFROI 2001), “Eles eram sobre tudo católico e foi através da religião católica que eles afirmam sua identidade cultural”.²⁶

Por mais que o governo tivesse feito algum investimento em escolas para ensinar a nossa língua aos filhos de imigrantes que em geral se comunicavam em sua língua de origem (dialeto), por perceber a necessidade de transmitir aquela gente informações que os tornassem mais nacionais. Segundo (SANTINI 1986), “O nacionalismo existiu entre o clero e as lideranças, mas o povo vivia despreocupado e nem mesmo tinha grandes interesses pela cultura (escola)”. Na verdade o Colégio Bom Conselho não tinha entre os colonos uma importância significativa, pois “o ensino era pouco prático, pois não era voltado para os interesses dos agricultores”²⁷. Mas, foi através da proposta de ensino da Congregação do Puríssimo Coração de Maria que os valores culturais italianos foram sendo cultivados e valorizados, proporcionando assim uma nova concepção de italianidade.

²⁵ ZAGONEL, Carlos Albino. *A igreja e imigração italiana*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975. p. 41.

²⁶ MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul; implicações econômicas, políticas e culturais*. 2ª ed. Porto Alegre: Est, 2001: p. 174.

²⁷ SANTINI SANTIN, Silvino. *A imigração esquecida*. Porto Alegre: EST, 1986: P. 70.

1.3 A implantação do Colégio Bom Conselho e sua trajetória



Figura Nº 04 - Fachada do Colégio Bom Conselho.
Acervo Luíz Eugênio Vêscio.

A vinda das Irmãs do puríssimo Coração de Maria para Silveira Martins foi articulada pelo padre Frederico Schavim juntamente com o povo da paróquia. A fundação do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho ocorreu em 23 de abril de 1908, por quatro religiosas do Puríssimo Coração de Maria, que se instalaram em uma casa muito imprópria, que foi substituída por outra em melhores condições em 1911 houve a primeira ampliação, o número de alunos de ambos os sexos vindos de lugares longínquos a procura de matrícula aumentou muito totalizando neste ano 70 internos.

Em 1925 começou a melhorar a situação financeira, mas sempre lutando com ampliações, reformas e compra de terrenos, nessa época havia 86 meninas internas, 17externas, 31 meninos em regime de externato, somados um total de 117 alunos. No ano de 1927, os registros do livro de matrícula só constam meninas já somavam 125 alunas internas e em 1928 somavam 178 alunas em regime de internato. Neste mesmo ano foi erguida a parte frontal, junto com o prédio à esquerda da entrada do Colégio.

Em 1929, foram feitas mais aquisições de terrenos para ampliar o Colégio, pois neste ano já estavam matriculadas 190 alunas. No ano de 1930 foi construída e

inaugurada a Capela. Ainda em 1929 o destaque foi para o curso de datilografia *Remington*, até então apenas disponível na Capital. O curso era reconhecido e validado em todo o Brasil e nos Estados Unidos, em função disto houve um aumento considerável do fluxo de estudantes.²⁸

Em 1933 faziam parte do corpo docente da escola 19 Irmãs, 178 alunas internas oscilando de ano a ano até chegar em 1943 a 210 internas, meninas provenientes da região de fronteira, serra, cidades próximas e países vizinhos como Argentina e Uruguai.

No ano de 1961, por solicitação dos pais e alunos foi aberto o Curso Ginásial, que esteve em funcionamento até 1977, neste ano devido às dificuldades financeiras e o reduzido número de irmãs na Obra foram suprimidas a 1^a e a 4^a séries.

Em 1978 o Colégio Bom Conselho, comemorou com intensa programação os 70 anos, nesta ocasião permaneciam trabalhando no Colégio dez Irmãs. Em 1980 cessou sua missão como Colégio particular, quando feito um contrato de locação com a SEC de Porto Alegre o Colégio Bom Conselho passou a ser administrado pelo Estado, com o nome de Escola Estadual Bom Conselho, ministrando ao 1^o e 2^o graus.

²⁸ As primeiras formaturas foram acontecimentos inéditos na região e atraía pessoas de destaque da sociedade de Porto Alegre e de Santa Maria, bem como a imprensa de Porto Alegre e Santa Maria. Este curso esteve em funcionamento até 1980 sem interrupções.

1.4 A importância e o objetivo do funcionamento



Figura Nº 05 - Fachada do Colégio Bom Conselho.
Acervo Luíz Eugênio Vêscio.

O Colégio Bom Conselho tornou-se o centro da vida econômica, cultural e social de Silveira Martins. Seu regime de internato para moças tornou-se referência para o Rio Grande do Sul. Para o Bom Conselho dirigiam-se as filhas de famílias de todo o estado, principalmente da região da fronteira e países vizinhos.

São elementos ativos, as religiosas do puríssimo Coração, ao lado dos padres palotinos, para a divulgação da cultura e dos costumes italianos através da religião e da educação.

Destaca-se, portanto o Colégio Bom Conselho não apenas como escola que preparava as mulheres que deveriam compor a elite sul-rio-grandense pelo ensino, pela instrução cristã das jovens para o futuro “das mulheres” que constituiriam esta elite. O ensino proposto pelo colégio tinha sólida formação espiritual, moral, intelectual, cívica e social.

O curso ginásial oferecia em seu currículo além das disciplinas obrigatórias como matemática, literatura, e história, também se ensinava a religião Católica. Ainda eram oferecidos cursos de línguas, desenho, artes manuais, pintura, bordados, corte costura, educação musical, datilografia, educação para o lar, economia doméstica²⁹.

Pouco a pouco através da religião e das escolas católicas, foi se dando uma profunda ressignificação do que seja ser “italiano”. Ao lado dessa formação católica estavam sendo adquiridos os valores culturais italianos, ensinados pelas religiosas; muitas descendentes de imigrantes. Os efeitos dessa ação educativa e disciplinadora efetivamente ajudaram a modificar o status da população de imigrantes italianos “gringos”, grupo social muito discriminado no Rio Grande do Sul desde a sua chegada. Na medida em que os valores italianos são transmitidos às alunas gaúchas pela escola católica, um novo paradigma foi sendo construído.

Os valores trazidos pelos italianos foram sendo ensinados pelo Colégio Católico, foi o instrumento indispensável na construção do conhecimento de forma integral, um novo paradigma foi sendo construído. Portanto, segundo ZAGONEL o conceito de italianidade aos poucos se transformou em sinônimo de trabalho, criatividade, responsabilidade e progresso.

O que outrora era um termo pejorativo para designar os pobres miseráveis expulsos da terra européia e asilados nas terras desprezadas pelos gaúchos criadores de gado, aos poucos o termo “italiano” vai ganhando outro significado, trabalho, honestidade, persistência, criatividade e engenhosidade, característico do povo italiano ia ficando explícito. Ao mesmo tempo as tradições usos e costumes dos imigrantes vão se incorporando ao dia-a-dia dos colégios e paróquias e os alunos principalmente aqueles de regime de internato ao retornarem às suas casas, irão contaminando seus pais e amigos com as novidades do colégio católico cujos professores são descendentes de imigrantes. O que antes era pejorativo, agora passa a ser um adjetivo quanto aos valores, costumes e tradições dos imigrantes.

²⁹ Compreendia a organização curricular dos saberes doméstico como, por exemplo: lavar roupa; substância empregada para a lavagem da roupa; as diferentes operações de acordo com o tipo de tecido. Outro exemplo: atividade simples, como escolher a roupa adequada ao clima, era ensinada do ponto de vista “científico”, influência da forma e cor do vestuário sob o ponto de vista da temperatura. A seguir aprendiam qualidades indispensáveis a uma boa dona-de-casa: ordem, previdência, atividade, economia, presença de espírito e amor ao lar. Ensinar estas qualidades às alunas era objetivo da Economia Doméstica.

CAPÍTULO II

DISCURSOS DISCIPLINARES

2.1 Gênero e Poder

Ao abordar a educação da mulher no Rio Grande do Sul, é interessante avaliar a questão moral e o imaginário construído sobre essas mulheres, salientando a construção e difusão dos modelos de “rainha do lar e anjo tutelar”, a partir do que escreve Ismério³⁰. Tais modelos, de conduta feminina foram difundidos pela propaganda positivista através da Igreja do Apostolado Positivista, do teatro e da estatuária. Faz um confronto entre o discurso da elite governante com a mentalidade construída pela Igreja Católica, contrastando a permanência de símbolos comuns a ambas as doutrinas.

A estratégia fundamental para que o processo de disciplinarização ocorresse de forma a ser contemplado. Iniciava com o envio da menina a uma instituição disciplinadora como o Bom conselho, e lá ela seria conduzida ao título de “anjo tutelar” da família. À mulher é quem deveria manter a organização da casa, cuidar do asseio e higiene dos filhos, serem habilidosa com os trabalhos manuais, mas sem descuidar da atenção para com seu marido. Portanto para zelar pelo seu lar e não para atividades fora dele.

Jacques Donzelot, ao estudar os processos de disciplinarização das famílias, afirma que “a missão da mulher é velar por uma retração social de seu marido e de seus filhos, pois (...) a família se molda a partir de uma redução de cada um de seus membros aos outros numa relação circular de vigilância contra as tentações do exterior”.²

A compreensão da relação de vigilância ocorre através da construção do conceito do processo de disciplinarização e poder. A finalidade deste tópico é

³⁰ ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: Amoral e o Imaginário: 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995: p. 13.

delinear o momento desse processo: a disciplinarização das mulheres através das práticas educativas vividas no interior do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.

Ao projetar a busca de respostas nessa questão, o desafio levou-me a procurar na própria trajetória apanhar fontes, e escrever uma versão sobre este Colégio, todo o conjunto de perguntas, procedimentos, tentativas de conclusões foi orientado principalmente por uma categoria: gênero. Por isso a necessidade de compartilhar minha concepção desse conceito.

A necessidade de educar mulheres para o desempenho das funções atribuídas ao sexo feminino nas primeiras décadas do século XIX, naquele período histórico. O Colégio através da educação e da disciplinarização, propunha-se a atender ao modelo idealizado para normalizar os comportamentos das mulheres que ali estudaram ao campo de possibilidades do gênero feminino que era restrito, devido à exigência das primeiras décadas do século passado.

O Bom Conselho no qual o gênero estava explícito na organização de um espaço preparado para educar “Mulheres”, a partir de parâmetros do conteúdo social do “ser mulher”, ou seja, educação do gênero feminino. Essas mulheres no futuro implicitamente estivessem bem preparadas para educar o gênero masculino para que eles atendessem positivamente as relações determinadas pela sociedade no período.

O papel e a função social atribuída para o gênero feminino foram construídos para configurar, disciplinar através dos discursos e procedimentos que encaminhavam de forma explícita a normalização dos comportamentos legitimados pela sociedade, positivista.

O discurso disciplinador prescrito a indivíduo pertencente ao gênero feminino, era elaborado pelo gênero masculino, portanto ele continha normas de como elas deveria ser agir, pensar, reconhecer-se. Tais discursos estavam dispersos na estrutura social e tinha origem, forma, organização e funções táticas diferentes; como, o discurso religioso, jurídico, médico, educacional. Porém entre eles prevaleciam as conexões e os pontos de contato que possibilitavam a formação de uma rede discursiva sobre a mulher inscrita na estratégia global de disciplinarização do gênero feminino. Mas, o argumento sempre reconhecido é o da maternidade como principal função da mulher na sociedade.

O Colégio Bom Conselho, foi uma instituição disciplinar cujo gênero estava explícito na sua organização e funcionamento: um espaço dirigido, organizado e

habitado apenas por mulheres³¹. É nesta relação poder/gênero que a minha versão sobre o colégio se desenha: na tentativa de apreender as práticas educativas enquanto relações de gênero desde a perspectiva do poder.

Poder e Gênero: este é o núcleo fundamental do conceito de mulher, desenvolvido e operacionalizado através da proposta pedagógica do Colégio Bom Conselho.

Se “(...) o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder”³². É possível afirmar que as construções sociais do gênero ocorrem numa rede de relações de poder que perpassa e constitui a sociedade. Portanto, a argumentação desenvolvida até aqui tem uma conexão recíproca entre relação de poder e relação de gênero.

No cotidiano escolar, como as relações de gênero/relações de poder se incorporavam no funcionamento dos instrumentos disciplinares utilizados sobre as mulheres. O discurso sobre a mulher na sociedade da época e os instrumentos disciplinares, como eles davam sentido e produziam os valores de conduta a serem seguidos cotidianamente pelas mulheres, pois estes instrumentos funcionavam como fios condutores e estavam intrínsecos na organização e funcionamento do colégio no Bom Conselho.

O Colégio Bom Conselho surgiu a partir da necessidade de educar as mulheres para o desempenho das funções atribuídas ao sexo feminino naquele período histórico. Pois o “modelo” feminino esperado é de uma mulher que tenha uma formação que represente a ligação entre mulher-maternidade-família.

A “nova mãe” passa a desempenhar um papel fundamental no nascimento da família nuclear moderna. Vigilante, atenta, soberana no seu espaço de atuação, ela se torna responsável pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e pela higiene do lar. A casa é considerada como o lugar privilegiado onde adquirem os traços que definirão a conduta da nova força de trabalho do país. Daí a enorme responsabilidade atribuída à mulher para o engrandecimento da nação.³³

Considerando a função estratégica da educação desempenhada pelas instituições de ensino e pela família neste processo de disciplinarização das

³¹ O fato de ser um Colégio para mulheres não significa que o homem estava excluído desse universo, pois o conteúdo social do “ser mulher” que orientava a educação do gênero feminina continha, mesmo que implicitamente, as relações recíprocas com o “ser homem” nesta determinada sociedade e período.

³² SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, nº 2, 1990: p.16.

³³ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987: p. 80.

mulheres, ocorria desta forma, pois a ela cabia a educação dos filhos, que mais tarde fariam parte da sociedade e deveriam saber desempenhar com responsabilidade seu papel de cidadão honesto e responsável.

O gênero é considerado uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos. Isto significa que:

(...) é importante lembrar que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade – construções estas que se fazem de acordo com diferentes modelos, ideais, imagens que têm as diferentes classes, raças, religiões, etc. sobre mulher e sobre homem. Devemos ter presente também que há diferentes construções de gênero numa dada sociedade em contextos históricos diferentes “o que por sua vez supõe dizer que gênero tem história, que o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente”.³⁴

A utilização do gênero nesta investigação histórica já parte do pressuposto que não há nada fixo e constante nas relações entre os sexos. Ao contrário, o conteúdo do que é “ser homem”, “ser mulher” é resultado de conflitos e confrontos que atingem todos os domínios da vida em sociedade. Isto significa que as diferenças entre os sexos se inscrevem na dinâmica de funcionamento das instituições sociais e dizem respeito à própria organização e manutenção de ordem social.

2.2 Mulheres

Mulheres, o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho surgiu para atender as necessidades de educá-las para o desempenho das funções atribuídas ao sexo feminino naquele período histórico. Educação que é disciplinarização, pois visava normatizar os comportamentos das mulheres que ali estudaram ao campo de possibilidades do gênero feminino: considerando que naquele momento norma, moral e disciplina era foco de toda uma configuração de discursos e procedimentos, que com estes demonstram a intervenção concreta de médicos, juristas, religiosos, professores. Esquadrinhavam o universo feminino a fim de observar, ordenar, classificar: enfim, de estabelecer normas ao gênero feminino. O empenho destes

³⁴ LOURO Guacira e MEYER Dagmar, *A escolarização do doméstico*. Caderno de pesquisa, SP, nº 87, dez. 1993: p.47.

especialistas levou-os a construção de saberes científicos sobre a mulher, produzindo assim um regime de verdade sobre o gênero feminino através dos quais estes revelam as estratégias de poder.

O discurso disciplinador – discurso masculino – sobre a mulher, prescrevia como os indivíduos do gênero feminino deveriam ser agir, pensar, reconhecer-se. Tais discursos estavam dispersos na estrutura social e tinha origem, forma, organização e função tática.

Na verdade todas as formas de conexões e os pontos de contato dos diferentes setores da sociedade possibilitam a formação de uma rede discursiva sobre a mulher inscrita na estratégia global de disciplinarização do gênero feminino. Desta forma os discursos convergiam para o reconhecimento da mulher mãe, esposa dedicada, zelosa por sua família, e assim vista com peça mestra de disciplinarização. Forjando assim um feminino modelar representado pela ligação entre mulher-maternidade-família.

A educação rígida e o confinamento tornaram-se forte instrumento de disciplinarização do gênero feminino, de maneira geral voltada a formar-las para integrarem a sociedade munida de uma formação para serem ótimas donas de casa e mães zelosas o diferencial estava nas atividades manuais e artísticas, a elas ensinadas para atender com competência as necessidades de sua família, a retração da mulher ao espaço privado consolida-se por terem recebido uma formação disciplinadora partindo da relação de poder/relação de gênero.

Aprígido Gonzaga defende que a finalidade era de ensinar a mulher a desenvolver suas tarefas dentro do lar e esporadicamente contribuir para a manutenção da família através de atividades remuneradas exercidas, preferencialmente, no âmbito doméstico. Portanto, o principal objetivo do ensino feminino deveria ser a formação de donas de casa e mães e, secundariamente se ocupariam de alguma atividade com remuneração como: costureiras, bordadeiras, professoras de música, estas atividades não as afastariam do espaço privado; A única opção de qualificação profissional para inserção no espaço público era a de professora, só que essa tarefa também era encarada como uma face da missão materna da mulher; aquela que educa, ensina, cuida.

Foi no contato com fontes escritas – Jornais publicados em Santa Maria que remetem as três primeiras décadas do século XX que percebi a efervescência de discursos sobre a questão feminina, no firme propósito de normatizar o gênero

feminino, mesmo sem ter aprofundado a pesquisa nas publicações dos jornais, *Diário do Interior* e *A Razão*, encontrei um número significativo de artigos que abordavam este tema sob vários aspectos, onde os títulos já informam um pouco do conteúdo.³⁵ O artigo *Mulher para o lar ou para O salão?* Interessa; sobretudo a análise polêmica presente naquele artigo que tratava da educação das mulheres, escrito por Leonor Posada sobre a educação da mulher.³⁶

A audaciosa Leonor Posada expressando sua apreciação, ela afirma enfaticamente:

[...] o ideal feminino que coloca a cultura excessiva acima da maternidade é ideal suicida. De facto, entre o trabalho do lar e aquelle que pode diminuir a sua capacidade de ser mãe, a mulher não tem o direito de escolha – o primeiro se impõe soberanamente, pois sob esse ponto vista, não o indivíduo que se cogita e sim da raça a se perpetuar. (*Diário do Interior*, 03.06.1923 p. 03).

O artigo denominado *A Educação da Mulher* também enfatiza a primazia da educação da mulher para o lar, pois traz uma série de prescrições que reduzem a mulher às tarefas domésticas: “*cozinhar e fazer pão, lavar e engomar, cerzir meias e pregar botões, ter a casa bem arrumada e cada coisa em seu lugar*” (*A Razão*, 03.08.1926: p. 04).

O discurso do paraninfo na solenidade de formatura de um curso para formação de professora do Colégio Santana,³⁷ é exemplar para captarmos os espaços, as características, os papéis sociais reservados e atribuídos às mulheres daquele período.

Mulheres são aquelas que enchem quotidianamente o lar de suas alegrias e de seus agrados. Mulheres são as que tudo fazem pelo sossego, pela prosperidade, pela saúde daqueles cujo destino está ligada ao seu. Mulheres são as que recebem por bênçãos do céu os deveres e os encargos da maternidade. Mulheres são as que sabe aplacar a cólera do pai, do filho, esposo a lhes aflorar nos lábios. Mulheres são as simples, as submissas, as resignadas: são estas as servas de Deus, estas ancilas de Cristo que nos alumiam o intelecto, que nos mostram as estradas que vão ter ao bem. (*A Razão*, 10.12.1942: p. 04).

³⁵ A leviandade dos Maridos; Como a Mulher Deve Ajudar seu Marido; O Direito de Falar; Um Lar Feliz; Crônica sobre a Educação da Mulher; A Mulher no Júri; Mulher para o Lar ou para o Salão? A Educação da Mulher; ¹

³⁶ A entrevista com a professora Leonor Posada sobre a educação da mulher para o trabalho ou para o lar a entrevistada coloca sua opinião e afirma ênfase a condição de mãe, esposa sem lhe oferecer direito à escolha.

³⁷ Escola que funcionava igualmente em regime de internato e administrada pelas Irmãs franciscanas.

Mas outros discursos se fazem ouvir, como enxergamos na *Crônica sobre a Educação da Mulher* onde Fernando do Ó, critica todos aqueles partidários da manutenção do “ignominoso Captiveiro” vivido pelas mulheres. Colocando-se como “partidário da igualdade absoluta do homem e da mulher”, o autor recomenda a “mais ampla liberdade da mulher, tendo por base uma educação racional e livre dos apelos dogmáticos ou religiosos” (Diário do Interior, 03.07.1923: p. 01) Vozes com esta eram destoantes dentro do discurso hegemônico no qual a discussão sobre educação das mulheres girava em torno da maternidade e para as atividades no espaço doméstico. Tais posições informavam qual era a imagem de mulher perfeita: a boa mãe e dona de casa zelosa.

As características assumidas como “naturais” ao sexo feminino, tais como submissão, fraqueza, recato, resignação, eram explicadas através da determinação biológica e se apresentava em contraposição às características masculinas. Na relação homem-mulher cabia sempre ao homem a iniciativa, seja ele pai, filho ou esposo,³⁸ era sempre o pólo mais importante.

A função da mulher sempre está relacionada ao masculino que se inscrevem as funções da mulher: “educar os filhos dentro da moral e dos ensinamentos cristãos, contendo e aconselhando o esposo”, nas palavras de Aprígio Gonzaga, as mulheres estariam contribuindo para o engrandecimento da Pátria. Por isso, o espaço social reservado a mulher era o próprio lar, mas o seu enclausuramento tinha uma retribuição: as mulheres eram as “rainhas do lar”.³⁹ É neste binômio matrimônio-maternidade que se inscrevia o destino das mulheres.

A própria natureza determinava a função principal da mulher à maternidade para perpetuar a raça, daí a necessidade da multiplicidade de discursos para persuadir a mulher a assumir o papel de mãe, pois as mulheres precisavam ser convencidas a assumir o destino do seu gênero. Conforme Elisabeth Badinter na Europa do século XVII, os higienistas lançaram a campanha para o aleitamento materno: não bastava parir, era preciso nutrir. No século seguinte, o eixo se deslocou: ser mãe não era apenas nutrir seus filhos, mas principalmente educá-los.

Seguros de suas certezas, os ideólogos do século XIX aproveitaram a teoria da mãe “naturalmente devotada” para estender ainda mais as suas responsabilidades.

³⁸ Uma idéia que compõe o conceito de gênero é a reciprocidade entre a definição de homens e mulheres. Tanto que é sempre em relação ao masculino que se inscrevem às funções das mulheres

³⁹ISMÊRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário: 1898-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 11.

As funções de nutrir, educar não bastavam. (...) explicaram às mulheres que elas eram as guardiãs naturais da moral e da religião e que da maneira como educavam os filhos dependia o destino da família e da sociedade. E o povoamento do céu.⁴⁰

Na sociedade brasileira do início do século XX, diferentes agentes intervinham no preparo da educação do gênero feminino, ensinar a mulher a cuidar de seus filhos quanto para prepará-la para educá-los. A presença desse discurso no âmbito da nossa história pode ser observada no discurso de um médico, assim freqüentador da seção Conselho às mães do jornal Diário do Interior.

A mulher, como geradora da humanidade, cumpre criá-la bela e sadia. Mães dos homens devem fazer os filhos sãos e formosos. Esta é a sua missão mais alta nos quatro cantos da terra.⁴¹

À mulher foi imposta à idéia que o dever supremo da mãe era ser “boa educadora” de seus filhos. À medida que se atribuía tanta importância a esta função social das mulheres, havia uma preocupação em prepará-las para o exercício de suas tarefas dentro do lar. Isto fica explícito no discurso de um eminente professor e ideólogo dos rumos da educação brasileira após a proclamação da República que, que ao defender a “educação da mulher brasileira”, argumenta que a mulher brasileira, como a de outra qualquer da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, uma aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia de sua prole: dona e reguladora da economia da casa, com todos os mais deveres correlativos à cada uma destas funções(...) segue-se logicamente necessário que a educação da sociedade deve começar pela educação da mulher⁴².

Esta preocupação pode ser compreendida a partir das funções estratégicas que cabiam às mulheres desempenhar no processo de disciplinarização da família. Denzelot considera que a negligência com a educação da mulher poderia ser ameaçadora, pois, os estabelecimentos agentes intervinham tanto para ensinar a mulher e prepará-la para educar seus filhos.

⁴⁰ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985: p. 256.

⁴¹ Diário do Interior, 04.03.1922: p. 01

⁴² VERRÍSSIMO, José. *A educação nacional*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985: p.118

Perigosa num momento em que se tem consciência de que é através da mulher, através do que a ela se proporciona que as normas de uma vida sã, regular e disciplinada poderão ser introduzidas na vida doméstica⁴³

A educação feminina estava intrinsecamente ligada às escolas religiosas, primeira e, durante muitos anos, únicas instituições a ensinar mulheres. Na voz de um padre, num diálogo imaginário com uma aluna, percebe-se o objetivo de formar a “boa educadora” implícito na educação ministrada nestes colégios:

Já tem minha filha, uma razoável bagagem de conhecimento. Vais precisar educar teus filhos. É na criança que hás de pôr o melhor de ti mesma. (...) É. Necessário, pois, que te instruas se tem amor ao filho, para que a verdade triunfe em sua alma.⁴⁴

O Colégio Bom Conselho, instituição vinculada a Igreja católica, dirigida por religiosas da congregação do Sagrado Coração de Maria, cumpriu relevante trabalho na educação feminina no Rio Grande do Sul.

⁴³ DENZELOT, Jacques. *A política das Famílias*. Rio de Janeiro, Graal 1986:75.

⁴⁴ AZEVEDO, Soares de. *Tradição e Tradições – Catolicismo*. Editora: Cruzada da Boa Imprensa: 1937. Coleção: Bibliotheca da Intelligencia a Serviço Dum Christianismo Racional. Pg. 78.

CAPÍTULO III

COTIDIANO, CONVIVÊNCIA, TESTEMUNHO.

3.1 Depoimentos

Através dos depoimentos, penetramos no interior do Colégio Bom Conselho para rememorar, o vivido pelas alunas, irmãs, e professoras configurando nas práticas educativas constitutivas do cotidiano escolar.

No cotidiano do colégio me deparei com a pluralidade das experiências ali vividas: experiências de alunas internas e externas, religiosas e professoras. Portanto utilizei fontes orais, iconográficas e escritas,⁴⁵ longe da uniformidade de um único cotidiano, procurei dados muitas vezes dispersos, fragmentados dispersos, e que se compuseram com tal uniformidade os depoimentos das mulheres⁴⁶.

O cotidiano é o palco, o lugar onde se constitui a perspectiva de análise possível para apreendermos as relações de gênero/relações de poder no interior do Bom Conselho. O cotidiano cumpre aqui uma função imprescindível para o estudo da disciplinarização das mulheres em regime de internato em institutos de educação católicos.

O dia-a-dia do colégio foi apresentado através dos fragmentos multiformes e a pluralidade das experiências vividas por alunas internas e externas, professoras e religiosas. Os dados dispersos fragmentados descontínuos é que informam sobre a *trama* do dia-a-dia das mulheres, fonte privilegiada em relação aos outros vestígios escritos e fotográficos, foi somando estes vestígios muitas vezes contraditórios, levando-me a inevitável diversidade de interpretação.

A narração dos acontecimentos, eventos, do cotidiano a interpretação a partir de conceitos, isso se configura na composição de um texto a partir de histórias narradas pelas personagens desta *trama*, mulheres.

⁴⁵ Documentos do Colégio Bom Conselho: livro de registro de matrículas, atas, regimento interno e relatórios.

⁴⁶ Alunas, professoras e religiosas que totalizaram dez depoimentos, onde cada mulher rememorou o vivido cotidianamente no Bom Conselho.

A concepção de relações de poder /relações de gênero, estarão delineadas através dos roteiros do dia-a-dia das alunas, onde se podem tentar reunir os fios que teciam os instrumentos disciplinares impostos as mulheres no cotidiano escolar, e que estabeleciam práticas que restringiam a s mulheres ao destino de seu gênero.

Para compreender o Colégio e sua rotina, o que se passou no interior do Bom Conselho através das lembranças de ex-alunas, internas, externas, Irmãs, professoras. São elas que conduzem nosso olhar sobre o cotidiano no internato. São os depoimentos que responderam: No que consistia a vida dentro daquelas paredes?

3.1.1 A rotina⁴⁷

As meninas tinham o dia muito cheio, batia o primeiro sinal para levantarem as seis e meia da manhã, era um pulo todas estava em pé, cada uma arrumava sua cama, se vestiam e iam para o lavatório fazer a higiene, tudo era muito organizada, a freirinha que dormia na cela do dormitório coordenava e vigiava para tudo correr bem, “Às vezes agente saia da cama e a freirinha aparecia e tinha que mergulhar e ficar quieta, às vezes ela vinha de lanterna pra ver se a gente tava dormindo. Todo mundo tinha que dormir. Porque no outro dia tinha que levantar, tinha que ir a capela” (FLORISBELA).⁴⁸

“Às sete horas iam a Capela para fazer as orações depois ao refeitório tomar o café, às oito começava a aula às dez horas o intervalo para o lanche, as externas levavam o lanche ou pagavam separado da mensalidade. A aula prosseguia até o meio dia, todas as internas iam novamente para o refeitório almoçar, as externas iam almoçar em casa e retornavam as 14:00h para os trabalhos manuais”. (IRMÃ ISABEL)

⁴⁷ Informações conforme dados retirados das crônicas, fornecidos pela Irmã Isabel, residente atualmente na casa das irmãs em Silveira Martins. As alunas internas são obrigadas a obedecer aos seguintes horários: Levantar as 06:00h, orações na Capela as 07:00h, café da manhã o 07:30, início das aulas 08: 00h, as 10:00h o recreio no pátio do colégio, almoço as 12:00h. O café, lanche e almoço eram feitos no refeitório. A tarde as aulas começavam as 14:00h aula de bordado, corte, pintura, música, datilografia com exceção de quarta e sábado as tardes eram reservadas para o banho, as 16:00h era servido um chá ou café. Ceia as 19:00h, recolhiam para dormir as 20: 00.

⁴⁸ Informações obtidas através do depoimento de Florisbela Bragança de Moraes aluna interna.

“Fazia fila, aí era com fila, sem conversa. Se ia a fila para todo lugar (...), Estávamos sempre em fila. Depois que entrou pra fila era em silêncio. A conversa era no pátio e na aula tinha os cochichos”. (FRANCISCA)

“A rotina do colégio, as irmãs eram enérgicas com as gurias, na época era pulso firme e tinha horário pra tudo, era muito organizado, era o sistema antigo, tinha muita organização, e elas eram irmãs, todas elas, bem religiosas; o ensino religioso fundamental, mais as minhas professoras foram todas ótimas”. (LADY)

3.1.2 Comer

“As refeições das internas e semi-internas eram feitas no refeitório, as externas traziam o lanche de casa e o almoço era feito em casa”. (IRMÃ ISABEL)

“No refeitório. Era silêncio, não podia conversar, nem reclamar” (FRANCISCA).

“A comida era boa; arroz, feijão, mandioca, batata, massa sexta-feira era dia de massa. A minha era diferente nos domingos o pai mandava meia galinha”. (NYORA).

“A gente comia lá que era uma beleza. Tinha um hotel ali; até o papai deixou lá dito pra eles nos domingos levarem pra mim cuca, galinha assada ou se tivesse piquenique pra levar doce. Quando papai chegava lá acertava tudo”. (FLORISBELA)

“O café era bem bom, porque tinha três tipo de pão e sempre tinha uma coisa por cima do pão. Nós chamávamos de meleca amarela e de meleca preta. A meleca amarela era melado de laranja, e a preta era de uva. Então era diferente assim, a gente podia escolher o pão, o pão branco era feito de farinha clara e o pão preto era feito de farinha crioula (integral). E tinha o pão de batata doce, era bem bom”. (FRANCISCA)

“As alunas externas, tinha mês que, por exemplo, que minha mãe não podia preparar o lanche pra levar, então fazia o lanche e pagava separado da mensalidade. Geralmente eu levava de casa daí agente comia o lanche no pátio, tinha um enorme de um pátio coberto”.⁴⁹

“la pra casa almoçar e voltava às duas horas para o bordado. Pêra ai; menos quarta e sábado, por que era o dia do banho, então nesses dias não tinha nada de tarde”. (LADY)

“O pão era muito bom, era uma freira que fazia, tinha um negócio que elas faziam que chamava mana-pança, era um pão que crescia, muito bom”. (NYORA)

3.1.3 Higiene

“O banho era depois do meio-dia, antes do meio-dia um pouco, a gente saia da aula ia pro banho, inverno e verão, sempre foi assim. Quando estava menstruada tinha banho de caneca, não podia tomar banho de chuveiro, não deixavam tomar banho de chuveiro, quando estavam menstruada, não lavavam a cabeça três a quatro dias. Tinha um banheirinho separado, que ficava tudo ali. Nessa ocasião só lavava lá por baixo né”.

“Quando perguntei pelos banhos de camisola. A senhora lembra de uma camisola de tomar banho”. (FRANCISCA? Nunca tomei banho de camisola. Porque a gente não tomava banho junto)

“Elas falavam que, que as gurias andavam lá, chorando pelos cantos, que não sabiam, e às vezes então tinha as irmãs que tinham estudado enfermagem, então elas ensinavam as gurias que tinha que ter bastante higiene. Tinha uma que diziam que não podiam se lavar, não podia ir para baixo do chuveiro lavar o cabelo, tem que se cuidar, se tiver muito frio, pode ter um pouco de cólica, mas tem que fazer bastante higiene. Naquela época até o dormitório era separado das maiores, as maiores e as médias, já passavam por aqueles. Porque as vezes as gurias iam

⁴⁹ Estas informações foram retiradas do depoimento de Lady Maria Madalena de Gregório aluna do regime de externato.

de noite no banheiro, tomar um banho e se deitar (quando estavam menstruadas). Então tinha que fazer aquilo(...) Então quando começavam a menstruar ficavam separadas”. (FLORISBELA)

“Daí era o dormitório das maiores. Porque naquele tempo não tinha divisão, porque os quartos eram grandes, tinha umas quantas camas. Tinham divisões pra não ficar todo mundo num só. Mas lá em cima tinham vários dormitórios.” (FLORISBELA)

“Nas aulas de ciência não ensinavam o corpo humano. Não ensinavam, mas não ensinavam nada de sexo. Eu menstruei no colégio, eu fiquei assustada, minha nossa senhora, o que será? não sabia. Nem as colegas comentavam”.(NYORA)

“O banho, era quarta e sábado. Banho tcheco, tcheco, só quando estava menstruada. Bom eram 100 meninas tu já imaginou todas... , e banho frio. Tinha, elas tinham um tacho enorme que elas faziam fogo embaixo e a água a gente pegava com o balde. Tinha chuveiro, mas o chuveiro era frio, e bem frio. A gente tomava banho na quarta e no sábado. E quando estava menstruada. Não deixavam lavar a cabeça de jeito nenhum. Ali elas tinham um negócio lá em cima, perto da rouparia, uma espécie de uma banheira pequena, meia banheira.” (NIORA)

“A camisola para tomar banho, banho, ah sim, claro tinha a camisola, a manguinha era japonesa, de algodão, decote V. E se esfregava por baixo ou passava sabão na camisola e ia esfregando”. (NYORA)

3.1.4 Vestir-se

“O uniforme, era assim, uma saia azul-marinho, a saia era pregueada branca e tinha um casaco azul também e blusa branca. Ah tinha boina. Não, no colégio nas aulas, na igreja era o uniforme, gente ficava assim com roupa comum, é só para ir aos piqueniques, na igreja e na aula que era o uniforme. A gente podia usar outra

roupa em outro horário, sim as roupas que trazia de casa. O uniforme era mesmo quando saía para rua e para as aulas”. (FRANCISCA)

“Tinha o uniforme de sair e o uniforme de ficar dentro do colégio, uma saia azul, a saia era pregueada e boina, esse era o de sair e uma blusa branca, pra quando tinha alguma coisa, o diário era um avental xadrez de azul e branco, que a gente colocava por cima da roupa”. (LADY)

3.1.5 Namoro

“A chance de namorar um menino, estudando no Bom Conselho, eu acho que zero. Mas a Iolanda namorou, tem uma possibilidade. Trocava-se bilhetinho, olhares...? Agora negócio de namoro, essas coisas, de jeito nenhum. Os rapazes, por exemplo, se tinha um bolinho de rapazes (na rua) elas não passavam, mandavam eles sair para nós passarmos, elas não deixavam”. (NYORA)

“Namoro, olha que eu saiba no meu tempo não, só que era proibido. Naquela minha época era proibida, a menina namorar, porque era muita responsabilidade pra elas, e elas tinham muito medo; no pátio elas cuidavam todo o tempo que a gente tava lá, tinha as irmãs cuidando. A gente tinha que anda na linha. A gente não andava com rapazes, nem falava com os rapazes”. (YOLANDA)

3.1.6 Rezar

“Ai rezava na hora do almoço, na hora de deitar, sempre rezavam. De manhã quando levantavam depois rezava e saía do quarto, rezava uma ave-maria, agradecia pela noite. Quem puxava as orações eram as irmãs. E rezavam o terço na capela”. (YOLANDA)

“(…), tinha umas até que não era da religião, mas elas iam juntas assim (...), tinha aluna que não eram católicas tinha uma lá que era protestante, as irmãs aceitavam, elas diziam que podia ser até que ela se convertesse. E eram alunas boas. Ela ia na capela e tudo”. (FLORISBELA)

“No colégio todas as horas antes da aula, era reza né, agora as irmãs de noite, depois que encerrava a aula que a gente ia embora elas tinham um terço, todas as noites, mas isso era ai, quem tinha que sair ia pra casa”. (LADY)

“Tinha um tipo de jejum, a sim, tinha um tipo de um retiro, na páscoa, antes da páscoa. A gente fazia um retiro, não podia conversar, em lado nenhum, nem no pátio, nem nada. Retiro, retiro, sem fala, não podia conversar, só o necessário. (FRANCISCA)”.

3.1.7 Primeira comunhão

“Eu fiz a primeira comunhão com seis anos, e o catecismo, as orações todas eram em italiano, coisa que eu não recordo nada, nada. (LADY)”.

3.1.8 Confissões

“Confessava! Sim, meu maior pecado era conversar na aula, tudo era pecado; era um horror os pecados (risos), conversava na aula, não fazia os temas, desobedecia às irmãs porque conversava, uma coisa ia puxando a outra, isso ai. As penitências eram rezar dez pai nosso, dez ave Maria, e assim por diante. Agora quando conversava na aula as irmãs davam a penitência das frases. [...] eu era sempre os mesmos pecados, nem tinha diferente”. (NYORA)

“Confessava, a gente inventava uns pecadinhos lá, fazer as coisas mal feitas na aula, eles contavam como pecado uma falta né. As penitências eram o mínimo, assim, umas aves marias, uns pais nosso, não era castigo”. (FRANCISCA)

“Confessava que brigou com a mãe, que respondeu, era os pecados que tinha tido raiva, era um pecado que hoje é até de achar graça, na época eram pecados sérios”. (LADY)

“As confissões, não era exigido era quem quisesse. Ia o padre lá era de tarde, a tarde de sábado. Quem quisesse, porque marcava hora, me parece que era quatro horas, então ia lá, quem quisesse confessar, confessava. Saia de lá, ia pra comunhão. Nem tinha o que confessar”. (FLORISBELA)

3.1.9 Igreja

“[...] as idas a igreja, não, na igreja nós ia só fim de semana domingo, tudo em fila uniformizado. Depois da missa vinha pra casa, tirava o uniforme, porque dentro do recinto do colégio, era roupa comum, o uniforme mais era só para sair na rua”. (FRANCISCA)

3.1.10 Aulas

“O horário das aulas das disciplinas, e dos trabalhos manuais, Sim, o bordado geralmente era de tarde, e de manhã era aula normal por matéria, às matérias eram; tinha matemática, história, geografia, ciência, tinha essas coisas que vocês já deram, só que não era tão puxado como hoje né”. (FRANCISCA)

3.1.11 Música

“Eu queria piano, mas veio a época da gaita-piano, meu pai me botou uma gaita no colo, eu não gostava da gaita. Apreendi com muita má vontade, só pra agradar o pai. Aí eu tocava o que eu queria mesmo, mas eu gostava de piano, tirei três anos de piano, no colégio mesmo, tinha uma irmã que veio da Alemanha, irmã Perpétua, ela veio da Alemanha e sabia todos os instrumentos, era a coisa mais linda que vocês possam imaginar vendo ela tocar e ensinar, porque ela tinha um ouvido, que ela ouvia de longe a gente errar e ela só fazia assim: ah, ah, ah...”. (NYORA)

“[...] as meninas estudavam música também, estudavam piano, violino, violão, dependia da vontade de cada uma”. (LADY)

3.1.12 Aula de trabalhos manuais

“Esse bordado produzido no colégio era diferente, diferente de outros colégios, de outras regiões, até mesmo do bordado produzido no Brasil, devido à origem da congregação das irmãs, da Áustria. Olha tinha um ponto, que até hoje eu não consegui fazer esse ponto, que era um ponto muito bonito, eu acho que tinha um ponto só que eu não me lembro. Se não era ponto cheio, pontos comuns. Mas tinha um ponto que era muito bonito, só que esse eu não consegui mais fazer, eu tentei, mas não sai. Eu senti muito de não..., mas sabe o que é eu casei, e em seguida tive os filhos um em cima do outro, juntos”. (YOLANDA).

3.1.13 Avaliações

“Lembro das avaliações, a cola corria frouxo. Uma passava pra outra, num papelzinho. [...] eram feitas as avaliações, era a irmã da aula mesmo que fazia. A

avaliação era em junho, que vinham as férias de junho, não era em julho. Depois em dezembro. Eram só duas avaliações. Teste não tinha, nada disso. Desenho tinha, muito desenho”. (NYORA)

3.1.14 Lazer

“As irmãs brincavam juntas, só às vezes elas brincavam um pouco, mas com aquelas roupas delas não dava. Elas ficavam só passeando no pátio, enquanto nós brincávamos. Elas acompanhavam pra gente ir naqueles campinhos. E eles convidavam ali perto, quem tinha bastante fruta, eles convidavam pras gurias ir lá passear e comer fruta, nós passávamos jogando sapata, caçador, escuta só, caçador, vocês nem sabem o que é, bilboquê, io-iô, bambole, arquinho, o arquinho era formidável”. (NYORA)

“Nos passeios era roupa comum; a gente voltava suja, que era uns bicho. A gente ia pros arvoredo, comer laranja, e fazia aquela função toda. E nas aulas, uniforme no bordado e corte-costura era usado roupa comum”. (FRANCISCA)

“E quando agente saía, ai nós nos se esbaldava. Subia nas árvores, comia laranja, aquela coisa toda”. (FRANCISCA)

“Eu sendo externa, eu continuava na rotina das meninas mesmo, eu brincava com elas, a gente passeava, saíamos nas chácaras, tinha a chácara delas né, era assim, era uma beleza, assim, tempo de uva, a gente ia comer uva, tomar vinho doce, e elas levavam”. (YOLANDA)

“[...] ali havia jogos, jogava, pátio calçado hoje tem outro nome, não recordo direito, e tinha uma grande parte descoberta, jogava bola, jogava aquele arquinho, tinha sim, educação física, marchar, e isso era ensaio para alguma coisa. Era para as paradas”. (LADY)

3.1.15 Dormir

“No dormitório, não tinha bagunça, todo mundo ia quietinho pra cama dormir, e cansada de tanto correr, pq eu era guria e ainda corria”. (NEIVA)

“(…) as moças, elas tinham os quartos individuais pra elas, pq elas eram moças e tavam fazendo o enxoval. Elas iam lá só pra isso aí”. (NEIVA)

3.1.16 Enxoval

“O material necessário, para as aulas de artesanato, bordado, pintura, corte e costura, era de responsabilidade das alunas as peças produzidas, confeccionadas pelas alunas nas aulas eram individuais, a gente fazia e levava pra casa, porque a gente pagava tudo. Elas tinham o tecido, o material. E tinha ali uma loja, tinha uma até bem boas, com bastante coisa. Agora a coisa deu para trás”. (FLORISBELA)

“(…) as moças e tavam fazendo o enxoval. Elas iam lá só pra isso aí, elas já tinham namorado, outra tinha noivo, então elas iam fazer o enxoval ali. Tinha uma de Alegrete, tinha de Uruguaiana, tinha de Livramento. Vinha as moças de fora pra se aprontar o enxoval, pq aquele tempo não tinha onde comprar, tu entende, faziam aqui, vinham pra cá fazer o enxoval. Vinham só pra fazer o enxoval”. (YOLANDA)

“Mandavam uma filha pra um colégio pra aprender a bordar e costurar. É que eles eram fazendeiros, e pra fora não tinha nada disso; de Livramento tinha muitas, de Uruguaiana tinha muitas, de Plano Alto tinha muitas, de Itaqui quantidade, Cacequi, São Gabriel, Rosário, tinha quantidade; ali pra fronteira era quantidade de moças, não tinha onde comprar. Eram trabalhos diferentes entende, tudo era diferente, não tinha, por exemplo, tu chegar em uma loja e comprar, tu comprava a fazenda, tu comprava a linha, tu comprava a tinta, comprava a tela, tudo isso tinha, mas prontos não tinha. Tu tinhas que aprender a fazer. Ali a menina produzia seu próprio enxoval. Eu produzi meu próprio enxoval e fiz pra minha mãe”. (NYORA)

“Aquele época era um diferencial as habilidades adquiridas no colégio. Era né naquele tempo. [...] sabe que quanto mais tu aprendias, mais trabalho tu passavas na vida, e é assim. Eu não quis que minha filha aprendesse trabalho manual nenhum, pq eu fui muito explorada; pelos próprios irmão e irmãs, por todo mundo; eu fazia uma coisa e eu tinha que fazer igual pra eles. Então eu fui enjoando. Eu fazia trajes de tricô a coisa mais linda, fazia desde o bebe até... Então cansei”. (NYORA)

“Tu só pagava aquilo que tu usou, o material, as irmãs forneciam e depois o papai pagava o material. E como era pago o colégio. Ele pagava quando ele ia lá, uma vez por ano, com dinheiro”. (FRANCISCA)

“Eu pedi pro pai pra ai eu tive umas primas minhas que estudaram aqui, que faziam trabalhos manuais aqui, e eu era guria e eu ficava encantada de ver aqueles trabalhos que elas faziam lindos. Ai eu pensei, mãe eu quero ir lá no colégio das minhas primas pra fazer trabalhos, eu não quero mais estudar, ai eu vim para aqui em Silveira; pq eu sou de Rosário do Sul, tinha essas minhas primas eu vim para o colégio com 16 anos”. (YOLANDA)

“[...] eu fazia trabalhos manuais só. Só pros trabalhos manuais eu vim, eu vim só pra fazer trabalhos; fazia bordado à máquina, bordado a mão, pintura, desenho, costura, flores, tirei datilografia, música. Então eu preenchia o tempo todo com trabalhos assim”. (YOLANDA)

3.1.17 Sexualidade

“A sexualidade era um tabu tão grande, que a pessoa se não tivesse cabeça, como é que eu vou te explicar, era proibido falar em sexo, e outro detalhe, era proibido de toda maneira a prática. Deus nos livre, as irmãs não falavam em sexo. Mas isso eu to dizendo em casa, na minha casa; e as outras meninas tb, as mães não admitiam de jeito nenhum”.

[...] nas aulas de ciência ensinavam o corpo humano, mas não ensinavam nada de sexo. (NEIVA)

3.1.18 Gravidez

“[...] até quando ficou; tu ta gravando? Teve uma menina que ficou grávida e não queria dizer pra mãe, de jeito nenhum, porque ia ser um escândalo, aquela coisa. Quando estava no colégio, era do namorado. E as irmãs não deixaram continuar estudando, ai ela saiu, a família tirou. E ela casou”. (NIORA)

“Me lembro de uma que foi pra lá, ela era antes que eu, quando eu cheguei ela saiu. Ela era de Uruguaiana, Estér Delgado, o nome dela, ela chegou grávida e a irmã não aceitou ela, não aceitaram”. (FRANCISCA)

3.1.19 Casos especiais

“Tinha uma que não caminhava, deficiente, coisa mais querida, como eu ajudei a cuidar dela, tinha uma priminha dela que cuidava, e ela tava no colégio, ela estudava, ela ia à aula, a deficiência dela era as pernas, ela não caminhava; mas nas escadas né, pra levar no pátio, tudo, tinha que pegar no colo; as maiores ajudavam. Mas ela mexia os braços, a cabeça, ela era bem inteligentezinha, só não caminhava, ela deve Ter tido uma paralisia. Tinha crianças bem pequenas que tiveram internas ai. Tinha uma família de, não me lembro da onde, eu acho que era de Vale Vêneto; os pais foram plantar no Paraná e deixaram todos os filhos com as freiras, não podiam levar; os meninos em Vale Vêneto e as meninas ficaram estudando aqui. Até os pais se adaptarem no trabalho lá; elas ficaram um ano. Aí tinha uma bem pequenininha, com três aninhos, as irmãs adoravam crianças. Ficaram um ano, depois a gente achou uma falta quando elas foram embora. Depois tinha uma de sete. Eram quatro meninas e três meninos.(YOLANDA)

3.1.20 Castigos

“Olha fazia arte eu não me lembro de ter tomado castigo, a maioria mandavam escrever frases. Outras ficavam dentro da aula depois que terminou. Outras eram mandadas a rezar, dependia”. (LADY)

“Ficava na peça onde tinha o piano, ficava lá sem conversar com ninguém, ficava horas lá, mas era meio difícil assim de (elas castigarem), só se respondia, tinha meninas que respondiam assim...” (YOLANDA)

“A irmã Neli, dava castigo, tu sabe que eu uma vez copieei a tabuada quinhentas vezes; porque eu não sabia a tabuada. Quando era aula de matemática ela me botava no quadro e eu começava a chorar, pronto ai terminou, não tinha aula, mas deus me livre, nunca fui com a tal da matemática, mas eu era castigada a irmã me mandou pra sala da madre, umas vezes eu fui, mas não por rebeldia porque, claro eu não sabia, como é que eu ia fazer”. (FRANCISCA)

“O castigo que eu me lembro era ajudar, quando elas me punham de castigo, porque eu gostava de conversar, não devo falar, era as frases, lembro de outro castigo dum que elas me botaram lá embaixo no porão sentada com uma irmã que fazia puxa-puxa, e ela me ensinou e me deu a receita, e tu sabe que as irmãs não sabem mais fazer o puxa-puxa, e eu sei, então eu dou a receita”. (NYORA)

3.1.21 Aspirantes

“As candidatas que estudavam com nós, elas vestiam-se iguais, eram iguais. Tudo igual, elas tinham que trabalhar e as alunas não. Se não pagasse trabalhava”. (NIORA)

3.1.22 Internas x externas

“O relacionamento com as colegas, havia diferença entre o relacionamento com as internas e as externas. E por que havia essa... olha, havia uma rivalidade. A interna era meio, dava um chega pra lá na externa, porque era gringa. Tinha muito pouca descendente de italiano interna, a maioria era filhas de fazendeiros, muitas da fronteira, Dom Pedrito, Santana do Livramento, Uruguaiana. Tinha filhas de militares até. Havia, mas não havia um entrosamento muito grande não. Olha, eu tenho impressão por causa da diferença de posses, sempre achei, sempre senti isso muitas vezes”. (LADY)

“Eu tinha o interesse de estudar, sempre tive, desde criança, porque minha mãe se queixava, porque na época tinha que aprender fazer de tudo. Com sete, oito anos a gente tinha que fazer de tudo, a gente tava na lida, tinha que lavar roupa na fonte, ajudava a lavar louça, cozinhar, descascar batata, lavar casa, limpar, isso desde criança muito nova fazia isso, não tinha quem fizesse a mãe que fazia”. (LADY)

3.1.23 Comemorações

“Geralmente era sete de setembro, que era a data mais festejada lá. E tinha o vinte de setembro também”. (LADY)

“Era um teatrinho, uma história de fadas, uma história de um santo religioso, um tipo de palhaço, histórias dentro da religião, era um tipo de teatro; o encerramento do colégio, então no dia de encerramento enchia Silveira Martins com o pessoal que vinha buscar as filhas. Tinha três hotéis ficavam cheios de gente. O salão muito grande onde eram feitas as festas de fim de ano encerramento do colégio, então apresentavam no palco, eu nunca representei”. (LADY)

3.1.24 Comunicação e visitas

“Nós se comunicava com sua família só por carta, a gente escrevia. Elas colavam e já botava no correio. Pelo menos pra mim era assim, não sei se das pequenas elas liam, talvez lessem, porque tinha meninas pequenas, talvez elas lessem. Mas eu não sei”. (FLORISBELA)

“A minha família não vinha, só nas férias de junho, então eles vinham nas férias de junho, meu pai e minha mãe, e eles ficavam no hotel, porque naquela época tinha um bando de hotel aqui. E passavam todas as férias no hotel, ia pra Santa Maria passear”. (LADY)

“Era vinte dias, e nós ficávamos aqui. Eu nem ia pra casa, porque naquela época pra ir pra casa tinha que ser de trem e demorava muito, e gente morava pra fora, então lá, tinha que pegar carro pra ir pra fora e o pai não tinha condução, e nunca quis, nunca quis dirigir. E depois nas férias grande eles vinham me buscar. Eu não ia sozinha, eles sempre vinham me buscar. Sim porque tinha que ir até Santa Maria e depois...”. (YOLANDA)

3.2 Fotografias

3.2.1 Fotografia como fonte - Análise iconográfica

É possível ler uma imagem? Crianças pequenas julgam que as imagens não podem ser lidas, são para serem olhadas. Portanto é importante diferenciar texto e imagem sendo que apenas os textos permitem atos de leitura. Cotidianamente, artistas críticos de arte, publicitários, enfim pessoas que convivem com a imagem realizam leituras deste objeto.

O que é, então, ler? E em que consiste ler uma imagem?

Segundo os pesquisadores do Projeto Zero Harvard, a leitura é uma atividade simbólica tão importante quanto à produção artística, porque é ela que possibilita interpretar as imagens. Baseando-se em Kant e na teoria construtivista de Piaget, o grupo concebe *leitura* como compreensão e interpretação, apreensão de informações, seletividade e reconstrução do objeto.

Numa visão construtivista, a leitura é atividade complementar a produção, ou seja, para se apropriar de um determinado objeto de conhecimento o sujeito constrói representações e as interpreta. As representações possuem algumas propriedades dos seus referentes e excluem outras. O que foi excluído, no entanto, ressurgem na interpretação, no ato de leitura. Assim, ler não é decifrar, não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. Isto porque a atividade de leitura supõe a compreensão do modo de construção, seja de um texto seja de uma imagem.

Ler uma imagem seria, então, compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la, e recompô-la para apreendê-la como objeto a conhecer. *Uma imagem, ao contrário de um texto*, propicia uma infinidade de leituras devido às relações que seus elementos sugerem. Nesse sentido, pode-se ler a mesma imagem, entre outros modos, a partir de análise gestáltica, semiológica, iconográfica ou estética.

Essa diversidade de leituras não é excludente, ou seja, pode-se ler uma imagem fazendo com que as abordagens apresentadas acima, se integrem o que possibilita um enriquecimento da interpretação. As considerações de leitura de imagens das fotos históricas do Bom Conselho, quatro tipos de leitura; leitura Gestáltica, Semiótica, iconográfica, estética.

Iconografia é utilizada na interpretação, testemunho das imagens é de fundamental importância para complementar à investigação do cotidiano das mulheres no Bom Conselho. O uso de diferentes imagens complementar o sentido de “evidências aceitáveis” para diferentes tipos de situações história.

A proposta essencial deste trabalho tenta defender e ilustrar é que imagens, assim como textos e testemunhos orais constituem-se numa forma importante de evidência histórica “elas registram atos de testemunho ocular”, “imagens são testemunhos mudos, difícil de traduzir em palavras o seu testemunho”. Portanto, para utilizar a evidência de imagens de forma segura é prudente que saibamos da fragilidade deste tipo de fonte. Porque, algumas fontes oferecem mais evidência confiável que outras.

Na verdade esta obra está com seu foco voltado para a “imagem” e não para sua qualidade estética, pois independe, qualquer imagem pode servir como evidência histórica.

É importante destacar como o historiador nos últimos tempos tem ampliado seus interesses para além dos eventos políticos, tendências econômicas e as estruturas sociais, atingindo também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história cultural material, a história do corpo entre outras.

As imagens através das pinturas, esculturas até mesmo da arquitetura, percorrem os tempos desde a pré-história, as primeiras civilizações, na verdade por todos os períodos da história. A imagem muitas vezes é imprescindível na construção de uma história cotidiana ou com alguma especificidade.

A partir da segunda metade do século passado as imagens aos poucos foram sendo utilizadas em artigos publicitários; nos anos 1980, o número havia aumentado e a imagem estava sendo empregada de diferentes formas e 1995 está nova tendência vai permitir ver, imaginar o passado de forma mais viva. A imagem nesse momento sendo colocada cara a cara com a história, e fazer uso dela nos mais diferentes propósitos, a utilização da imagem (fotografias e retratos) podem ter o objetivo de apoiar a construção de um estudo histórico.

No emprego da imagem como evidência histórica tem que se ter cuidado com representação, pois quase sempre as imagens são menos realistas do que parecem.

Portanto o processo de distorção é ele a própria evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como; mentalidades, ideologias e identidades.

Ao optar pelo uso das fotografias, das margens do cotidiano do Bom Conselho, foi um desafio que possibilitou compreender e completar a análise não da simples reflexão de sua época e lugar, mas sim do contexto social em que foram produzidas.

Apesar das críticas que atribuem ao uso da imagem como fonte, decidi pela utilização de imagens fotográficas da vida cotidiana do Bom Conselho foi tarefa difícil, pois este método sofre muitas críticas por parte dos historiadores tradicionais.

Em 1930, cinquenta anos antes que os historiadores fizessem sua “virada visual” Gilberto Freyre⁵⁰ sugeria que as imagens fossem consideradas fontes

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. Citado por Peter Burke em Testemunha Ocular 2004. P. 8.

juntamente com outras não convencionais tais como as tradições orais e anúncios de jornais.

Sabe-se que para estudarmos a história da vida cotidiana, da cultura material, a história do corpo, não teria sido possível nesses campos relativamente novos se tivéssemos nos limitado às fontes tradicionais. Por essa razão, é que as imagens têm lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais, esses fios conduzirão ao final desta trama.

A proposta essencial deste trabalho, é que as imagens, somadas aos testemunhos orais, constituíssem um texto numa forma importante de evidência histórica. “Elas registram atos de testemunho ocular”.⁵¹ O uso de algumas imagens do Colégio tem o sentido de evidência aceitável no desfecho desta trama.

Acreditar que as fotos podem auxiliar como fonte para minha pesquisa, irá de encontro às discussões em torno do realismo fotográfico a discussão em torno da fotografia como meio de comunicação e forma de auxílio à história do cotidiano do colégio Bom Conselho.

A necessidade da iconografia se coloca como mais um instrumento para identificarmos significados culturais, “Morelli, consciente desse fato e, num diálogo escrito, por ele para explicar o método criou a personagem de uma velha sabia florentina que dizia ao herói que os rostos das pessoas nos retratos revelam alguma coisa sobre a história da sua época, ‘Há sempre no rosto das pessoas alguma coisa da história da sua época a ser lida, se soubermos como ler estes rostos’”.⁵² Justapor as imagens às entrevistas foi à tentativa de clarear o significado da imagem que cada foto revela.

As fotografias utilizadas neste trabalho têm a função não de ilustrar, mas de ser mais um instrumento, uma fonte que auxiliará no desfecho dos fios que teceram essa trama vivida pelas mulheres que foram educadas numa instituição Católica que atendia as expectativas disciplinares do período.

Ao me propor somar algumas fotografias as demais fontes; tive consciência de que as imagens foram compostas, organizadas, manipuladas para que as cenas

⁵¹ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*, Bauru, SP: EDUSC, 2004: p.17.

⁵² MORELLI citado em BURK, Peter. *Testemunha ocular*. 2004: p. 49.

fossem perfeitas. Segundo Daguerre, “Todo fotógrafo seleciona aspectos situações que devem ser retratadas do mundo real”.⁵³

As situações retratadas nas fotos do Bom Conselho possuem as características que na concepção de Louis Daguerre são imagens que foram organizadas e selecionadas para ser registro do mundo real, uma fotografia documental e objetiva, pois, nelas vêem-se as cenas do cotidiano, assim como das solenidades. Entretanto, esses “documentos” precisam ser contextualizados. Isso nem sempre é fácil no caso de fotografia, uma vez que a identidade dos fotografados é muitas vezes desconhecida, e mesmo assim elas podem nos dizer alguma coisa sobre o contexto político e social.

Os álbuns de fotografias do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho foram organizados com intuito publicitário a serviço da instituição de ensino católica. As fotografias de grupo têm a função de transmitir cenas da vida social onde o comportamento, a vestimenta faz parte da construção da imagem de acordo com as convenções. Portanto, as pessoas que compõem as fotos fazem parte da composição de uma cena onde se organizam os objetos, as alunas, as religiosas, os convidados e as professoras; cada item disposto para compor a cenas do cotidiano e da vida social.

[...] os álbuns eram o cartão de visitas do Colégio Bom Conselho, pois ele era deixado encima da mesa de centro na sala de visitas para que os visitantes ou pais interessados em matricular suas filhas no colégio pudessem ver como era organizado e como funcionava o colégio [...] As fotografias contribuíam a serviço da instituição de ensino cristã... (Depoimento IRMÃ ISABEL)

Ao utilizar a análise iconográfica,⁵⁴ para interpretar as imagens. As imagens são feitas para comunicar elas de certa maneira nos contam algum fato, acontecimento; num outro sentido elas nada nos revelam.

As imagens são irremediavelmente mudas. Como disse Michel Foucault, “o que vemos nunca está no que dizemos”.⁵⁵ ⁵⁶ Pois as imagens, como: pinturas, retratos ou fotografias, estas muitas vezes não possuía autenticidade, por que

⁵³ DAGUERRE, Louis. ICONOGRAFIA, esta palavra vem do grego *eikon*, imagem + *graphein*, descrever. Portanto é o estudo descritivo das imagens relativas a um personagem, um tema, uma obra, um período, um país, etc. E ainda um conjunto de imagens, ilustrações de uma publicação

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985: p. 30.

alguns artistas e fotógrafos interferiam no posicionamento das pessoas e objetos, portanto as imagens não mentem, mas, quem as produz podem mentir.

A interpretação iconográfica que foi empregada no conjunto de fotografias que compõem o trabalho procurou analisar de forma sucinta, três níveis, o primeiro é dito como pré - iconográfico à “significação natural”, o segundo nível propõe a análise do sentido estrito “significado convencional”, e o terceiro nível e talvez o mais importante por que busque uma análise mais profunda que é o “significado intrínseco”.

Ao optar por este método de análise fotográfica, precisei percorrer os três níveis que distingue a iconografia; o primeiro nível como pré-iconográfico, este, voltado para o “significado natural”, consistindo na identificação de objetos tais como: árvores, prédios, animais, pessoas, etc. e eventos que podem ser refeições, batalhas, procissões, formaturas, etc...

No segundo nível, se faz a análise iconográfica no sentido estrito, voltado para o “significado convenção”, como, reconhecer uma ceia como, “A última ceia”, ou uma batalha como, “A batalha de Waterloo”.

O principal, o terceiro nível, nos leva a fazer uma interpretação iconológica que se distingue da iconografia pelo fato de se voltar para o “significado intrínseco”, em outras palavras, os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, período, uma classe, uma crença religiosa, filosófica. É nesse nível que as imagens oferecem evidência útil de fatos indispensáveis, para os historiadores culturais. O termo iconologia⁵⁷, mais tarde foi utilizado por historiadores da arte, o termo “iconologia” para Gombrich,⁵⁸ o termo refere-se à reconstrução de um programa pictórico, já para Panofsky⁵⁹ era simplesmente mais um outro nome para a tentativa de ler as imagens com as expressões do “espírito da época”. Para o estudioso holandês Eddy de Jongh,⁶⁰ iconologia, é uma tentativa de explicar a representação no seu contexto histórico, em relação a outros fenômenos culturais.

Por outro lado, Ponofsky insiste na idéia que imagens são parte de toda uma cultura e não podem ser compreendidos sem um conhecimento prévio da cultura de um povo, região, grupo social, etc. Ele entende que para interpretar a mensagem

52GOMBRICH, Ernest H. Citado em BURKE Testemunha Ocular, 2004 p. 46-52.

53PANOFSKY, Erwin. Citado em BURKE Testemunha Ocular, 2004 p. 44-45-49.

54JONGH, Eddy. Citado em BURKE Testemunha Ocular, 2004 p. 46.

das imagens, é necessário familiarizar-se com os códigos culturais ligados aos contextos que pertencem.

A seqüência de fotos que será analisada a seguir terá uma indispensável importância na composição para desenrolá-lo desta trama.

3.3 Análise Iconográfica - Cotidiano no Colégio Bom Conselho

A análise das fotografias do cotidiano do Colégio Bom Conselho servirá de suporte para o entendimento da história educacional desta instituição de ensino, católica especializada para mulheres.

“A sala de visitas do colégio Bom Conselho continha álbuns de fotografias para que os visitantes pudessem conhecer as práticas educativas através das imagens”. (IRMÃ ISABEL).

3.3.1 Práticas pedagógicas

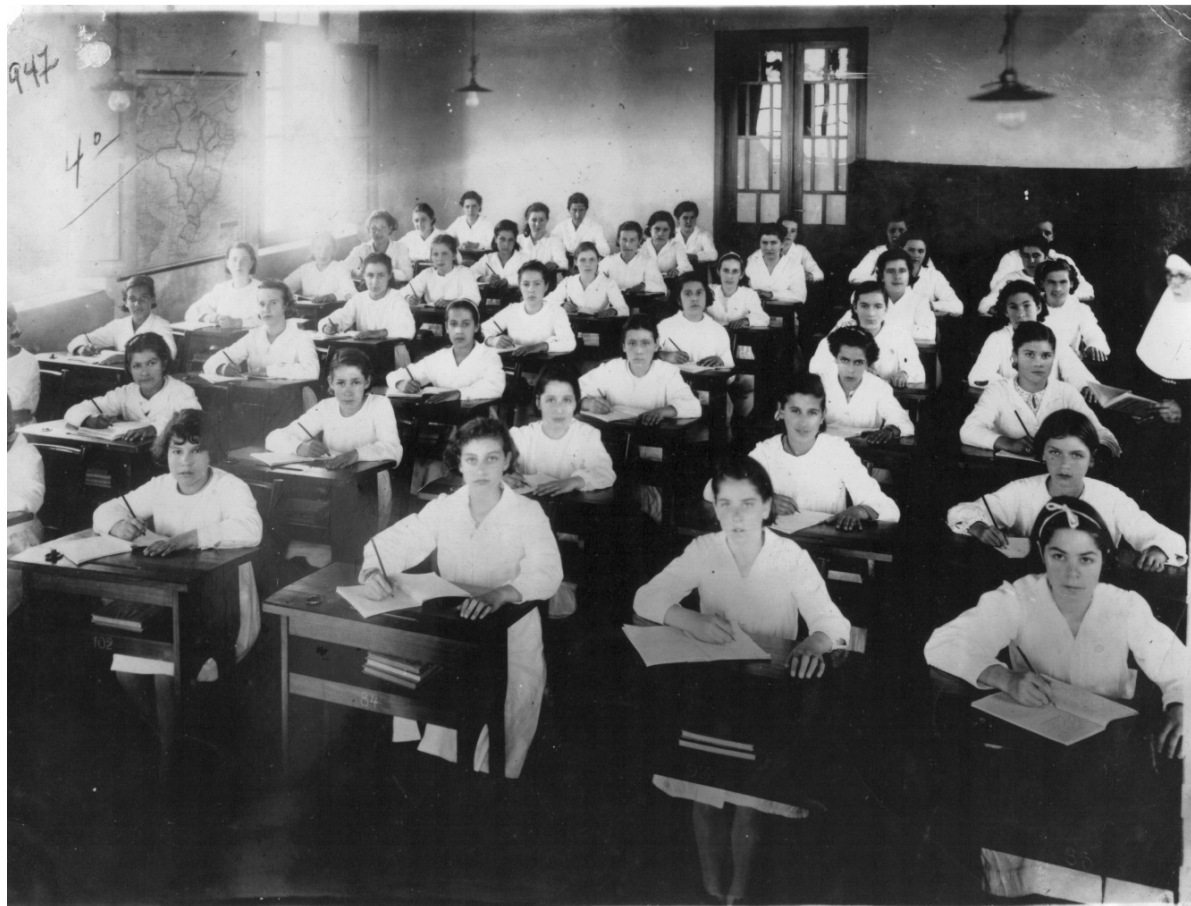


Figura Nº 06 - Turma de 47 Alunas do 4º ano curso ginásial em sala de aula, ano 1947.
Fonte: Álbum de fotografias do período



Figura Nº 07 - Sala de aula com 39, alunas do 4º ano curso primário de 1947. Irmã Neli ao fundo professora de matemática.

Fonte: Álbum de fotografias do período

3.3.2 Prática de educação física

“Educação física eu gostava muito! (ela mostra uma foto delas fazendo ginástica no campinho). Tinha uma professora que dava ginástica.(...) era Cervo, o sobrenome dela. Ela não era irmã. Não, era a única que não era irmã”. (YOLANDA)

“Eu adorava a educação física porque a gente ia lá pro campinho”. (NYORA)



Figura Nº 08 - Turma de alunas de Educação Física em 1939. Composta por 89 alunas. A professora de Educação Física neste ano era leiga.

Fonte: Álbum de fotografias do período

3.3.3 As práticas de trabalhos manuais

Nós ficávamos nas salas de costura, de bordado; tinha mais outras, tinha uma quantas, colega, minha; aquela ela veio pra fazer o enxoval, tinha naquela época tinha bastante moças, elas eram moças e tavam fazendo o enxoval. Elas iam lá só pra isso aí, elas já tinham namorado, outra tinha noivo, então elas iam fazer o enxoval ali. Tinha uma de Alegrete, tinha de Uruguaiana, tinha de Livramento. (YOLANDA)

Esse bordado produzido no colégio era diferente, diferente de outros colégios, de outras regiões, até mesmo do bordado produzido no Brasil, devido a origem austríaca da congregação das irmãs.



Figura Nº 09 - Sala de Pintura, com 08 alunas. Irmã Belmira professora de pintura
Fonte: Álbum de fotografias do período.

3.3.4 Aula de corte costura

“(...) e na aula de costura tinha os cochichos (...)”. (FRANCISCA)



Figura Nº 10.- Sala de Corte Costura, ano de 1945 com 22 alunas. Irmã Esmeralda Augustine professora de Corte e Costura.

Fonte: Álbum de fotografias do período.

3.3.5 Os dormitórios e o refeitório

“Antes de deitar era imprescindível rezar para agradecermos o dia e pedirmos proteção para um bom descanso”. (IRMÃ ISABEL)



Figura Nº 11 - Dormitório das meninas ano de 1947. Acomodava aproximadamente 30 meninas.
Fonte: Álbum de fotografias do período

(...) o dormitório das maiores. Porque naquele tempo não tinha divisão, porque os quartos eram grandes, tinha umas quantas camas. E não era uma bagunça (...) não tinha porque a irmã dormia uma celinha ali, que ela dormia ali. Às vezes a gente saía e a freira apareciam e tinham que mergulhar e ficar quieta, as vezes ela vinha de lanterna pra ver se a gente tava dormindo. Todo mundo tinha que dormir. Porque no outro dia tinha que levantar, tinha que ir para a capela. (FLORISBELA)



Figura Nº 12 - O dormitório, com doze camas e ao fundo uma sela onde era acomodada a irmã que ali permanecia para cuidar a ordem e disciplina do dormitório, ano de 1947.

Fonte: Album de fotografias do período.

“(...) aqui era as seis e meia, depois tomava o café e ia pra aula. (YOLANDA)

“O café era bem bom, porque tinha três tipos de pão, e tinha sempre uma coisa por cima do pão. Nós chamávamos de meleca amarela, de meleca preta. A meleca amarela era melado com laranja, e a preta era de uva. Então era diferente assim, e a gente podia escolher o pão, o pão branco era feito de farinha clara e o pão preto era feito de farinha crioula (integral). E tinha o pão de batata doce, era bem bom”. (FRANCISCA)



Figura Nº 13 - Refeitório ano de 1947. O refeitório acomodava em torno de 80 internas por refeição.

Fonte: Álbum de fotografias do período

3.4 Solenidades

3.4.1 Foto de formatura 1944.

Grupo de 84 alunas formadas do ano de 1944.



Figura Nº 14 - Irmãs da esquerda para a direita - Irmã Esmeralda, Irmã Acácia, Irmã Gelsa Sanger e Irmã Elenita.

Fonte: Álbum de fotografias do período (Identificação das Irmãs pela Irmã Isabel)

3.4.2 Formatura do curso de datilografia



Figura N^o 15 - Solenidade de formatura do curso de Datilografia, ano de 1938, 13 alunos formandos, as irmãs, o padre, convidados solenes e representantes políticos.

Fonte: Álbum de fotografias do período.

3.4.3 Solenidade de Encerramento Ano de 1950



Figura Nº 16 - Foto de encerramento das atividades do ano de 1950. Grupos de 116 alunas compunham as turmas do colégio neste ano.
Fonte: Álbum de fotografias do período

3.4.4 Turma de corte e costura 1940



Figura Nº 17 - Da direita para esquerda: (grupo que está sentado)

Fonte: Álbum de fotografias do período (identificadas pela ex-aluna Nyora Guerino Bonella)

1. Mãe dona Nyora (sentada à direita)
2. Alice Vila
3. Irmã Fabíola
4. Dona Morena
5. Dirá

Da esquerda para a direita (grupo que está em pé)

6. Florisbela Bragança

3.4.5 Visita de Autoridades Políticas e Eclesiásticas



Figura Nº 18 - Visita do Bispo e Governador do Estado Walter Jobim, representantes do Exército e políticos da região Irmãs Lenita às dependências do Colégio Bom Conselho.
Fonte: Álbum de fotografias do período (Identificados pela irmã Isabel)



Figura 19 - Visita do Governador do Estado Walter Jobim as dependências do Colégio Bom Conselho juntamente com Irmã Lenita. (Identificados pela irmã Isabel).
Fonte: Álbum de fotografias do período

3.5 Exposições

3.5.1 Exposição dos trabalhos das formadas – CORTE E COSTURA do ano de 1940

Tu tinhas que aprender a fazer. Ali a menina produzia seu próprio enxoval. Eu produzi meu próprio enxoval e fiz pra minha mãe.



Figura Nº 20 - Exposição de final de ano; * toalhas; almofadas; guardanapos; colchas; Vestidos.⁶¹

Fonte: Álbum de fotografias do período.

⁶¹ Grande parte das peças confeccionadas no curso de corte costura eram também bordadas ou pintadas à mão.

3.5.2 Exposição bordado, pintura e corte costura 1951.



Figura Nº 21 - À esquerda Maria Botega (Cotinha), á direita Yolanda Yzaguirre Dallforno
Fonte: Álbum de fotografias do período (identificação das Ex-alunas por Nyora Aguire Bonella)

“...Quando eu tinha 15 anos eu sai do Sant’Ana e com 16 eu vim pra cá . Só pros trabalhos manuais eu vim. ... fazia bordado à máquina, bordado a mão, pintura, desenho, costura, flores, tirei datilografia, música. Então eu preenchia o tempo todo com trabalhos assim.” (YOLANDA)

“Olha eu, era bordado, mais crochê e tricô. Olha, o que eu fiz pra mim, fazia colchas de crochê, guardanapo, tudo isso eu fiz”. (Lady)

3.6 Desfile

Semana da Pátria, momento cívico organizado e apresentado com muito zelo pelas Irmãs e pelos alunos

“(…) o uniforme era assim, uma saia azul-marinho e blusa branca.(FRANCISCA)

“Passear na rua, caminhar em fila de uniforme, sempre de uniforme”.
(YOLANDA)



Figura Nº 22 – Desfile da Semana da Pátria.

Fonte: Álbum de fotografias do período.



Figura Nº 23 – Desfile 07 de Setembro.
Fonte: Álbum de fotografias do período.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Trama” tecida ao longo da minha trajetória em busca da história do Colégio Bom Conselho foi possível por eu ter utilizado imagens e depoimentos para interpretar e entender a educação católica de mulheres em regime de confinamento, que foi possível através do acesso a fotografias, crônicas, livros de matrículas, atas e aos relatos das experiências de vida de ex-alunas que proporcionaram que as imagens e os demais documentos ganhassem animação através das lembranças e experiências vividas no interior desta instituição de ensino que foi indiscutivelmente de grande importância para a formação educacional de mulheres em região de colonização no interior do Rio Grande do Sul.

A análise iconográfica das imagens do Colégio Bom Conselho, fundado em 1908 pela Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, e administrado por elas, até o ano de 1980. Fundamentou a minha pesquisa para entender a Alma de Mulher moldada para assumir sua posição sócio-cultural na elite sul-riograndense. As educadoras religiosas foram essenciais para a difusão da cultura e costumes italianos na Quarta Colônia, e essa difusão deu-se efetivamente através da escola, pois traziam consigo a estima da tradição de suas origens oriundas da península Itálica mais especificamente da região Veneta.

Na verdade o Bom Conselho teve uma função sócio-cultural importantíssima o sucesso do colégio, recuperou a identidade educacional católica que sofria influência do ideário ultramontano. A estrutura de ensino das atividades desenvolvidas no Bom Conselho, quanto à organização pedagógica, metodológica e ideológica vinha ao encontro do ideal da política educacional do período. A Congregação das irmãs do Puríssimo Coração de Maria, cuidadosamente projetaram a educação do colégio para atender ao perfil educacional exigido para mulher na elite social do período.

O resgate do processo educacional católico desenvolvido pelas irmãs do Imaculado Coração de Maria, uma educação confessional, que primava pela educação integral (física, mental e espiritual) atendendo meninas procedentes da elite gaúcha da região de Santa Maria e de boa parte do estado, sobretudo aquelas originárias da região da fronteira com a Argentina e Uruguai e algumas também

oriundas destes países. Ao considerar o contexto sócio econômico da região da quarta Colônia o Colégio Bom Conselho proporcionou o crescimento econômico da cidade de Silveira Martins.

A composição desta Trama conclui-se através da análise iconográfica e das entrevistas com as ex-alunas. Por meio da rotina e das atividades cotidianas desenvolvidas pelas meninas no colégio pude compreender os fatores de identificação e diferenciação do grupo que lá estudou nas décadas em questão.

O olhar anônimo sobre as imagens coletadas nos álbuns de fotografias do Colégio Bom Conselho se transforma tornando-se conhecidos e de valor inimaginável através da memória e das vozes da Florisbela, Nyora, Lady, Neiva, Yolanda, Francisca, Leda. As lembranças dessas mulheres que possibilitaram guiar meu olhar por entre as salas, corredores, dormitórios, refeitório, pátio, capela e até mesmo nos banheiros, contando que ali nada foi deixado por acaso, tudo seguia a rotina, cada hora do dia correspondia a uma tarefa, a ser desenvolvida em um determinado espaço e da forma que foi minuciosamente ensinado.

A “memória emprestada” por cada uma dessas mulheres ajudou a compreender a cumplicidade de cada uma delas para com a história do Colégio e da educação e ensinamentos que essas mulheres buscavam no interior dessa instituição de ensino que tinha por objetivo uma educação integral que proporcionasse a mulher estar preparada para atender as necessidades exigidas pela sociedade sul-rio-grandense, educação esta que buscava atender aos moldes de “boa mãe”, educada, prestativa, prendada, isto é: uma mulher com muitos dotes domésticos, habilidade para costurar, bordar, pintar, cantar tocar instrumentos com piano, gaita, flauta, ter conhecimento sobre economia doméstica e ainda as que interessassem aprender datilografia.

O objetivo maior do Colégio católico Bom Conselho, administrado pelas irmãs do Sagrado Coração focado em educar as meninas dentro de um modelo de mulher Rio-Grandense, culta, habilidosa, preparadas para educar seus filhos cuidar de seus maridos e da casa, com capacidade específica para um bom gerenciamento do seu lar, portanto para viver no âmbito do lar.

A descrição que as velhas senhoras fizeram em seus depoimentos, denota a grande satisfação delas em percorrerem suas memórias lembrando de fatos vivenciados a mais de cinqüenta anos.

A partir da memória dessas ex-alunas foi possível desvendar a trama que no início representava apenas prédio captado pela fotografia, estas sete mulheres proporcionaram que as cenas capturadas pelas imagens passassem de meras fotografias a cenas da vida por elas vivida no cotidiano escolar e mais, num regime de confinamento. Deste modo ofereceram-me instrumentos para que eu pudesse entender através das imagens a história do Colégio Bom Conselho na formação da “Alma de Mulher”,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Soares. ***Tradição e Tradições – Catolicismo***. Editora: Cruzada da Boa Imprensa 1937. Coleção: Bibliotheca da Intelligencia a Serviço Dum Christianismo Racional Pg. 78.

BADINTER, Elisabeth. ***Um amor conquistado: o mito do amor materno***. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. ***Colônia Italiana: Religião e Costumes***. Porto Alegre: EST, Grafosul, 1981.

BONFAQDA, Genésio. ***Os palotinos no Rio Grande do Sul (1886 a 1919): Fim da província América***. Porto Alegre: Pallotti, 1991.

BOMBASSARO, Antônio. ***A ex-colônia de Silveira Martins***. In: *Cinqüentenário Della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande Del Sud: 1875-1925*. Porto Alegre: Globo, 1925.

BURKE, Peter, ***A escrita da história: Novas perspectivas***. São Paulo: Editora UFP, 1992.

_____. ***Testemunha Ocular: História e imagem***. São Paulo: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. ***Uma introdução a história***. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CHARTIER, Roger. ***Aventura do livro: do leitor ao navegador***. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CUNHA, Ir. Ignez. ***Taça Aberta***. Porto Alegre: Ética Impressora LTDA, 1978.

GARCIA, Ir. Jacinta Turolo e CAPDEVILLE, Guy (org.). ***Educação Católica***. São Paulo: EDUSC, 2001.

GIOLO, Jaime. **Os imigrantes e a educação**. In: CARBONI, Florence e MAESTRI, Mario (org). *Raízes Italianas no Rio Grande do Sul 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

DE BONI, Luiz Alberto (Org) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni, m1987, v. 1.

DEZELOT, Jacques. **A política das Famílias**. Rio de Janeiro, Graal, 1986: p. 87.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: Memória identidade e representação**. São Paulo: EDUSC, 2002.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do sul**. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997

GILES, Thomas Ransom, **Historia da educação**. São Paulo: EUP, 1987.

GINSZBURG, Carlo. **Mito, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

ISMÉRIO, Clarisse. **MULHER: A moral e o imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. São Paulo: Circulo do Livro, 1985.

LOURO, Guacira. **“Onde a mulher aprende a ser uma dona-de-casa perfeita”**. Fundação Carlos Chagas, Fundação Ford, 1993.

LOURO Guacira e MEYER Dagmar, **A escolarização do doméstico**. Caderno de pesquisa, SP, nº 87, dez. 1993: p.47.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul; implicações econômicas, políticas e culturais**. 2º ed. Porto Alegre: Est, 2001.

MARIN, Jéri Roberto. **“Ora et Labora”: O Projeto de Restauração Católica na Ex-Colônia de Silveira Martins**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2003.

NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, Clarisse. **Em busca de Gramsci. Educação e realidade**. Porto Alegre, v.15, n.1, jan. jun. 1991: p. 43 e 44.

POZZOBON, Zolá. **Uma odisséia na América**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RIBEIRO, Maria Lisa S. **História da educação brasileira: Organização escolar**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1993.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST, 1986.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, nº 2, 1990: p.16.

SODRÉ, Nelson Werneck, **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIDAL, Diana. **De Heródoto ao gravador: história da história oral**. Revista Resgate, Campinas, nº 1, 1990.

VÉCIO, Luiz Eugênio. ***O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1893-1928.*** Editora UFSM; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

VERRÍSSIMO, José. ***A educação nacional.*** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985

ZAGONE, Carlos Albino. ***A igreja e imigração italiana.*** Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

ZUCOLO, Rosana. ***A educação das mulheres em regime de internato: Colégio Centenário e Santana. Santa Maria-rs, 1930-1960.*** Santa Maria: UFSM, 1990.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 1990

ANEXOS



ANEXO I - Entrevista com LEDA TREVISAN,

Realizada dia 16/11/2004, em sua residência a Rua Avenida Nossa Senhora das Dores nº 260. Bairro Nossa Senhora das Dores. Santa Maria RS / Fone: 221-3894.

Nascida no dia 01/09/1937, em Santa Maria.

Entrevistada por: Adriana Aires Pereira

OBS.: Com o objetivo de reavivar a memória da entrevistada levamos um álbum com fotos do colégio Bom Conselho, das décadas de 30 a 50, álbum este emprestado pelas irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria.

A entrevistada demonstrou que não gostaria que gravássemos nossa conversa. Entre motivos particulares desconhecidos, a mesma demonstrou ter poucas lembranças do período em que esteve no colégio Bom Conselho, período este que foi apenas de um ano, quando tinha oito anos de idade. Mesmo assim registramos faremos um relatório da conversa desenvolvida.

Leda é solteira, nunca tendo casado. Atualmente é professora aposentada, tendo exercido esta atividade ao longo de sua vida.

Tem poucas lembranças do período em que esteve no colégio, contudo lembra das exposições realizadas todo o final de ano. Comentou que como era pequena, fazia no bordado apenas o ponto denominado: “ponto atrás”.

Ela disse que recordava das aulas de bordado, mas, não das aulas de música.

Comentou sobre os passeios na chácara das freiras, onde comiam frutas da época, as quais eram escassas na alimentação. Lembra que “a comida era boa em, Silveira”. Também lembrou da irmã dos puxa puxas.

Quando perguntamos sobre os meninos não lembrou da existência dos mesmos em sua época, lembrava somente das meninas internas.

Por estar entre as alunas menores comenta que era muito acarinhada pelas colegas maiores; ressaltando que havia muito pouco contato com a família. Revelando que a comunicação se dava através de correspondências.

“A vida no colégio era muito pacata, às oito horas todo mundo já estava dormindo”.

Não lembra de ir a capela e nem de ir a igreja todo dia.

Estudou a primeira série em Vale Vêneto, depois ficou um ano em Silveira Martins e depois foi estudar no Colégio Sant’ana.

Comenta que a escola atendia principalmente a filhos de fazendeiros ou pessoas de outras localidades, pois era mais fácil internar seus filhos. “Havia meninas que estavam lá e se preparavam para casar, faziam bordados, ou enxoval”.

Ao falar sobre a família, comenta que o pai tinha uma admiração pelo estudo (“herança para os filhos”). “O pai queria que a segunda esposa, antes de casar, estudasse mais um pouco - ele dava valor para o estudo”. “A gente vivia uma vida muito simples...a gente é humilde”.

O pai de dona Leda evitava que ela e seus irmãos ajudassem em um bar que era de propriedade da família para que eles pudessem se dedicar aos estudos, “todos nós nos formamos”.

ANEXO 2 - Entrevista com NYORA GUERINO BONELLA

Realizada dia 18/11/2004, em sua residência em Silveira Martins - RS / Fone: 055-224-1026.

Nascida no dia 07/06/1930, em Silveira Martins.

Idade: 75

Entrevistada por: Adriana Aires Pereira

OBS.: Com o objetivo de reavivar a memória da entrevistada levamos um álbum com fotos do colégio Bom Conselho, das décadas de 30 a 50, álbum este emprestado pelas irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria.

Será utilizado N, para Nyora e E, para entrevistador:

E: Rotina do colégio.

N: Levantávamos às seis horas da manhã e íamos para a capela e lá tinha uma missa todos os dias, era todos os dias.

E: A missa era rezada pelo padre?

N: Pelo padre, todos os dias, inclusive tinha coro, a gente cantava, cantei onze anos no coro. E daí depois nós íamos pra um estudo e depois para o café da manhã, depois de um estudo, as oito hora era o café da manhã e de lá saíamos, íamos direto para a aula, e as dez horas saíamos para um recreio e depois voltávamos pra aula, as onze e meia saíamos, e se rezava na entrada e na saída do café, da aula, quando entrava do recreio, quando saía, e depois antes do almoço.

E: Eram orações mais rápidas?

N: Era rápido. Era um pai nosso, a ave-maria e um glória ao pai; e se agradecia. E depois do almoço nós tínhamos o recreio de novo, e depois íamos pras os trabalhos manuais até as três e meia, as três e meia tínhamos um chá, e daí depois do chá nós íamos pro estudo.

E: Estudo de que?

N: O estudo era fazer os deveres, os temas, naquela época era deveres, o estudo era das cinco as seis, e depois íamos para a capela rezar o terço.

E: Dona Nyora o bordado, a pintura, essas aulas eram todas as tardes?

N: Todas as tardes tinha, era assim, o bordado era todos os dias, mas tinha dois dias por semana de pintura, datilografia também, era tudo sobre horários, eles dividiam tudo sobre horários.

E: O corte e costura tb?

N: O corte e costura tb.

E: Então se optava pelas diferentes atividades?

N: Se optava, exatamente.

E: Quais que a senhora fez?

N: As que eu fiz foi pintura, bordado, flores, música, a música era todos os dias, uma meia hora, mais ou menos.

E: Pra todas?

N: Não, só pra quem queria. Eu queria piano, mas veio a época da gaita-piano, meu pai me botou uma gaita no colo, eu não gostava da gaita. Aprendi com muita má vontade, só pra agradar o pai. Aí eu tocava o que eu queria mesmo, mas eu gostava de piano, tirei três anos de piano, no colégio mesmo, tinha uma irmã que veio da Alemanha, irmã Perpétua, ela veio da Alemanha e sabia todos os instrumentos, era a coisa mais linda que vocês possam imaginar vendo ela tocar e ensinar, pq ela tinha um ouvido, que ela ouvia de longe a gente errar e ela só fazia assim: ah, ah, ah.

E: Tapinha nos dedos não?

N: Não, ela só fazia isso, coisa mais querida.

E: Volto a questão da sua idade. A senhora estudou no Bom Conselho em que ano?

N: Me botaram com quatro anos no colégio, foi pequinininha, era um toquinho.

E: A senhora lembra que ano foi?

N: De quatro pra cinco, em 1935, mais ou menos, e fiquei externa e depois, com nove anos, a mãe me pos interna, ai fiquei até 1944. Fiz até a quinta série e os trabalhos manuais que eu gostava.

E: Uma época a senhora estava somente estudando e outra somente fazendo trabalhos manuais, não ia para a aula?

N: Não, eu fiquei tirando português e matemática durante um ano, e depois parei de ir no colégio, ai eu ia só nos trabalhos manuais, ai eu ia externa, eu fui no colégio até depois de casada. Eu adorava o colégio.

E: E a senhora ajudava as irmãs?

N: Ajudava, quando elas me punham de castigo, pq eu gostava de conversar, não devo falar, era as frases.

E: E a senhora lembra de outro castigo?

N: Dum que elas me botaram lá embaixo no porão sentada com uma irmã que fazia puxa-puxa, e ela me ensinou e me deu a receita, e tu sabe que as irmãs não sabem mais fazer o puxa-puxa, e eu seu, então eu dou a receita.

E: Seu pai e sua mãe eram da região. Qual era o trabalho do seu pai?

N: Eram. Meu pai tinha uma fábrica de fumo em corda.

E: E a senhora trabalhou na fábrica do seu pai?

N: Ajudava, pq tinha muitos empregados, mas eu ia pra lá. Solteira.

E: A senhora trabalhou fora de casa depois de casada?

N: Trabalhei em casa. Tive dois filhos.

E: Onde a senhora conheceu seu marido?

N: Aqui em Silveira mesmo. Ele lecionou no Santa Maria e lecionou em São Borja e no Fontoura Ilha, aqui em Silveira. Depois ele foi para o escritório do meu pai, ele fazia a contabilidade. Foi ai que começou o namoro. São 57 anos de casado. Nunca se pensou em trair um ao outro, era diferente, a cabeça da gente era diferente, não sei.

E: Sobre a rotina.

N: Tinha a madre, tinha uma irmã pra cuidar o refeitório, tinha uma irmã pra capela, pra missa, e depois tinha a benção, eu me esqueci da benção depois, antes de ir para o estudo da noite, tinha o estudo da noite tb.

E: Como era esse estudo. Discutia-se alguma passagem bíblica?

N: Não, a gente estudava a lição do dia seguinte, as matérias.

E: Quais eram as disciplinas?

N: Olha era, português, a bíblia, até hoje eu acho que eu sei de cor a bíblia, geografia, ciências, matemática.

E: Alguma língua estrangeira?

N: Não, não davam língua estrangeira.

E: Latim?

N: Latim a gente sabia por causa do canto do coro. O coro e a missa eram em latim.

E: O padre rezava a missa em latim? De frete pras pessoas?

N: Em latim no meu tempo, de frente pro público.

E: História vocês não tinham?

N: Tinha história.

E: Inglês, francês, italiano?

N: Não, italiano era proibido falar, foi na época da guerra; alemão tb.

E: A senhora teve colegas que só sabiam falar italiano?

N: Aqui todo mundo, quase todos falavam italiano, tinham que se esconder, não podiam falar italiano em público, entende, iam presos.

E: E como era a diretora do colégio? qual era sua função?

N: A diretora ficava na secretaria atendendo todos os que chegavam, tinha uma salinha de visita ali.

E: Como estavam distribuídas as turmas, as aulas? Pq a senhora entrou muito pequena.

N: Eu estava no primeiro ano, com quatro anos direto no primeiro ano com o Queres Ler na frente. Era horrível o Queres Ler, foi o mais difícil de todos. Era um livro grossão, muito ruim era.

E: Mas a senhora repetiu o primeiro ano várias vezes?

N: Exatamente

E: Tinha meninas de várias idades na mesma série?

N: Tinha até 17, 18.

E: No primeiro?

N: Não, no primeiro não, no primeiro era as menores. E ali tinha aula pra o primeiro, tinha salas de aula, separadas, tudo separada. E as irmãs, tb, eram cada uma pra sua aula. A irmã do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto e do quinto. E tinha a irmã da rouparia, a irmã da cozinha, do refeitório e a irmã do recreio. E depois tinha uma velhinha, bem velhinha, que estava na clausura, ela descia só pra ir na capela. Velhinha, velhinha.

E: Vocês tinham professoras que não eram irmãs?

N: Não, na minha época não.

E: E educação física?

N: Tinha, era uma irmã que dava, com aquele vestido. Mas ela tinha uns pausinhos assim, mais era com aquele pausinho. Eu adorava a educação física pq a gente ia lá pro campinho.

E: E os meninos?

N: Não se juntavam as meninas. Os meninos tinham uma parte de baixo que ficavam, no recreio né, você está dizendo, na minha época. Eles ficavam numa parte de baixo.

E: E na sala de aula, sentavam lado a lado?

N: Na sala de aula era junto, sentavam, mas era cada um com a sua carteira, sozinhas (as carteiras).

E: E era parelho o número de meninos e meninas?

N: Poucos meninos, muito poucos meninos.

E: As meninas vinham de todo lugar do estado.

N: De todo o lugar do estado e os meninos não tinham internato aqui no colégio, tinha internato no Fontoura Ilha, que é lá em cima, lá onde tem a CRT.

E: E o Fontoura Ilha não tinha aula para esses meninos?

N: Não, o Fontoura Ilha eram outros meninos, não se juntavam com os do Bom Conselho.

E: E os do Bom Conselho vinham da região?

N: Eram daqui, vinha de fora, da colônia, e daqui da vila mesmo, não eram internos, nenhum.

E: A senhora lembra das avaliações?

N: A cola corria frouxo. Uma passava pra outra, num papelzinho.

E: Como eram feitas as avaliações?

N: Era a irmã da aula mesmo que fazia. A avaliação era em junho, que vinham as férias de junho, não era em julho. Depois em dezembro. Eram só duas avaliações. Teste não tinha, nada disso. Desenho tinha, muito desenho.

E: Havia avaliação dos bordados, era dada nota?

N: Não. Cada uma produzia pra si. Vinha as moças de fora pra se aprontar o enxoval, pq aquele tempo não tinha onde comprar, tu entende, faziam aqui, vinham pra cá fazer o enxoval. Vinham só pra fazer o enxoval.

E: E não cursavam as disciplinas. Não aprendiam a ler e escrever?

N: Tinha umas que sabiam e outras não, tavam na aula e faziam os bordados. Tinha bordado a máquina tb. Tinha tudo. Isso deixa saudades na gente, tinha tudo, tudo.

E: Pq a senhora acha que um pai mandaria uma filha pra um colégio pra aprender a bordar e costurar?

N: È que eles eram fazendeiros, e pra fora não tinha nada disso; de Livramento tinha muitas, de Uruguaiana tinha muitas, de Plano Alto tinha muitas, de Itaqui

quantidade, Cacequi, São Gabriel, Rosário, tinha quantidade; ali pra fronteira era quantidade de moças. Agora tinha muitas que vinham pelo ar de Silveira, pq houve uma onda de tuberculose, eu sei que de Livramento veio muita gente que tava fugindo da tuberculose e, por conseguinte, o hospital aqui era de tuberculosos; por causa do ar, pra se curar tb, tu sabe.

E: Mas se estas meninas tinham dinheiro pra que mandar elas pra cá pra aprender fazer isso, não poderiam comprar?

N: Mas não tinha onde comprar eram trabalhos diferentes entende, tudo era diferente, não tinha, por exemplo, tu chegar em uma loja e comprar, tu comprava a fazenda, tu comprava a linha, tu comprava a tinta, comprava a tela, tudo isso tinha, mas prontos não tinha. Tu tinha que aprender a fazer. Ali a menina produzia seu próprio enxoval. Eu produzi meu próprio enxoval e fiz pra minha mãe.

E: Será que essa mulher que passava pelo colégio e aprendia as coisas lá ensinadas, era mais interessante aos olhos dos maridos?

N: Aquela época não tinha isso de trocar de roupa toda a hora, era uniforme e pronto.

E: Será que era um diferencial as habilidades adquiridas no colégio?

N: Devia ser, a Florisbela foi uma que aprendeu o corte e costura e teve que costurar pra todos os filhos; passou muito trabalho. Tu sabe que quanto mais tu aprendia, mais trabalho tu passava na vida, e é assim. Eu não quis que minha filha aprendesse trabalho manual nenhum, pq eu fui muito explorada.

E: Explorada pq?

N: Pelos próprios irmão e irmãos, por todo mundo; eu fazia uma coisa e eu tinha que fazer igual pra eles. Então eu fui enjoando. Eu fazia trajés de tricô a coisa mais linda, fazia desde o bebe até... Então cansei.

E: Como era o relacionamento entre as colegas?

N: Olha eu era amiga de todas.

E: Mas tinha um grupinho que se identificava mais, pela idade,...?

N: Pela idade era, mais pela idade. Eu tenho amigas até hoje, dessa época. Mas até elas foram pra Porto Alegre e me, escrevem, me mandam cartões.

E: A irmã Isabel falou que elas cuidavam em orientar as meninas, pq havia muitas meninas juntas e a questão da sexualidade...

N: Mas que sexualidade nada, nós nem falava em nada. Eu tava pensando, nós passávamos jogando sapata, caçador, escuta só, caçador, vocês nem sabem o que é, bilboquê, ioio, bambole, arquinho, o arquinho era formidável.

E: Mesmo com 15 anos, que a senhora estava lá ainda?

N: Não, ai não, ai já tava mais mocinha. Com 15 anos eu saí do colégio.

E: A senhora já estava se preparando pra casar?

N: Eu já tava de enxoval pronto.

E: E o conhecimento de como se faz nenê, não era aprendido no colégio?

N: Não, não. A sexualidade era um tabu tão grande, que a pessoa se não tivesse cabeça, como é que eu vou te explicar, era proibido falar em sexo, e outro detalhe, era proibido de toda maneira a prática. Deus nos livre, as irmãs não falavam em sexo. Mas isso eu to dizendo em casa, na minha casa; e as outras meninas tb, as mães não admitiam de jeito nenhum, até quando ficou, tu tá gravando? Teve uma menina que ficou grávida e não queria dizer pra mãe, de jeito nenhum, pq ia ser um escândalo, aquela coisa, então era eu que...

E: Quando estava no colégio?

N: Quando estava no colégio.

E: Era do namorado?

N: Do namorado.

E: E as irmãs a deixaram continuar estudando?

N: Não, ai ela saiu, a família tirou.

E: E ela casou?

N: Casou.

E: E nas aulas de ciência não ensinavam o corpo humano?

N: Ensinavam, mas ensinavam nada de sexo.

E: E quando ficavam menstruadas o seio crescia, o corpo se transformava.

N: Eu menstruei no colégio, eu fiquei assustada, minha nossa senhora, o que será.

E: A senhora não sabia?

N: Não sabia.

E: Nem as colegas comentavam?

N: Não.

E: Com que idade a senhora ficou menstruada?

N: Com 12 anos, e com 43 parou tudo.

E: E quando a senhora se viu daquele jeito pra quem a senhora contou?

N: Eu contei pra irmã, eu digo irmã olha ta saindo sangue, to doente. Daí a irmã disse é assim e assim; e naquela época não existia modess. Aí ela me explicou.

E: Ela explicou que tinha a ver com nenê, ciclo, tabelinha elas explicavam?

N: Não, nada, nada; depois de casada é que eu fiquei sabendo tudo.

E: Com quem a senhora aprendeu?

N: Com marido em primeiro lugar. Muito cuidadoso ele, formidável mesmo, foi pra mim.

E: A Dona Florisbela disse que vocês liam muito e que nos romances liam alguma coisa. Você lia?

N: Tinham os romances, mas eu não lia romances, no colégio não. Muito fechado era, e eu gostava do colégio, eu acho que era pela amizade das meninas. Eu tinha loucura pelas meninas, pelas irmãs também.

E: Não tinha nenhuma irmã que fosse mais má?

N: Tinha, tem uma que não deixavam a gente conversar.

E: E o que era proibido no colégio? A senhora podia sair?

N: Não, uma vez por mês, só uma vez por mês, um domingo por mês. O que eu acho interessante hoje é que eu nunca tentei fugir. Proibido fugir, proibido sair. Eu gostava muito.

E: Se não quisesse ir na missa uma manhã poderia ficar deitada?

N: Só se estava doente, não podia, era proibido. E nos domingos nós vínhamos na missa na Igreja. Eu sentava bem na frente, e até hoje, quando eu vou na missa eu sento ali no mesmo lugar, e me sinto bem.

E: Vocês tinham que se confessar?

N: Sim, meu maior pecado era conversar na aula, tudo era pecado; era um horror os pecados (risos), conversava na aula, não fazia os temas, desobedecia as irmãs pq conversava, uma coisa ia puxando a outra, isso aí.

E: E quais eram as penitências?

N: Era rezar 10 pai nosso, 10 ave maria, e assim por diante. Agora quando conversava na aula as irmãs davam a penitência das frases.

E: E mesmo assim vocês confessavam esses pecados?

N: Eu era sempre os mesmos pecados, nem tinha diferente.

E: A senhora vinha para casa somente uma vez por mês, e escrevia carta para casa? Mandavam alguma coisa pra senhora?

N: Não, o pai mandava mel, pq eu sou loca por mel, é um remédio pra mim, eu tenho hipoglicemia.

E: E os passeios?

N: Nos levavam nos passeios, iam pelas chácaras comer laranja e vinha pra casa com uma sacolinha de laranja.

E: Elas têm uma chácara até hoje?

N: Elas têm, mas na chácara delas não levavam, era na chácara dos outros.

E: Nas saídas vocês iam de uniforme, tinha que ser de uniforme?

N: Nos domingos nós púnhamos o uniforme, mas nos dias de semana era o avental xadrezinho de azul, um aventalzinho com umas pregas. E por baixo tinha a roupa normal.

E: Onde ficavam as roupas?

N: Na rouparia e tinha uma irmã, a irmã Celestina, só pra rouparia. Ela cuidava a roupa de todo mundo, cada uma tinha o seu baú, e era numerada as roupas, e cada uma tinha um número, o meu era seis. Então ia (a roupa) pra lavanderia, a lavanderia lá embaixo era, ia pra lavanderia e depois voltava, elas passavam tudo e voltava ia pra rouparia e ela repartia a roupa, ela costurava as roupas, se faltava botão ela punha, assim.

E: Cada dia de manhã vocês iam pegar as roupas ou eram elas que escolhiam?

N: Não, era só quarta e sábado as mudanças de roupa, não era todos os dias.

E: E as calcinhas trocavam todos os dias? Tinha banho todo o dia?

N: Não, era quarta e sábado. Banho theco, theco, só quando estava menstruada. Bom eram 100 meninas tu já imaginou todas ... , e banho frio. Tinha, elas tinham um tacho enorme que elas faziam fogo embaixo e a água a gente pegava com o balde. Tinha chuveiro, mas o chuveiro era frio, e bem frio. A gente tomava banho na quarta e no sábado.

E: E quando estava menstruada?

N: Não deixavam lavar a cabeça de jeito nenhum. Ali elas tinham um negócio lá em cima, perto da rouparia, uma espécie de uma banheira pequena, meia banheira.

E: A senhora lembra de alguma camisola pra tomar banho?

N: Ah sim, claro, tinha a camisola, a manguinha era japonesa, de algodão, degote V.

E: E se esfregava por baixo da camisola?

N: É, ou passava sabão na camisola e ia esfregando.

E: Não tinha porta no lugar onde tomavam banho?

N: Era assim, era vários Box. E onde a gente dormia as irmãs tinham uma cela, com uma caminha no cantinho pra elas.

E: Voltando as confissões, vocês faziam algum jejum?

N: Fazia, quarta feira e sexta feira. Não se comia carne, em primeiro lugar. Sexta-feira era peixe na quaresma. Na quaresma era quarta e sextas.

E: E as candidatas que estudavam com vocês, elas vestiam-se iguais, eram iguais?

N: Tudo igual, elas tinham que trabalhar e as alunas não. Se não pagasse trabalhava.

E: E tinha alguma aluna que não pagava e trabalhava e não era aspirante?

N: Não tinha.

E: A senhora lembra se o colégio era caro, lembra do seu pai comentar?

N: Não, não, o pai nunca comentou nada comigo. Ele só mandava elas terem paciência comigo, pq eu era muito pequenininha, e a mãe ia lá e dizia de castigo, e o pai ia, tenha paciência, ela é muito pequena.

E: E as irmãs convidavam as alunas para serem irmãs?

N: A convidavam, eu tava com a cabeça feita com 12 anos.

E: E o que fez a cabeça desfazer?

N: A minha mãe, ela disse o teu pai prefere te ver morta do que ver tu ser irmã. Sempre falava o teu pai, o pai nem sabia.

E: Como elas tentavam convencer?

N: Olha até pouco tempo elas tentaram convencer uma neta minha.

E: A senhora lembra como era pago o colégio?

N: Não, aquela época não falavam em dinheiro pra gente, ninguém tinha mesada, nada disso, tudo era diferente. Compravam o que a gente precisava e deu. Era outra época.

E: E a alimentação?

N: Feijão. Arroz, mandioca, batata, a comida era boa. Massa, sexta-feira era dia de massa feita em casa. O pão era muito bom, era uma freira que fazia, tinha um negócio que elas faziam que chamava mana-pança, era uma pão que crescia, muito bom.

E: E domingo a comida era diferente?

N: A minha era diferente pq o pai me mandava meia galinha.

E: E as saídas, onde mais ia-se?

N: Olha, eu só me lembro uma vez que nós fomos a Arroio Grande, conhecer a Igreja de Arroio Grande.

E: E os meninos?

N: Não iam, só meninas.

E: Qual era a chance de namorar um menino, estudando no Bom Conselho?

N: Eu acho que zero. Mas a Iolanda namorou, tem uma possibilidade.

E: Se trocava bilhetinho, olhares...?

N: É devia ser.

ANEXO 3 - Entrevista com YOLANDA YZAGUIRRE DALL FORNO

Realizada dia 18/11/2004, em sua residência em Silveira Martins - RS / Fone:
055-224- 1180

Nascida no dia 25/01/1935.

Atualmente com 69 anos.

Entrevistada por: Adriana Aires Pereira .

OBS.: Com o objetivo de reavivar a memória da entrevistada levamos um álbum com fotos do colégio Bom Conselho, das décadas de 30 a 50, álbum este emprestado pelas irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria.

Será utilizado Y, para Yolanda e E, para entrevistador:

Y: Eu sai de um colégio muito rígido, pq eu estudei desde pequena no Sant'Ana. Quando eu entrei lá eu entrei com nove anos, daí eu não quis mais estudar, naquela época, as mulheres, estudava quem queria. Estudava os filhos homens e as mulher não. Ai eu pedi pro pai pra, ai eu tive umas primas minhas que estudaram aqui, que faziam trabalhos manuais aqui, e eu era guria e eu ficava encantada de ver aqueles trabalhos que elas faziam lindos. Ai eu pensei, mãe eu quero ir lá no colégio das minhas primas pra fazer trabalhos, eu não quero mais estudar, ai eu vim para aqui em Silveira; pq eu sou de Rosário do Sul.

E: E tinha algumas outras meninas de Rosário que tinham vindo pra cá?

Y: Não, tinha essas minhas primas. Os meninos estudavam em Vale Vêneto e as meninas aqui.

E: Com que idade a senhora veio para o colégio?

Y: Com 16 anos.

E: A senhora já sabia ler e escrever?

Y: Tava na primeira série no Sant`Ana, em Santa Maria, pq eu fui interna com nove anos. Ai quando eu tinha 15 anos eu sai do Sant`Ana e com 16 eu vim pra cá.

E: A senhora continuou estudando aqui?

Y: Não, não, aqui não tinha classe pra mim. Eu já estaria no ginásio, no primeiro ginásio que aqui não tinha. Então ai que eu fazia trabalhos manuais só. Só pros trabalhos manuais eu vim.

E: Lá em Santa Maria tinha esses trabalhos manuais?

Y: Não, não. Ai eu vim só pra fazer trabalhos; fazia bordado à máquina, bordado a mão, pintura, desenho, costura, flores, tirei datilografia, música. Então eu preenchia o tempo todo com trabalhos assim.

E: A senhora tinha mais irmãos?

Y: Quatro irmãos homens.

E: A senhora não terminou o ginásio no Sant`Ana?

Y: Não, eu fiz só até a primeira, primeiro ano do ginásio. Ai depois não quis mais estudar.

E: Quantos anos a senhora ficou no Bom Conselho?

Y Fiquei dois anos interna, depois os meus pais vieram morar aqui; ai que eu encontrei ele (marido) eu casei e fiquei aqui.

E: Qual era a atividade do seu pai?

Y: Meu pai era fazendeiro.

(está olhando os álbuns, reconhece algumas amigas e seus trabalhos manuais)

E: A senhora conheceu seu Dall Forno dentro do colégio?

Y: Não, quando meus pais vieram morar aqui, que ai eu ia no colégio fazer os trabalhos, mas ficava em casa, era externa.

E: Ele não foi seu colega?

Y: Não ele era bem mais adiantado.

E: A senhora fez seu enxoval no Bom Conselho?

Y: Fiz, quase todo, desde os lençóis, os lençóis tudo com crivo(?), que é a coisa mais horrível do mundo.

E: Quando a senhora saiu de Santa Maria a senhora tinha como objetivo fazer o enxoval, aprender a fazer?

Y: Aprender a fazer trabalhos.

E: Mas para o enxoval?

Y: Não, só aprender a fazer trabalhos, pe eu achava muito bonito.

E: Ma não era pra vender?

Y: Não, só pra fazer pra mim. Depois eu comecei a namorar ele, daí que eu fui guardando, daí que eu me dediquei mais a fazer.

E: Depois de casada a senhora trabalhou fora de casa?

Y: Não, tive três filhos. Eu comecei a trabalhar em casa fazendo bordados agora, não faz muitos anos.

E: Quando as meninas iam pras aulas de manhã o que a senhora fazia?

Y: Nós ficávamos nas salas de costura, de bordado; tinha mais outras, tinha uma quantas, tinha meninas como aquela Maria, aquela que foi minha colega, minha amiga; aquela ela veio pra fazer o enxoval, tinha naquela época tinha bastante moças, até elas não dormiam no dormitório com nós, pq nós era mais novinha, elas tinham os quartos individuais pra elas, pq elas eram moças e tavam fazendo o enxoval. Elas iam lá só pra isso aí, elas já tinham namorado, outra tinha noivo, então elas iam fazer o enxoval ali. Tinha uma de Alegrete, tinha de Uruguaiana, tinha de Livramento.

E: Esse bordado produzido no colégio era diferente, diferente de outros colégios, de outras regiões, até mesmo do bordado produzido no Brasil, devido a origem da congregação das irmãs, da Áustria?

Y: Não. Olha tinha um ponto, que até hoje eu não consegui fazer esse ponto, que era um ponto muito bonito, eu acho que tinha um ponto só que eu não me lembro. Se não era ponto cheio, pontos comuns. Mas tinha um ponto que era muito bonito, só que esse eu não consegui mais fazer, eu tentei, mas não sai. Eu senti muito de não..., mas sabe o que é eu casei, e em seguida tive os filhos um em cima do outro, juntos. Pq de 22 para 23 anos eu tava com os 3 filhos. Casei com 18.

Como era a rotina do colégio, sua rotina era diferente?

Y: Não, eu continuava na rotina das meninas mesmo, eu brincava com elas, a gente passeava, saíamos nas chácaras, tinha a chácara delas né, era assim, era uma beleza, assim, tempo de uva, a gente ia comer uva, tomar vinho doce, e elas levavam, agora negócio de namoro, essas coisas, de jeito nenhum. Os rapazes, por exemplo, se tinha um bolinho de rapazes (na rua) elas não passavam, mandavam eles sair para nós passarmos, elas não deixavam.

E: Pq será que aconteceu algum incidente, algum namorico antes do tempo?

Y: Olha que eu saiba não, no meu tempo não, só que era proibido. Naquela minha época era proibido, as meninas namorar, pq era muita responsabilidade pra elas, e elas tinham muito medo; no pátio elas cuidavam todo o tempo que a gente tava lá, tinha as irmãs cuidando. A gente tinha que anda na linha. A gente não andava com rapazes, nem falava com os rapazes.

E: E as irmãs falavam alguma coisa sobre sexualidade?

Y: Nada, não. Eu casei inocente, pq nem meu pai, minha mãe me ensinou. Pq eu sai com 9 anos, eu ia em férias, era aqueles três mês de férias, então nunca teve muita oportunidade.

E: E as colegas não falavam, as mais velhas?

Y: Não, nada.

E: E quando veio a primeira menstruação?

Y: Eu, quando veio, eu tava no colégio Sant`Ana, olha eu chorei muito só. Eu falei pras noviças, eu me apavorei, foi na hora do banho, pq no Sant`Ana a gente tomava banho uma vez por semana.

E: E aqui quantas vezes?

Y: Aqui a gente tomava quase todos os dias. Mas lá não, eu digo pra vocês eu sofri muito lá, pq as irmãs eram muito brabas.

E: Aqui não?

Y: Não, aqui era um céu aberto. Uma vez até veio umas irmãs franciscanas e eu tinha contado pras irmãs, pq eu conversava com elas, eu tinha liberdade de conversar com elas, elas eram minhas amigas, coisa que eu nunca tive lá; sabe pq, e nós aprontava. Fazia arte de roubar as laranjas delas, os coquinhos, os butiá. Então nos não tinha liberdade.

E: E aqui tinha?

Y: Tinha, pelo menos pra conversar, pra ser amiga das irmãs. E mesmo no trabalho pq uma fazia flores, outras pinturas, então as irmãs eram nossas amigas.

E: E o banho aqui em Silveira, pq a água é gelada?

Y: É, mas elas aqueciam, tinha umas caldeiras, então aquecia a água. Aqui era umas quantas vez por semana e a gente podia entrar nos banheiros pra se lavar e tudo. O horário era por turma, então depois do meio dia começava as turma a tomar banho. Pq na minha época tinha muitas meninas, tinha de tudo que é lugar.

E: Minha filha dizia que queria ser interna quando era pequena?

Y: Eu dizia, ai minha filha é horrível ser interna, não é nada bom. Aqui eu gostava. Depois que eu sai eu comecei a namorar o Antonio, ai então eu convidei elas pro casamento, elas foram; só que elas não faziam refeição na frente da gente.

E: Nem no colégio?

Y: Não, elas só ficavam cuidando. No pique-nique elas faziam separado, só elas juntas. No dormitório tb, ninguém entrava no dormitório delas, ninguém.

E: O bordado tinha prova, tinha nota?

Y: Não, só de costura e datilografia, daí tinha nota.

E: A senhora fez costura?

Y: Fiz e datilografia. Fiz pintura, bordado, tudo que tinha ali eu fazia, flores, cada flor mais linda, aqueles cactos de veludo. Era muito bom, aqui era uma beleza.

E: E vocês não vendiam?

Y: Nós fazíamos assim, aquelas maiores, que bordavam mais rápido, nós bordávamos até a madrugada; então as irmãs, elas vendiam pra elas. Nós fazíamos, bordávamos, bordando com vela.

E: Não tinha luz elétrica?

Y: Não, aqui na época não tinha; aqui era uma usina que tinha um açude, então a luz era até as nove, dez horas. Era um projetor, uma coisa assim. E nós bordávamos até madrugada pra fazer, então depois elas faziam uma exposição, então nós fazíamos em dávamos de presente pra elas, e elas botavam ali na exposição e vendiam. Nós tínhamos àquela hora pra trabalhar pra elas, quem queria, não era obrigado.

E: E quem bordava diminuía a mensalidade?

Y: Não, nós fazia de graça, nós adorávamos, nos ficávamos conversando com as irmãs, e lá nós tomávamos leite, elas faziam pastelzinho e nos ficava.

E: E no outro dia tinha que acordar de manhã cedo?

Y: De manhã bem cedo pra ir na missa. Tinha missa todos os dias, o padre ia rezar na capelinha do colégio. Aqui era as seis e meia, acho, depois tomava o café e ia pra aula. E eu ia pras aulas de bordado, de pintura.

E: E sempre tinha uma irmã junto?

Y: Sempre tinha. Nós era sempre acompanhada, e na rua nós não saíamos, só se saia toda a turma.

E: E onde vocês iam, além de ir na chácara?

Y: Passear na rua, saia a caminhar. De uniforme, sempre de uniforme.

E: E podia conversar?

Y: A gente sim, entre nós sim; agora na rua com os outros não, tinha sempre uma irmã cuidando.

E: Como era o relacionamento com as colegas?

Y: Era bom, eu me dava com todas. Sempre tinha as mais amigas. A Maria era muito minha amiga.

E: O convívio era maior por causa da idade,...?

Y: Não, eu acho que é conforme, eu ajudava a cuidar as crianças pequenas, eu gostava de criança, eu cuidava no pátio pra não se machucar, brincava com elas de roda, sempre gostei muito de criança.

E: As irmãs pediam para as mais velhas ajudarem a cuidar as crianças?

Y: Não, não. Nós cuidava por conta, nós dizia pode deixar que nós cuidemo; elas já conheciam nós, elas já sabiam que nós cuidava.

E: E o relacionamento com as irmãs, não havia uma mais severa. E a madre?

Y: Não. A madre era muito boa, era uma pessoa muito inteligente, ela era séria, a madre Elenita. Mas era uma pessoa muito boa, ela conversava quando era preciso. Ela se dava muito bem com todos.

E: Qual era a função da madre?

Y: Olha, ela tinha pouca convivência com nós, pq ela tava sempre na secretaria, ela viajava; depois tinha outra secretária, que era irmã, eu acho que eram três na secretaria, que tavam sempre ali. E o resto das irmãs, uma ensinava bordado, outra ensinava pintura, outra flores, outra costura, outra datilografia; e eram bastante irmãs. Tinha a que cuidava do pátio, outras que faziam a comida, faziam a merenda escolar.

E: Vocês ajudavam na cozinha?

Y: Não, nós nunca nem entrávamos na cozinha, não era permitido. Nós tinha horário pra tudo.

E: E as confissões?

Y: Tinha, era duas vez por semana. Nós nem tinha pecado, as gurias diziam que não tinham estudado, que tinham mentido, que tinham pensamentos maus; sei lá o que eram os pensamentos maus, diserto pq tavam namorando, quem sabe.

E: E os alojamentos como funcionavam? Quando a senhora tinha as sessões de bordado ia mais tarde?

Y: A sim ai eu ia tarde, tinha que entrar de vagarzinho, pra não fazer barulho pras outras, pq as camas eram todas separadas por um bidezinho.

E: E não tinha bagunça no dormitório?

Y: Não, não tinha bagunça, todo mundo ia quietinho pra cama dormir, e cansada de tanto correr, pq eu era guria e ainda corria.

E: Com a senhora se comunicava com sua família quando era interna?

Y: Só por carta, a gente escrevia.

E: Elas liam antes de enviar?

Y: Não, aqui não. Elas colavam e já botava no correio. Pelo menos pra mim era assim, não sei se das pequenas elas liam, talvez lessem, pq tinha meninas pequenas, talvez elas lessem. Mas eu não, eu elas já botavam no correio.

E: E as visitas, quando eram feitas?

Y: As minha não vinham, só nas férias de junho, então eles vinham nas férias de junho, meu pai e minha mãe, e eles ficavam no hotel, pq naquela época tinha um bando de hotel aqui. E passavam todas as férias no hotel, ia pra Santa Maria passear.

E: Quantos dias eram?

Y: Era vinte dias, e nós ficávamos aqui. Eu nem ia pra casa pq, naquela época pra ir pra casa tinha que ser de trem e demorava muito, e gente morava pra fora, então lá, tinha que pegar carro pra ir pra fora e o pai não tinha condução, e nunca quis, nunca quis dirigir.

E: E no verão eles vinham de novo?

Y: E depois nas férias grande eles vinham me buscar. Eu não ia sozinha, eles sempre vinham me buscar. Sim pq tinha que ir até Santa Maria e depois...

E: E sobre as orações; havia missa de manhã, vocês comungavam, e depois quando é que rezavam de novo?

Y: Ai rezava na hora do almoço, na hora de deitar, sempre rezavam. De manhã quando levantavam, rezava uma ave-maria, agradecia pela noite.

E: Quem puxava as orações eram as irmãs?

Y: Eram elas, elas vinham acordar, tinha sinetinha; daí nós acordávamos, levantávamos, ia no banheiro, se lavava, depois rezava e saía do quarto.

E: E rezavam o terço?

Y: Rezava na capela.

E: E fazendo os bordados e pinturas, não se rezava?

Y: Não, nunca rezava. Só nas refeições.

E: No verão o banho era mais freqüente?

Y: Não.

E: Aqui havia jejum?

Y: Sim, na semana santa faziam jejum.

E: E quando vocês confessavam os pecados, quais eram as penitências?

Y: Era um pai-nosso, um monte de ave-maria. Só tinha reza.

E: E os castigos?

Y: Ficava na peça onde tinha o piano, ficava lá sem conversar com ninguém, ficava horas lá, mas era meio difícil assim de (elas castigarem), só se respondia, tinha meninas que respondiam assim.

E: E castigo físico?

Y: Não tinha.

E: Olhava o álbum e comentava que tinha crianças pequenas:

Y: Tinha uma que não caminhava, deficiente, coisa mais querida, como eu ajudei a cuidar dela, tinha uma priminha dela que cuidava, e ela tava no colégio, ela estudava, ela ia na aula, a deficiência dela era as pernas, ela não caminhava; mas nas escadas né, pra levar no pátio, tudo, tinha que pegar no colo; as maiores ajudavam. Mas ela mexia os braços, a cabeça, ela era bem inteligentezinha, só não caminhava, ela deve Ter tido um paralisia. Tinha crianças bem pequenas que tiveram internas ai. Tinha uma família de, não me lembro da onde, eu acho que era de Vale Vêneto; os pais foram plantar no Paraná e deixaram todos os filhos com as freiras, não podiam levar; os meninos em Vale Vêneto e as meninas ficaram estudando aqui. Até os pais se adaptarem no trabalho lá; elas ficaram uma ano. Aí tinha uma bem pequenininha, com três aninhos, as irmãs adoravam crianças. Ficaram um ano, depois a gente achou uma falta quando elas foram embora. Depois tinha uma de sete. Eram quatro meninas e três meninos.

E: As irmãs convidavam as alunas pra ser freira?

Y: Elas falavam, se alguém quisesse, até tinha bastante meninas que. Eu tive uma colega, a Ivone era o nome dela, era de São Gabriel, era de gente rica, ela estudava aqui, e depois quando eu saí, que eu casei ela ficou, e ela foi ser freira; ela não quis mais a herança dela e ela foi ser freira.

E: Tinha muita gente com dinheiro; tinha alguma diferenciação?

Y: A tinha, porque era muito caro, tinha que Ter dinheiro. Porque naquela época mais, nós éramos era filha de fazendeiro, era isso ai. Era quase tudo filha de fazendeiro. Porque moram pra fora e não tinha como botar os filhos no colégio colocavam nos colégios internos, todo mundo era assim. Aqui claro, tinha as gurias daqui mesmo, da colônia, que estudavam aqui, mas as que vinham de fora eram tudo filhas de fazendeiro, a maioria, claro que tinha uns que tinha comércio. Mas era uma vida muito boa, eu te digo, eu gostava.

E: E quando tomavam banho, tomavam banho de camisola?

Y: Não, tomava banho pelada mesmo.

(Depois, o marido da Dona Yolanda chegou na sala e começaram a olhar os álbuns juntamente e apontaram várias pessoas).

ANEXO 4 - Entrevista com FLORISBELA BRAGANÇA DE MORAES

Realizada dia 04/11/2004 em sua residência a Rua Astrogildo de Azevedo, bairro centro. Nascida dia 02/09/1922.

Atualmente com 82 anos.

Entrevistada por: Adriana Aires Pereira .

Será utilizado F, para Florisbela e E, para entrevistador:

E: Qual sua idade e origem?

F: 82 anos, natural de Santana do Livramento, nascida em 02/09/1922.

E: Qual seu estado civil?

F: Viúva, não quis um novo amor, sou mulher de um marido só.

E: Até que série a senhora estudou?

F: Eu tirei, lá o que tinha, era ..., tinha a parte de primário, depois o elementar, são separado né. Então depois eu tava estudando música, eu queria seguir música, mas no fim depois eu parei tudo.

E: A senhora sempre estudou lá, ou depois foi para outra cidade estudar?

F: Não, depois fui pra Livramento e não sai mais, porque o papai ia pra fora, na fazenda; e eles achavam que não precisava muito a gente saí; e se forma pra isso e pra aquilo, eu ia me forma pra música, mas depois parei...

E: A senhora voltou do colégio com que idade, com que idade a senhora voltou para a casa do seu pai?

F: Bom, aí depois eu andei estudando em outros colégios, assim meio picado como se diz e foi até os quinze, depois eu fui pra casa.

E: Então isso equivale ao ensino fundamental, ao primeiro grau, ou não chegou a completar?

F: Sim.

E: Mas, o ginásio a senhora não chegou a completar?

F: Nem tinha, tinha que vim para aqui, se internar, essa coisa toda, e aí eles arrepiaram.

E: A senhora tinha muitos irmãos?

F: Não, nós éramos quatro, mas eu vim pra cá em seguida e aí meu irmão veio estudar, aí para o colégio dos irmãos e as gurias foram para o Santana.

E: E aí a senhora foi para o Santana?

F: Não daí eu não quis mais.

E: A senhora que não quis?

F: Não, aí já que eu não vou pra qui nem pra li. Aí fui estudar outras coisas, tirei datilografia, tirei, tava tirando piano e a música.

E: E a senhora pratica música hoje ainda?

F: Ah, agora eu to querendo recomeçar, porque depois que o Zeca (marido) faleceu, ele gostava tanto de me ver tocando, e eu aí. Agora eu disse pras gurias, porque a gente burrica quando pára, a música é muito ingrata, então a gente tem que ..., eu ia me formar em música, mas no fim parei. E depois quando eu saí do colégio já estava namorando o Zeca, e aí o Zeca, Papai dizia, agora tu vai te preparar é pra casar, onde é que se viu, agora tu vai interna por aí, ele não vai ficar muito satisfeito.

E: Onde que a senhora conheceu seu marido?

F: Lá nas festas do colégio.

E: Ele estudava lá em Silveira Martins?

F: Não ele era formado já. Ele trabalhava lá, na colônia e aqui na cidade, naquele hospital que tem lá, ele que fez aquele hospital que tem lá.

E: ele trabalhava com construção?

F: Não, ele atendia, saia a cavalo naquela época, porque não tinha nem estrada pra; depois que ele comprou um carro, pra visita os paciente que chamavam em casa, era a cavalo. Ia fazer parto, tudo, naquela época era tudo muito precário. Era médico que fazia tudo, desde apêndice, coisa simples né.

E: Com que idade a senhora foi para a escola lá?

F: Eu fui com oito e saí de lá com treze.

E: E sobre seu pai, seu pai era proprietário rural, a senhora falou que morava pra fora.

F: Papai estudou aqui no Marista.

E: Tinha que sair lá da fronteira para estudar na região central do estado. E a sua mãe?

F: A minha mãe é de Rosário, e ela estudou em Livramento, com as minhas irmãs de Livramento.

E: E por que a senhora não estudou em Livramento?

F: Por que tava meio fraco.

E: Os seus pais eram de lá mesmo?

F: Eram, a mamãe era de Rosário. Os pais dela eram de Portugal. Eu andei lá mesmo, tinha família .

E: A senhora exerceu alguma outra profissão fora de casa?

F: Não.

E: Com que idade a senhora casou?

F: Eu casei com vinte anos.

E: E atualmente a senhora exerce alguma atividade?

F: Não agora não.

E: A senhora participava de algum conservatório, fazia aulas em algum conservatório?

F: Antes eu fui, fui até um ponto aqui depois que casei, mas depois com os filhos, eram tão difícil antigamente pra, não existia creche, não existia nada, então eu me dediquei para os filhos mesmo. A gente botava uma pra cuida, quando via era umas gata, judiava, i eu digo não, pra mim chega, não vou deixar que alguém vá fazer maldade com eles. Então me dediquei só pra eles; só passeava bastante, saia bastante com o marido, ele gostava, gostava de baile, gostava de tudo.

E: E a senhora também gostava?

F: Também. A gente fundou o Minuano, fomos nós que fundamos. Naquela época era uma beleza tudo lá.

E: E sobre a rotina do colégio, como é que era, a quem obedecer, como é que era lá no colégio?

F: Eram as irmãs, tinha alguma, alguma professora, quando a gente chegava lá no quarto, quinto ano já tinham professoras daqui. Elas punham as mais ..., por que tinham as irmãs que não eram muito..., eram só as do primário aquela coisa e professora de música.

E: Nós estamos falando do ano de 1936?

F: Em 1936 foi o último ano que eu estive lá. Aí já tinha professora de piano, não era irmã, era de Cruz Alta. Depois ficou irmã, mas não daquelas, ela foi pras carmelitas.

E: E tinha uma diretora que comandava todo o colégio?

F: Tinha, tudo, a maioria das professoras eram irmãs.

E: E vocês deviam obediência a esta diretora?

F: Não, a maioria cuidava do seu setor, da sua aula, e tinha uma irmã desde o refeitório, tinha uma responsável, a parte da higiene, pra vê se as gurias..., no inverno meu deus, tinha que quase pegar a unha pra toma banho, por que era muito frio lá. Eu me lembro que tinha umas partes do pátio com aquele tijolo, então de manhã aquilo parecia que era vidro, era gelado, gelado. A gente corria levava cada resbalada, então a gente tinha que fica, tinha uns galpões grandes assim, onde tinha a rouparia, eram grandes com tijolo, mas ali tinham bancos, tinha tudo. Dia de chuva, dia muito frio, a gente brincava lá.

E: E como é que eram as turmas, a senhora tinha colegas da mesma idade, tinha bastante colegas na sala de aula?

F: Tinha, e a gente geral pegava uma turma sempre que chegava ali, fosse da onde. De Uruguaiana tinha uma turma grande, de Livramento.

E: Mas eu digo, na mesma sala de aula, vocês tinham a idade parecida, as mesmas colegas?

F: Não, mais ou menos. Tinham umas que entravam pro primário, e eram mocinhas e tinham que ter aula com as mais novas, não havia idade marcada para ir a escola.

E: Quantos colegas a senhora tinha por sala de aula?

F: Tinha de trinta a quarenta alunos. Por que sempre tinha na base de noventa, mas o mais, era mais de oitenta meninas que tinha lá. Elas (irmãs), faziam assim, dependendo da aula trocava de sala. Por exemplo, aula de trabalhos manuais, que faziam em geral fim de semana, era uma sala maior, por que reunia mais alunas.

E: E sobre as disciplinas que vocês tinham lá, a gente leu que vocês tinham até aulas de francês?

F: Tinha. As disciplinas eu acho que era. Tinha aula de matemática, de história, essa coisa toda, mas naquela época não era separado assim, por que era outra divisão, outra maneira. Mais a gente estudava tudo: história, ciências. Mas todas as professoras eram freiras, tinha umas, por exemplo, de ginástica era daqui, elas iam passavam o dia lá.

E: Vocês não tinham professor homem?

F: Não, naquela época quase não tinha.

E: E nessas aulas sobre educação física, elas ensinavam algo sobre o cuidado com o corpo?

F: Isso elas ensinavam na aula.

E: Porque quando a senhora estava no Colégio veio as regras, a primeira menstruação, o seio estava crescendo..., as irmãs davam alguma orientação nesse sentido, o que elas falavam pra vocês?

F: Elas falavam que, que as gurias andavam lá, chorando pelos cantos, que não sabiam, e as vez então tinha as irmãs que tinham estudado enfermagem, então elas ensinavam as gurias que tinha que ter bastante higiene. Tinha uma que diziam que não podiam se lavar, não podia ir para baixo do chuveiro lavar o cabelo, tem que se cuidar, se tiver muito frio, pode ter um pouco de cólica, mas tem que fazer bastante higiene. Naquela época até o dormitório era separado das maiores, as maiores e as médias, já passavam por aqueles. Porque as vezes as gurias iam de noite no banheiro, tomar um banhozinho e se deitar (quando estavam mestruadas). Então tinha que fazer aquilo.

E: Então quando começavam a menstruar ficavam separadas?

F: Daí era o dormitório das maiores. Porque naquele tempo não tinha divisão, porque os quartos eram grandes, tinha umas quantas camas. Tinham divisões, pra não ficar todo mundo num só. Mas lá em cima tinham vários dormitórios.

E: E não era uma bagunça?

F: A não tinha porque a irmã dormia uma celinha ali, que ela dormia ali. As vezes a gente saía e a freira aparecia e tinha que mergulhar e ficar quieta, as vezes ela vinha de lanterna pra ver se a gente tava dormindo. Todo mundo tinha que dormir. Porque no outro dia tinha que levantar, tinha que ir para a capela.

E: A missa era todos os dias?

F: Não, no geral a gente ia rezar, só passava lá, não tinha padre, não tinha nada. Nos dias de semana, nos dias dos santos, que a gente era acostumada e nos domingos a gente ia na missa na Igreja.

E: A sua família é católica, a senhora é católica?

F: É, sou.

E: Tinha uniforme?

F: Tinha.

(Ela trouxe fotos dela no colégio e dela bebezinho para nós vermos, do marido)

E: (Com relação as fotos) Eu estou vendo aqui uma aluna pretinha; a senhora tinha colegas pretinha?

F: Tinha uma, a Vicentina aqui de São Sepé. A gente aprendia a fazer de tudo lá.

E: A senhora fez o curso de datilografia também?

F: Fiz. Eu me formei em datilografia (mostrou a foto).

E: Eram boas as comidas lá?

F: A gente comia lá que era uma beleza. (Mostra as fotos) Eu tirei corte e costura lá, olha aqui.

E: E nas aulas como é que era a disciplina lá, vocês tinham que ficar quietas?

F: Quietas, não podia nem levantar, pra ir no banheiro não saia duas, por que senão ia conversar.

(Mostrou uma foto e comentou que era aula de geografia)

E: E o uniforme do dia-a-dia, como era? E o final de semana?

F: Tinha o uniforme do final de semana. Se fosse sair com o colégio tinha que ser de uniforme. Nós tínhamos, tinha branquinho e tinha xadrezinho, abotoado assim.

E: E as suas irmãs que estudavam lá, eram mais novas ou mais velhas?

F: Mais novas. Eu fiquei mais um ano lá só por causa delas e aproveitei para tirar tudo quanto era curso que tinha lá.

E: E durante o final de semana, quando não tinha atividade do colégio vocês podiam usar outro tipo de roupa?

F: Usava o avental, saia pra, por exemplo pra passeio, assim, que era domingo, na Igreja, tudo era com o uniforme.

E: E vocês podiam escolher se podia ir ou não?

F: Não, ia todo mundo, tinha que ir. Se não o que ia ficar fazendo lá no colégio, sozinha. No geral, as vez, vinha os pais, saiam. Só nos passeios que a gente saia a caminhar, nas procissão. As irmãs levavam a gente para aqueles campinhos ali; levavam merenda e a gente brincava bastante, jogava.

E: O que vocês jogavam?

F: Jogavam de tudo, era bola ou caçador, e jogava esses de fazer, sapata.

E: E as irmãs brincavam junto?

F: Não, as vez elas brincavam um pouco, mas com aquelas roupas delas não dava. Elas ficavam só passeando no pátio, enquanto nós brincávamos. Elas acompanhavam pra gente ir naqueles campinhos. E eles convidavam ali perto, quem tinha bastante fruta, eles convidavam pras gurias ir lá passear e comer fruta.

E: O que se fazia com o material produzido nas aulas de artesanato, bordado, pintura, corte e costura?

F: A gente fazia e levava pra casa, porque a gente pagava tudo. Elas tinham o tecido, o material. E tinha ali uma lojas, tinha uma até bem boas, com bastante coisa. Agora a coisa deu para trás.

E: Como é que era o relacionamento entre as colegas?

F: Era maravilha, porque a gente se dava com todo mundo, não tinha briga.

E: Onde ficava o alojamento dos meninos, não ficava ali dentro do colégio?

F: Não, os guris? Tinha um outro, era lá no Fontoura Ilha, tinha uma lá, na entrada da cidade, ali na esquerda, então tinha ali. Antes de dobra ali, tinha o clube. Tinha um hotel ali; até o papai deixou lá dito pra eles, pra eles nos domingo levarem pra mim cuca, galinha assada ou se tivesse um piquenique pra levar doce. Quando o papai chegava lá acertava tudo (pagamento das comidas).

E: E as outras alunas recebiam também?

F: Não, o pai tinha que deixar lá, não lá só quem tivesse.

E: Daí a senhora dividia com as outras colegas?

F: A sim, da nossa turma né.

E: E tinham as colegas que estavam estudando pra ser freiras? A senhora teve alguma colega que resolveu ser freira?

F: Não, tive uma que era professora, depois resolveu ser irmã, ela era de Cruz Alta.

E: A senhora nunca pensou ser irmã?

F: As vez, no começo a gente pensa, mas depois...

E: As irmãs não chegavam a convidar...

F: Não, isso elas não faziam, não ofereciam nada pra gente de ...

E: E o relacionamento com as irmãs, não tinha nenhuma briga?

F: Normalmente não, porque elas não podiam, porque qualquer coisa era só se queixar para a madre e deus o livre mandava ela embora, mandava pra um outro lugar. Elas eram muito atenciosas com a gente. Depois era tudo pago, elas tinham que cuidar das alunas para não acontecer nada.

E: E como seu pai pagava a escola? Era em dinheiro?

F: No geral ele pagava até junho e depois ficava, porque naquela época era difícil mandar, desde as coisas era difícil mandar pra lá. Então se a gente pedisse alguma coisa a irmã tomava nota lá e quando o pai chegava ele acertava. Lá era difícil de ir, o papai não ia, passava o ano longe, porque ele tava na fazenda né.

E: E carta?

F: Carta a gente sempre escrevia.

E: E no período de férias a senhora ia para Livramento?

F: Ia pra Livramento, era na primeira semana de dezembro e voltava nos primeiros dias de março.

E: A senhora ia sozinha, ou ia com suas irmãs?

F: Ia com papai de trem, porque nosso trem era o que ia pra Bagé, chegava ali ia até Cacequi, lá em Cacequi nós trocávamos de trem, que ia pra Livramento. Era uma maravilha tinha comida, tinha tudo.

E: Quem fazia a comida no colégio?

F: As irmãs.

E: Vocês não ajudavam no colégio?

F: Não, tinha aquelas moças que queriam ser freiras, e elas ajudavam, mas quem era a chefe era a irmã.

E: As alunas não ajudavam então no preparo da comida?

F: Não, as alunas era só para estudar. As vezes as gurias iam ajudar lá alguma coisa.

E: Vocês tinham que levantar e arrumar a cama?

F: A cama a gente deixava arrumada.

E: E acordavam cedo?

F: Cedo, seis e meia, por exemplo, porque as sete horas tava na capela, ia tomar café, e ia até o meio dia com aula. Entrava as sete e meia, depois tinha uma pausa e depois, a gente as onze e meia saia, ia para o pátio até o meio dia; e ao meio dia era almoço. Depois brincava um pouco e tinha estudo. Assim tinha os dias, quarta-feira e no sábado tinha o dia do trabalho; a gente podia fazer qualquer coisa, dentro daquele horário até as quatro. Então podia fazer pintura, podia fazer bordado, tinha as aulas; depois era ensaio, depois tomava o café, saia de novo e era estudo.

E: e o resto da tarde?

F: Não tinha resto da tarde, porque quando a gente saia já era a tardinha; as quatro horas tomava um chá, um café, depois ia pra aula e já era seis horas.

E: E qual era o horário do banho? Tinha banho todo o dia?

F: Tinha, cedo, só as moças tinham todos os dias, tomava o dia que quisesse.

E: Uma senhora que estudou em um colégio assim me disse que tinham que tomar banho de camisola. E lá?

F: Quem tomava de camisola, porque era muita gente, as que tomavam no chuveiro de fora. Era abotoada aqui (no ombro) a camisola então quando ela ia lá toma

banho, se esfregar, lava pé, lava tudo; depois a irmã abria os boques ali, e ficava com a toalha e ai a pessoa ia lá se dava uma enxaguada toda sem nada, pra anda mais ligeiro; então ficavam lá tomando banho do lado de fora. Tinha tipo assim, um chuveiro pra cada pessoa; agora no inverno era água morna.

E: E os namorados nessa época?

F: Ah, nem falavam, as freiras não podiam nem sonhar!

E: Mas tinham?

F: Tinha, tinha as gurias que saiam quando vinham os pais, tinha uns que iam lá visitar, e as vezes tinham a licença para tirar a fulana ou a fulana; as pessoas que iam lá visitar, os pais. Então as gurias ai aproveitavam. Tinha as gurias, mas nem tinha moço pra namora lá.

E: Mas a senhora não conheceu seu marido lá?

F: Pois é né. Até foi assim, era meio de longe, eu conversei com ele quando o papai tava lá. Porque ele foi lá conversar com ele lá, queria conhecer o papai, tu pensa que a gente conversava assim? Não.

E: Ele era mais velho que a senhora?

F: Oito anos.

E: a senhora conheceu ele quando a senhora tinha que idade?

F: Quinze.

E: E daí ele conversou com seu pai e disse que queria namorar a senhora?

F: Não, o papai que ficou desconfiado.

E: E vocês não se espivavam por cima do muro, ou coisa assim?

F: Não tinha como. Ele só me dava serenata.

E: Como assim?

F: Tinha um lugar assim, dum lado, que era um amigo dele, e eles iam lá pra beira do muro que dava pro colégio, tocavam violão, cantavam.

E: E as irmãs não ficavam bravas?

F: Não, mas a gente ficava deitada, elas chegavam a levantar pra olhar se alguém tava..., e a gente quieta, nem.

E: E a senhora sabia que era pra senhora?

F: Sabia, mas não ia botar a mão na palmatória.

E: Ah, e tinha castigo?

(Neste momento ocorre uma falha na gravação) Depois: Fala na palmatória que era de borracha com furinhos, mas Dona Florisbela diz que a palmatória é do tempo de

sua mãe, que no colégio não tinha; sua mãe contava que nunca tinha apanhado com uma, porque estava no colégio para estudar.

E: E sobre a religião, vocês tinham que rezar de manhã, e durante o dia rezavam de novo?

F: Não, rezava só quando o pessoal entrava no refeitório, então sempre a gente rezava. Então, depois de noite, quando ia deitar a gente ia direto a capela, aí rezava a oração da noite e ia dormir.

E: E as confissões, era exigido?

F: Não, era quem quisesse. Ia o padre lá era de tarde, a tarde de sábado. Quem quisesse, porque marcava hora, me parece que era quatro horas, então ia lá, quem quisesse confessar, confessava. Saía de lá, ia pra comunhão no outro dia.

E: E todo mundo se confessava?

F: Não, tinha umas até que não era da religião, mas elas iam junto assim.

E: Tinha alunas que não eram católicas?

F: Tinha, tinha uma lá que era protestante.

E: E as irmãs aceitavam?

F: Aceitavam, elas diziam que podia ser até que ela se convertesse. E eram alunas boas. Ela ia na capela e tudo.

E: E a senhora se confessava seguido?

F: Não, nem tinha o que confessar.

E: Como é que a senhora ficou junto com seu marido, se a senhora voltou pra Livramento?

F: Aí ele ia lá me visitar. Aí depois, nós íamos casar em fevereiro do no seguinte, mas aí foi aquela guerra, e aqui os médicos e os rapazes até uma certa idade tinham que se inscrever para ir pra Itália. Então, aí eu cheguei lá e disse para o vovo: recebi uma carta do Zeca, dizendo que ele vai pra guerra. Daí ele disse: Mas de jeito nenhum ele não vai pra guerra, invés de vocês casarem em fevereiro vocês vão casar em dezembro. Daí eu falei pro papai, tudo, escrevi pro Zeca e disse que pra ele não ir pra guerra o pessoal aqui em casa vai marcar uma nova data, em dezembro ou novembro pra tu não ires assim. Quanta gente que foi e ficou lá? Daí ele achou uma maravilha; e já tratamos...

E: Mas vocês nem se conheciam direito?

F: Não, nós já se conhecia, já faziam dois anos.

E: Mas haviam convivido muito pouco.

F: Muito pouco.

E: E andavam de mão?

F: Andava

E: E podia dar beijinho?

F: (risos) Mas e claro, se não ia dar.

E: Mas não dava pra dar uma escapadinha do colégio pra encontrar ele lá?

F: A não, se eu saísse de lá pra encontrar namorado, eu tava fora do colégio. As vezes ele ia lá pra cima na torre da Igreja, lá eu tenho até foto que ele me tirou eu lá no pátio. As vezes ele me mandava dizer, vai lá no pátio que eu vou estar lá na torre.

E: E tinha outras colegas que tinham namorado assim de longe?

F: Não, não tinha. Porque não tinha muito moço. Eu sei dizer que nós noivamos e daí nos casamos em dezembro. E ele não foi pra guerra.

ANEXO 5 - Entrevista com FRANCISCA FORTES FLORES

Realizada dia 10/11/2004, em sua residência a Rua Geraldo Arones nº 395
Bairro Nossa Senhora de Lourdes Santa Maria RS / Fone: 222-66 97..

Nascida no dia 26/01/1921, no interior de São Martinho da Serra.

Entrevistada por: Adriana Aires Pereira

OBS.: Com o objetivo de reavivar a memória da entrevistada levamos um álbum com fotos do colégio Bom Conselho, das décadas de 30 a 50, álbum este emprestado pelas irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria.

Será utilizado F, para Francisca e E, para entrevistador:

E: Qual seu estado civil?

F: Viúva.

E: Até que série a senhora estudou?

F: Eu estudei até a quarta série. Eu comecei em São Martinho. Quem me alfabetizou foi Lélia Ribeiro irmã do poeta Chico Ribeiro. Depois é que eu fui para Silveira, mas entrei no primeiro ano, não me botaram no segundo ano. Com a irmã Fabiola, e a irmã Fabiola dava bordado também, pra classe dela.

E: E o seu pai o que ele fazia?

F: Meu pai era pecuarista.

E: E a sua mãe?

F: Ela era dona de casa.

E: A senhora tinha muitos irmãos?

F: Tinha seis, três homens e três mulheres, uma estudou lá e a outra estudou só em São Martinho, depois que criaram o grupo escolar Maria de Lurdes.

E: E a senhora teve alguma profissão durante sua vida?

F: Só dona de casa.

E: A senhora teve quantos filhos?

F: Quatro, uma mulher e três homens.

E: Atualmente a senhora está aposentada?

F: Não eu sou pensionista.

E: Atualmente a senhora tem alguma atividade?

F: Não, só o crochê.

E: A senhora aprendeu a fazer no Bom Conselho?

F: O crochê eu aprendi depois, minha mãe me botou para aprender fazer crochê, depois com mais idade é que eu aprendi a fazer crochê.

E: Como era lá no colégio, a quem vocês tinham que obedecer?

F: Em geral era ela era a chefona; mas a gente obedecia as nossas professoras e a irmã que cuidava o refeitório, o dormitório, essas a gente tinha que respeitar. Tinha uma que cuidava o pátio, quando a gente tava no recreio, tinha sempre uma irmã junto. Onde tem uma rua hoje tinha uma horta, atrás do colégio. Tinha uma irmã que cuidava da horta a irmã Georgina, que lidava das vacas.

E: E como eram distribuídas as aulas, a senhora disse que no dormitório era distribuídas por idade, as maiores e as menores. E as aulas?

F: Também eram assim. Tinha, pro início a irmã Fabiola, que era do primário, depois mais adiante era a irmã Plácida era do segundo e do terceiro, depois a irmã Neli, que era uma fera de braba, a irmã Neli que era um terror, braba, danada, gritona com a gente.

E: E ela dava castigo?

F: Dava castigo, tu sabe que eu uma vez copieei a tabuada quinhentas vezes; porque eu não sabia a tabuada, ela me botou a copia. Cada que tinha aula de matemática ela me botava no quadro, esta irmã, Neli, cruces ela já me botava lá gritando, e ai eu não fazia nada, começava a chora e ai terminou a aula pra mim. Pois ela queria fazer aquilo para me castiga mesmo, mas não adiantou.

E: E a senhora não reclamava para seu pai?

F: Não, não podia reclama, capaz que fosse reclamar. Elas (freiras), não admitiam reclamação, dos alunos para os pais. Mas elas tinham razão porque a gente aprontava as vezes.

E: O que era o aprontar de vocês desta época?

F: Não, é faze no dormitório era aquela função de jogar travesseiro, bolinha pra cá bolinha pra lá, mas tudo na surdina.

E: E elas queriam saber quem era?

F: Elas queriam saber no outro dia quem era, mas ninguém se acusava, mas tinha que se acusar, porque se não todo mundo ficava de castigo, se merecia tinha que ficar, porque se não todo mundo ia junto.

E: E quantas alunas tinha por sala de aula?

F: Não me lembro, mas era bastante, era uma sala grande, e era dos dois lados classes; acho que tinha umas vinte, trinta.

E: E o uniforme, como era?

F: Era assim, uma saia azul-marinho e blusa branca.

E: E o uniforme xadrez a senhora lembra?

F: Que eu me lembre no meu tempo não.

E: E tinha o uniforme de sair e o uniforme de ficar dentro do colégio?

F: Não, no colégio a gente ficava assim com roupa comum, é só para ir na igreja e na aula que era o uniforme.

E: E podia usar outra roupa em outro horário?

F: Sim, sim as roupas que trazia de casa. O uniforme era mesmo quando saia para rua.

E: Nos passeios?

F: Não, nos passeios era roupa comum; a gente voltava suja, que era uns bicho. A gente ia pros arvoredo, comer laranja, e fazia aquela função toda.

E: E nas aulas de bordado e corte-costura era usado roupa comum?

F: Sim, como estava no pátio ia pras aulas. Tinha aula de violino, tinha aula de piano.

E: E a senhora fazia alguma aula de música?

F: Não, eu nunca consegui eu acho.

(Chegou a filha mais velha da dona Francisca, interferindo nas respostas da entrevistada)

E: Qual o horário das aulas das disciplinas, e dos trabalhos manuais?

F: Sim, o bordado geralmente era de tarde, e de manhã era aula normal por matéria.

E: E a senhora lembra quais eram as matérias?

F: Sim, tinha matemática, história, geografia, ciências, tinha essas coisas que vocês já deram, só que não era tão puxado como hoje né.

E: Vocês estudavam alguma língua alem do português?

F: Não, nada, nada, até nem davam isso.

E: E a aula?

F: Era de manhã, até as onze e meia, aí a gente descia, fazia alguma coisa no pátio, lavava as mãos, depois ia para o refeitório.

E: E as aulas começavam que horas?

F: Geralmente oito horas, porque a gente ia para capela descia do dormitório, invés da gente ir pro café, ia direto para a capela, depois que vinha pro refeitório.

E: E se não queria rezar?

F: Não, mais tinha que ir igual.

E: A senhora lembra de alguma interna que não fosse da religião católica?

F: Não, eu não me lembro de ninguém. Me lembro de uma que foi pra lá, ela era antes que eu, quando eu cheguei ela saiu. Ela era de Uruguaiana, Estér Delgado, o nome dela, ela chegou grávida e a irmã não aceitou ela, não aceitaram.

E: E a senhora lembra de alguma gravidez lá, nesta época?

F: Da escola, nunca ouvi falar disso.

E: E não se falava sobre sexo?

F: Não, as freiras não ensinavam. As coisas eram muito camufladas.

E: E os comentários entre as colegas com relação a sexo?

F: Eu me lembro que tinha uma freira, que nos cuidava ela, eu não me lembro o nome da aluna, ela era bem bonitona, bem alta assim, mas não me lembro o nome dela, da aluna; essa irmã braba era com essa mulher, com essa criatura. Não me lembro o nome da criatura, me lembro assim dela, inteira, assim, mas não me lembro o nome. Era a tal irmã que era brava, a irmã Neli de matemática. Ela não era assim de dar uma matéria só, na aula era geografia, português matemática.

E: Essa irmã “gostava” de uma aluna?

F: Sim, a gente observava aquilo né. Ela era meia dengosa, mas a gente começou a cuidar, mas a gente nunca viu nada era na calada, a gente nunca percebeu nada, só achava que era assim diferente o tratamento dela; moça feita, mas bonita mesmo, morena de cabelo comprido. Não me lembro do nome dela. Me lembro dela direitinho. Tô fazendo fofoca demais gurias.

R: E sobre as aulas, e as avaliações?

F: Tinha prova, a gente fazia as prova e vai o boletim, com nota. Eu sempre que minha pior nota era sempre a matemática, porque até agora não sei a tal da matemática. Não gostava da matemática. Eu gostava de ir no mapa, então aquilo pra mim era te, te, te, te..., sabia tudo.

E: E como é que eram as provas?

F: Ah, elas davam pra gente fazer assim.

E: Não tinha prova oral?

F: Sim, mais pro final do ano novembro, por ai assim, começava as provas, mas era bom.

E: Elas mostravam as notas para os pais quando eles iam lá?

F: Sim, aí já davam o resultado do boletim, entregavam pros pais. Ia na secretaria e a irmã, a Madre, entregava com o conselho geral.

E: Com relação ao comportamento das alunas?

F: Conforme o que as alunas faziam no outro ano não tinha vaga. Mas nenhuma aluna foi expulsa por comportamento, que eu me lembre não. Mas claro a gente respeitava muito elas, porque deus o livre eu acho que até...

E: E pra andar por lá, como é que se andava?

F: Fazia fila, aí era com fila, sem conversa. Depois que entrou pra fila era em silencio. A conversa era no pátio e na aula tinha os cochichos.

(A filha interfere e pede para ela falar das comidas do colégio)

E: Como eram as comidas?

F: A comida era médio, porque eu sempre fui comilona. O café era bem bom, porque tinha três tipos de pão, e tinha sempre uma coisa por cima do pão. Nós chamava de meleca amarela, de meleca preta. A meleca amarela era melado com laranja, e a preta era de uva. Então era diferente assim, e a gente podia escolher o pão, o pão branco era feito de farinha clara e o pão preto era feito de farinha crioula (integral). E tinha o pão de batata doce, era bem bom. Mas essa minha prima, a Zeli, era muito chata, ela só gostava do pão branco, eu dizia pra ela assim: pega o preto e me dá pra mim, e comia duas fatias de pão. Botava chimia, qualquer uma que tivesse. E a comida, sempre tinha salada, coisa assim, verdura, e a carne era assim, tipo uns guisadão, uma coisas assim, mais comia-se. O feijão não era ruim até, sempre tinha uma misturinha. Mas a salada de repolho de vez em quando tu achava uma lesminha, daquelas pequenininhas assim.

E: E quem fazia esta comida?

F: Tinha uma irmã que era só da cozinha.

E: Vocês não ajudavam fazer?

F: Não, não, era uma irmã e uma auxiliar, as juvenistas é assim que chamam né, eram a ajudante da cozinha. E a alface também de vez em quando uma lesminha assim junto. E tinha um tal de guisado que eu não comia, a única coisa que eu

rejeitei foi isso. A gente chama de bofe, mas é o pulmão do bixo. Faziam aquele guisadão, aquilo fofo, aquilo é uma coisa que tu aperta e volta, e a mesma coisa que tu morder uma esponja, aquele não foi comigo, a única coisa que eu não comi foi isso aí. A salada separava aquela que tava com bichinho e o resto ia.

E: E vocês não aprendiam a cozinhar?

F: Não, elas não ensinavam a cozinhar. Às vezes nós ajudava a fazer aqueles puxa, que é feito de mel, tinha uma irmã que era bem cumprida, a irmã Lídia, parece que era, ela pegava a gente pra fazer aquele monte de puxa, e nós saía com as mão cheia de puxa que era a sobremesa. Às vezes nos dava com pão, as vezes nos dava com salame de colônia, mas não era sempre. Às dez horas a gente descia da aula, tinha o recreio, ali vinha um tabuleiro de pão, a merenda das dez. Eu sempre fui boa de boca.

(Dona Francisca foi para o colégio com doze anos, em 1932, e permaneceu lá por quatro anos).

E: Podia escolher a atividade manual que queria fazer. Como erra?

F: Sim, o que tu quisesse fazer. Se tu queria bordar a máquina, a Isa, minha irmã, que foi antes que eu, aprendeu a bordar a máquina. Tu escolhia o que queria fazer, não era elas que diziam é isso que tu vai fazer, não. Tu escolhia o que queria fazer.

E: Os cursos eram pagos separados?

F: Não, tudo era incluído. Tu só pagava aquilo que tu usou (material), as irmãs forneciam e depois o papai pagava o material.

E: E como era pago o colégio?

F: Ele pagava quando ele ia lá, uma vez por ano, com dinheiro.

E: E a senhora lembra se o colégio era caro?

F: Nem me pergunta, que eu nunca fiquei sabendo quanto é que pagavam.

E: Será que era muito caro?

F: Não, porque, ele nos botou lá decerto porque ele achou barato, meu pai era daqueles durão. Ele era econômico. Dinheiro assim, pra viver, ele tinha, mais...

(A filha dela interrompe e pergunta novamente o ano em que sua mãe esteve no colégio)

E: A senhora só fez até a quarta.

F: Só até a quarta.

E: Porque, a senhora não quis ficar mais no colégio?

F: Não, o meu pai me tirou porque eu já sabia escrever e ler e ele me tirou do colégio.

E: E a senhora não queria ficar mais no colégio?

F: não decerto eu já tinha quinze, dezesseis anos, com dezesseis anos eu contratei casamento. Sabe com que idade eu me casei? Com dezessete anos.

E: E como é que era o relacionamento com as colegas?

F: A gente sempre tinha as turminhas da gente, tinha uma mais pra lá, outras mais pra cá, a gente tinha a turminha da gente. A gente se dava com todas, mas tinha umas que a gente era mais enquadrada, mais.

E: E a senhora falou que as irmãs eram meio rígidas, meio brabas.

F: Claro ela tinham que, era um monte de bicho né, então tinha que se... Até a irmã do refeitório, a Ermelinda, do refeitório, era uma baixinha bem baixinha, ela era brabinha.

E: Essas irmãs, tinha alguma mais amiga?

F: Tinha essa irmã Fabiola, muito boazinha, muito chapa, muito querida, a gente gostava dela assim, só que na hora assim, sabe como é que é de bota nos eixos.

E: Além do castigo de escrever, tinha outro castigo?

F: Fica sem recreio.

E: E castigo físico, tinha?

F: Não, lá já não usavam, lá nunca usaram grão de milho.

E: Com relação as confissões, tinha dia certo, era obrigado?

F: Não , não era a gente é que, a gente é que via quando tinha necessidade, então a gente, ai o padre todos os dias ele vinha na capela, de manhã. Ai de noite, antes de dormir, todos os dias a gente ia na capela.

E: E vocês se confessavam com o padre?

F: Confessava, a gente inventava uns pecadinhos lá, fazer as coisas mal feitas na aula, eles contavam como pecado, uma falta né.

E: E as penitências, como eram?

F: As penitências eram o mínimo, assim, umas ave marias, uns pai nosso, não era castigo.

E: Tinha algum tipo de jejum?

F: Sim, tinha um tipo de um retiro, na páscoa, antes da páscoa. A gente fazia um retiro, não podia conversar, em lado nenhum, nem no pátio, nem nada. Retiro, retiro, sem fala, não podia conversar, só o necessário.

E: E quando vocês saiam para fora.

F: Ai nós nos se esbaldava. Subia nas árvores, comia laranja, aquela coisa toda.

E: Tinha alguma outra saída?

F: Não, só com os de casa.

E: E as idas a igreja?

F: Não, na igreja nós ia só fim de semana domingo, tudo em fila uniformizado. Depois da missa vinha pra casa, tirava o uniforme, porque dentro do recinto do colégio, era roupa comum, o uniforme mais era só para sair na rua.

E: E os desfiles, como eram?

F: A destas coisas eu não me lembro, dessas coisas não se fala, acho que nunca teve desfile.

E: Tinha as colegas que estudavam para ser freiras, juvenistas?

F: Tinha, tinha sim, só nas horas de estudo, o estudo delas era separado, não era junto com o nosso. Elas ajudavam na rouparia, na faxina, na cozinha, elas é que faziam.

E: O que se fazia a tarde?

F: A tarde era as horas de estudo, não era aula, ali era para fazer os temas, o estudo, aquela coisa toda, e a hora do bordado era na quarta-feira, aquele dia era só para aquilo.

E: E as outras tardes?

F: Ficava estudando, sempre tinha uma freira junto cuidando.

E: E o café da tarde?

F: Não, só a janta, lá pelas sete horas.

E: E o banho?

F: O banho era depois do meio-dia, antes do meio-dia um pouco, a gente saia da aula ia pro banho, inverno e verão, sempre foi assim. Quando estava menstruada tinha banho de canequinha, não podia tomar banho de chuveiro, não deixavam tomar banho de chuveiro, quando estavam menstruada, não lavavam a cabeça três a quatro dias. Tinha um banheirinho separado, que ficava tudo ali. Nessa ocasião só lavava lá por baixo né.

E: A senhora lembra de uma camisola de tomar banho?

F: Nunca tomei banho de camisola. Porque a gente não tomava banho junto.

E: E se adoecesse, o que acontecia, iam pra onde?

F: Pros dormitórios.

E: Não tinha enfermaria?

F: Não tinha enfermaria. Eu tive furúnculos na região da traseira e fiquei dias no dormitório, tinha uma irmã que me cuidava.

E: E se adoecesse mais não ia para o médico?

F: Não, elas levam, é o que eu te disse, tinha o Dr. José Pinto e o Dr. Danésio que ia no colégio.

(Estava olhando as fotos e fazendo comentários)

F: Viu aqui ensinavam corte e costura.

E: E a senhora aprendeu corte e costura?

F: Não, só bordar a mão.

E: Agente vê nas fotos as exposições do final do ano, e nesta ocasião vocês faziam teatros ou alguma apresentação?

F: Sempre tinha, no encerramento elas faziam, elas ensaiavam umas gororoba lá. Os teatros, os dramas, tinham umas que tinham cabeça, eram boas nisso; mas eu nunca fiz.

F: Isso aqui eu gostava muito! (ela mostra uma foto delas fazendo ginástica no campinho)

E: Como é que era essa ginástica?

F: Tinha uma professora que dava ginástica. Até essa professora era dessa loja que eu falei, era Cervo, o sobrenome dela.

E: Ela não era irmã?

F: Não, era a única que não era irmã. E ela lecionava tb no colégio, mas não me lembro que matéria.

E: E o que mais vocês faziam além da ginástica?

F: Nem tenho mais idéia, mas tinha coisa com bola, futebol, coisa de vôlei. O pátio era muito grande, tinha uma parte aberta e outra fechada, pra dia de chuva, bem bom até.

E: E a senhora saiu do colégio e já casou?

F: Eu saí com quinze anos, com dezesseis contratei casamento, com dezessete casei.

E: E é de lá da sua região o seu marido?

F: Não ele era aqui de baixo, mas era meu primo, nós casamo primo com primo; e a minha mãe com a mãe dele era gêmea, tu acredita isso. Primo irmão.

E: Foi seu pai que escolheu seu marido?

F: Não, foi eu que escolhi, no meu tempo não era mais dos pai escolhe os marido. Concordaram né, era da família, ficou tudo em casa.

E: A senhora morou naquela região?

F: Morava pra fora, em Boca do Monte, mas eu me criei em São Martinho (explica os lugares onde morou).

Meu pai me levou para o colégio com doze anos.

E: E as suas irmãs tb foram?

F: Sim, a Isa, que era amais velha, ela saiu e eu entrei.

E: E pq as duas não foram juntas, pq a senhora já tinha idade pra ter ido antes:

F: Não sei, deserto pra não gasta, que ele era seguro, econômico, então dando pra uma aprender a outra sai e entra a outra.

E: E a senhora lembra das colegas que tinham dinheiro?

F: Olha, eu acho que muitas tinham, a gente da Florisbela mesmo, era uns que tinham muito dinheiro. Eu acho que a maior parte era de classe mais assim. Tinha de São Gabriel gente assim.

E: E as pretinhas, tinha alguma pretinha?

F: Não tinha nenhuma, nem juvenista, nem aluna. Que eu me lembre não tinha pretinha.

E: Aquela região é de colonização italiana, mas parece que tinha poucas alunas de origem italiana?

F: Eu acho que mais era de fora, da fronteira, assim que não é dali. Pq naquele tempo era internato, iam ali pra aprender ou fazer arte ou fazer outras coisas que não podiam fazer, não sei. Digo assim, aprendiam de tudo ali, o bom, o ruim, isso ou aquilo. Mas o que eu disse, coisas feias eu nunca vi lá; eu digo assim o linguajar da gente, pq vão pra lá, aquela coisa.

E: Olhando as fotos reconhece o Pe. Antonio (Bombassaro)

F: A gente se confessava com ele, ele ia ali na igrejinha, na capela do colégio.

E: Ele chegava a dar penitencia ou fazer jejum por causa dos pecados?

F: Não, era só oração bastante, rezar o terço. E quando o pecado era maior tinha que ser mais, um pecadinho meio forte. Mas acho que não tinha nenhum pecado que tivesse que fazer isso, não sei.

E: As meninas que estudavam no Bom Conselho saíam de lá com um certo status?

F: Sim, pq naquele tempo era aquela coisa o internato, ai pq eu estudei em colégio interno. Pq naquele tempo não era muitos internatos que existiam. É uma pena terminar, pq é bom o internato. E os meus gurus, todos estudaram.

E: E o seu marido estudou tb?

F: Não.

E: E quando a senhora estudou no Bom Conselho até que série tinha?

F: Até a quinta série. Naquele tempo sabendo ler e escrever, para os pais era suficiente, não tinha esse negócio de formado, foi o que eu aprendi, só não aprendi a matemática.

E: E a senhora estudava matemática?

F: Mas deus me livre, nunca fui com a tal da matemática.

E: E era só a senhora, ou tinha mais gente que ia mal?

F: Não, tinha mais gente, mas eu era castigada. Quando era aula de matemática ela me botava no quadro e eu começava a chorar, pronto ai terminou, não tinha aula.

E: E ela não mandava a senhora pra sala da madre?

F: Umas vezes eu fui, mas não por rebeldia pq, claro eu não sabia, como é que eu ia fazer. Não entrava na minha cabeça e ela gritava, ai terminou a Francisca, não aprendi. Eu sempre digo, a tal da tabuada que eu copiei quinhentas vezes até hoje não entrou na minha cabeça. Levei acho que uns três dias escrevendo a tabuada.

E: E no refeitório podia conversar?

F: Não, era silêncio, não podia conversar, nem reclamar. Elas faziam uma salada de repolho, com umas rodelinha de salamito, bem fininha junto com o repolho. Eu como gostava muito de repolho tirava aquelas partes que tavam meio ruim e comia, nem dava bola pra lesminha. E o tal do bofe, é o pulmão do bicho, aquilo não foi.

(continuava olhando as fotos: refere-se a uma foto de desfile) A gente andava sempre de uniforme a alinhada. Eu acho que a gente até desfilou, mas eu não me lembro.

Eu não tenho fotos dessa época. Mas eu me lembro de tirarmos fotografias na praça, no busto do Garibaldi. Eram duas irmãs, era a Alda e a Amélia, que quando o pai delas ia tirava fotografia.

ANEXO 6 - Entrevista com LADY MARIA MADALENA DE GREGÓRIO

Realizada dia 19/11/2004, em sua residência a Av. Medianeira, 1859 / apto: 05; Santa Maria - RS / Fone: 223-3438.

Nascida no dia 03/03/1922, em Silveira Martins.

Entrevistadoras: Adriana Aires Pereira

OBS.: Com o objetivo de reavivar a memória da entrevistada levamos um álbum com fotos do colégio Bom Conselho, das décadas de 30 a 50, álbum este emprestado pelas irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria.

Será utilizado L, para Lady e E, para entrevistador:

E: A senhora foi casada?

L: Fui, mas a gente se divorciou, não deu mais. O meu marido, pouco antes de falecer desastrado ele se envolveu com uma mulher da vida e, ... a gente quis fazer a divisão pra salvar o que a gente trabalhou durante trinta e poucos anos.

E: E a sua família é natural de onde?

L: De Silveira Martins mesmo, meus avós vieram da Itália, tanto do meu pai, quanto da minha mãe.

(Ao longo de boa parte da entrevista Dona Lady olhava o álbum e apontava alunas e pessoas conhecidas)

E: Quanto tempo a senhora estudou lá, a senhora lembra qual foi o ano?

L: Eu comecei com sete anos, então 1928, 1929, por ai. Eu estudei lá até os treze anos.

E: A senhora fez lá todo o primário?

L: Todo, todos os anos.

E: E a senhora estudou mais uns anos?

L: Daí eu fui para o Fontoura Ilha, que tinha uma filial lá.

E: Tinha meninas no Fontoura Ilha tb?

L: Externato.

E: No Bom Conselho a senhora foi interna?

L: Não externa, eu morava ali perto do clube, até eu tenho uma casa lá que está em ruínas, estou esperando pra ver se faço uma reforma na casa.

E: Com relação às meninas que moravam em Silveira Martins, era mais comum serem internas ou externas?

L: A maioria era externato?

E: Pq era mais barato o externato?

L: Tranqüilamente.

E: Pq os pais optavam pelo externato?

L: Olha, era um distrito muito pobre e, a maioria, eu to dizendo meu pai era alfaiate, minha mãe era costureira; nós morávamos onde eu atualmente tenho a casa, ao lado do clube ali e, então era difícil, não é, internar uma aluna ali, claro, tinha que pagar, e a maioria tinha dificuldade, a não ser, como por exemplo a família da Nyora, eles sempre tiveram mais..., o falecido pai da Nyora tinha uma fábrica de fumo e ele era bem, até tinha empregados, era gente de bem mais posses, então havia uma facilidade... Então eu ia de manhã pra aula e de tarde pra bordado, crochê, tricô, olha eram exploradas as tendências das alunas que mais, e também as possibilidades de poder, o pagamento pra né..., havia diferença eu não me recordo muito bem, é a infância da gente, a vida leva pra tantos caminhos, pra tantas coisas, que a gente não tem mais recordação; mas era muito bem organizado apesar de ter o .., apesar de ser externa, eu me mantinha muito mais no colégio do que em casa e eles ali tinham um internato onde forneciam tudo, as meninas estudavam música tb, estudavam piano, violino, violão, dependia da vontade de cada uma. Eu sempre quis estudar.

E: O que a senhora estudou?

L: Eu fui pra comércio, me formei em contabilidade no Fontoura Ilha aqui em Santa Maria.

E: E lá no Bom Conselho quais trabalhos manuais a senhora fez?

L: Olha eu, era bordado, mais crochê e troco.

E: A senhora chegou a fazer seu enxoval lá dentro do colégio?

L: Não.

E: Tinha meninas que faziam?

L: Olha, o que eu fiz pra mim eu fiz em casa, eu já tinha deixado o colégio, mandava risca e bordava, fazia colchas de crochê, guardanapo, tudo isso eu fiz.

E: E a senhora fazia pra senhora ou pra irmãs?

L: Pra mim, pq eu me formei e em lugar de trabalhar no comércio, o meu pai tinha um armazém, então eu atendia a escrita, por que por causa que eu segui comércio, e de outros também, não só dele, como de outros.

E: Então a senhora trabalhou fora de casa?

L: Trabalhei, trabalhei um pouco na prefeitura, na subprefeitura de Silveira Martins.

E: A senhora é a primeira pessoa que a gente conversa da sua geração que trabalhou fora de casa.

L: Eu trabalhei na subprefeitura e trabalhei no Fontoura Ilha como professora.

E: E a senhora lembra do ano que a senhora trabalhou na subprefeitura?

L: 1938, 1939. E depois eu deixei a subprefeitura em 1941, não 1940. Em 1941 eu lecionei no Fontoura Ilha.

E: Neste período a senhora já era casada?

L: Não, era solteira.

E: Qual disciplina a senhora dava no Fontoura Ilha?

L: Olha, todas as matérias do primário, era português, matemática, ciências, história; naquela época era mais caligrafia, que exigiam muito. È mais ou menos, pq eu casei em 1944, mas já não estava mais lecionando no Fontoura, pq meu pai faleceu, minha mãe tava doente. Daí eu casei e continuei ajudando meu marido na costura e com escritório de contabilidade em casa, um pequeno escritório.

E: Quantos filhos a senhora teve?

L: Três. Tem a Ziane, a Sonia e o Jorge Luis.

E: E atualmente a senhora é aposentada?

L: Sim, sim, me aposentei quando completei 60 anos.

E: Como era a rotina do colégio, como as irmãs eram com as alunas?

L: Ah eram enérgicas, na época era pulso firme e tinha horário pra tudo, era muito organizado, era o sistema antigo, tinha muita organização, e elas eram irmãs, todas elas, bem religiosas; o ensino religioso fundamental, mais as minhas professoras foram todas ótimas.

E: Não tinha uma irmã mais carrasca?

L: Olha, poderia haver, tinha uma que tinha fama de ser bem, a irmã Plácida chamava, era do segundo ano primário, era mais firme, mas eu nunca tive problemas pq eu sempre fui, eu sempre quis estudar, eu queria só estudar.

E: A senhora queria mais estudar do que fazer os trabalhos manuais?

L: A tranqüilo. Eu queria muito na época, que não foi possível, meus pais não tinham condições de me dar, eu queria fazer na época, como é, aluna mestra; é o normal e o magistério hoje que é feito no Bilac. Não foi possível, não tive condições pq eu, o diretor do Colégio Fontoura Ilha de lá, ele era muito amigo do meu pai, então eu os dois últimos anos, eu só ia fazer a sabatina no colégio, vinha fazer só a sabatina e estudava lá, lá com o diretor do colégio lá, os últimos dois anos foi assim. Não sei se eu fiquei uns três ou quatro meses na casa de uma prima no último período.

E: Entre as outras alunas havia outras como à senhora que queriam seguir estudando?

L: Olha, eu tenho impressão, que, ode eu encontrei rivalidade, como se diz, foi no Fontoura Ilha, pq no colégio, ali não tinha, era muito poucas que se dedicavam mesmo. Pq interessante, tinha aluna que foi colega minha de Dom Pedrito, nos sentávamos nas classes ao lado e nós tínhamos uma amizade mesmo né, de menina, ela era Garces; ela conseguiu fazer o normal, magistério; mas não foi lá não, ela saiu de lá junto comigo. Me encontrei com ela em Dom Pedrito, depois de tantos anos foi uma coisa tão boa que aconteceu pq é tão difícil a gente poder encontrar uma pessoa que foi amiga da gente quando era criança amiga. O pai dela era fazendeiro, gente rica, tinha bastante dinheiro. Nós era considerado não pobre, mas a gente vivia do trabalho do meu pai, claro tinha casa, não faltava nada, mas não era de muitas posses não.

E: E a senhora tinha muitas colegas que assim como a senhora não tinham muitas posses?

L: A maioria, mas eram as externas. As do internato eram tudo gente de bens, as do externato eram mais pobres. Eu até, sinceramente vi muito poucas, alunas né, pq lá era só feminino.

E: A senhora não teve colegas meninos?

L: Só no Fontoura Ilha. Lá no Bom Conselho era só feminino.

E: Nem alunos externos?

L: Não, na época era só feminino. Já quando as minhas filhas estudaram já tinha, já era diferente.

E: As suas filhas estudaram externas no Bom Conselho?

L: Sim, a Ziane fez o primário, depois fez o ginásio e magistério no Coração de Maria, depois foi pra faculdade.

E: A senhora lembra das matérias, quais eram?

L: Era português, matemática, história, geografia, história da religião, lógico, na época tinha, como é que era o nome... não me recordo, mas era matéria.

E: Todas as professoras eram irmãs?

L: Todas, não tinha nenhuma externa, era só irmãs, ou as juvenistas que elas chamavam, candidatas a irmãs, mas estas eram ajudantes, nenhuma que lecionasse.

E: A senhora lembra de ter educação física?

L: A tinha sim.

E: E língua estrangeira?

L: Não.

E: A senhora fala italiano?

L: Em casa né, tanto que eu fiz a primeira comunhão com seis anos, e o catecismo, as orações todas eram em italiano, coisa que eu não recordo nada, nada.

E: E a senhora teve dificuldade de aprender o português?

L: Não, não, é italiano em casa, mas a gente falava o português sempre, tanto que até hoje tenho aquele sotaque meio cantado, ninguém tira né, é aquela primeira língua que você tem, a dificuldade em pronunciar o r, isso aí.

E: Como era o relacionamento com as colegas, havia diferença entre o relacionamento com as internas e as externas?

L: Olha, havia uma rivalidade. A interna era meio, dava um chega pra lá na externa, pq era gringa. Tinha muito pouca descendente de italiano interna, a maioria eram filhas de fazendeiros, muitas da fronteira, Dom Pedrito, Santana do Livramento, Uruguaiana. Tinha filhas de militares até. Havia, mas não havia um entrosamento muito grande não.

E: E pq havia essa rivalidade?

L: Olha eu tenho impressão por causa da diferença de posses, sempre achei, sempre senti isso muitas vezes.

E: A senhora acha que se fosse uma gringa bem de dinheiro a rivalidade seria menor?

L: A sim naturalmente, acho que a Nyora não sofreu isso. Apesar de ter muitas, como essa que eu falei (colega de Dom Pedrito) era interna, a gente se dava demais, nunca senti nada, mas também eu tinha o interesse de estudar, sempre tive, desde criança, pq minha mãe se queixava, pq na época tinha que aprender a fazer de tudo. Com sete, oito anos a gente tinha que fazer de tudo, a gente tava na lida, tinha

que lavar roupa na fonte, ajudava a lavar louça, cozinhar, descascar batata, lavar casa, limpar, isso desde criança muito nova fazia isso, não tinha quem fizesse, a mãe que fazia.

E: Havia alguma diferenciação para as irmãs entre as internas e as externas; entre as italianas e as não italianas?

L: Olha, sempre havia, alguma, não todas, algumas a gente até notava que era mais, pq claro né, talvez as irmãs tb fossem, tinha umas de origem italiana, as outras alemã, descendentes de português, aqui é essa mistura, mas o colégio era uma organização.

E: E uma diferenciação socioeconômica, gerada pela diferenciação entre as alunas por algumas terem mais dinheiro que outras, a senhora sentiu alguma coisa?

L: Não, nessa parte não. Mas havia, tinha tb uma de lá de Silveira que eram filhas de agricultores de posse, que tinham mais; recebiam maior atenção.

E: A senhora almoçava com as outras meninas?

L: Não.

E: Qual era sua rotina estão?

L: Eu chegava oito horas da manhã iniciava as aulas, eu chegava antes um pouco. Depois as dez horas tinha meia hora de recreio, fazia nove e meia as dez horas. Depois do recreio começava as aulas até o meio dia.

E: E o lanche?

L: Ou a gente, tem meses, por exemplo, que minha mãe não podia preparar o lanche pra levar, então fazia o lanche e pagava separado a mensalidade. Mas, geralmente eu levava de casa.

E: E sentava no refeitório para comer o lanche?

L: Não, o lanche era no pátio, tinha um enorme de um pátio coberto, onde ali havia jogos, jogava, hoje tem outro nome, não recordo direito; e tinha uma grande parte descoberta, jogavam bola, jogava aquele arquinho, tinha sim, educação física, marchar mais.

E: E isso era ensaio para alguma coisa?

L: Era para as paradas.

E: Para quais datas comemorativas?

L: Geralmente era sete de setembro, que era a data mais festejada lá. E tinha o vinte de setembro tb. E tinha a Igreja, elas freqüentavam, as internas, iam na catedral ali, na paróquia, tinha lugar certo pra elas. Depois elas fizeram a capela.

E: Que ano fizeram a capela, foi depois que a senhora estava estudando lá?

L: Sim.

E: Depois do recreio as dez horas vocês voltavam pra aula.

L: Sim, saia as onze e meia.

E: E depois ia pra casa almoçar?

L: Ia almoçar e voltava as duas horas para o bordado, todos os dias, pêra ai; menos quarta e sábado, pq quartas e sábados era o dia do banho, pq não tinha banho todos os dias. Então nestes dias não tinha nada de tarde.

E: E os passeios. A senhora participava destes passeios?

L: Não, não participava.

E: Pq a senhora não queria, não era convidada?

L: Não, eu era convidada sim, mas não era obrigatório, ia quem queria, as vezes inventavam de ir lá na linha três ou na linha duas, visitar capela, nessas capelas mais próximas, o mais era Nossa Senhora do Rosário, passava na frente do cemitério, quando iam pra lá eu não queria ir, tinha pavor de cemitério, não sei pq, uma criança que tinha medo, meu deus do céu, não queria nem ver.

E: E a senhora usava uniforme? A senhora lembra como era?

L: Sim, uma saia azul e uma blusa branca e tinha um casaco azul tb, mesmo tecido, a saia era pregueada.

E: A senhora tinha mais de um tipo de uniforme?

L: Tinha dois, o diário e um melhor, pra quando tinha alguma coisa, como por exemplo, não era interna mas a missa, nos domingos. Elas iam a missa todos os domingos.

E: E a senhora tinha que ir tb?

L: Não, mas eu ia.

E: A sua família era religiosa?

L: Era.

E: A senhora ia de uniforme?

L: Sim. Agora a Nyora e a irmã dela, a Neiva, elas tb tinham esse mesmo horário que eu.

E: E a rotina religiosa, quando a senhora rezava?

L: No colégio todas as horas antes da aula, era reza né; agora elas de noite, depois que encerrava a aula que a gente ia embora elas tinham um terço, todas as noites, mas isso era ai, quem tinha que sair ia pra casa.

E: E as confissões, a senhora participava tb?

L: Sim, mas não era, acho que eram no colégio, não me lembro bem, não me recordo desta parte. Eu sei que eu ia me confessar ali na Igreja, isso eu me lembro. Eu comecei a estudar aos sete anos, aos seis eu havia feito a primeira comunhão, então a gente não guarda muito.

E: E a senhora lembra os pecados confessados para o padre?

L: Que brigou com a mãe, que respondeu, era os pecados que tinha tido raiva, era uma pecados que hoje é até de achar graça, na época eram pecados seríssimos. Eu fui filha de Maria tb, numa ocasião, vinham os padres fazer retiro, então eles exaltavam, ficava aquele impulso de religiosidade, eu acabei sendo filha de Maria e secretária, mas deus o livre dançar, não podia ir nas festas.

(terminou a fita)

Mas, voltando o assunto das Filhas de Maria, eu junto com uma amiga que tb era, passamos na frente do clube um domingo de tarde e tinha uma reunião dançante, e o Celso Pippi veio e disse a não, mas tem que dançar comigo, mas aquilo criou uma polêmica que foi um horror, pq eu era secretária, não podia, mas fui chamada a atenção, e eu digo, bom a partir de hoje eu não sou mais, depois começaram, não promete que não faz mais, e eu disse, não chegou. Já que não há possibilidade, e eu sempre gostei de dançar, são coisas assim que não tem nada a ver com o colégio, é sobre a vida da gente.

E: E sobre o colégio, tinha castigo. Vocês faziam arte?

L: A sim. Olha eu não me lembro de ter tomado castigo, a maioria mandavam escrever frases. Outras ficavam dentro da aula depois que terminou. Outras eram mandadas a rezar, dependia.

E: Vocês falavam sobre sexo, casamento, nenê?

L: Não, isso era assunto que não se falava.

E: Pq tinham meninas que saíam dali e já casavam?

L: Sim, mas não era tratado esses assuntos.

E: E menstruação?

L: Nada, nada, nada.

E: E vocês não conversavam, pq hoje a TV mostra tudo.

L: Sim, eu acho que a minha bisneta que tem três anos sabe mais sobre sexo que eu quando tinha quinze anos.

E: E as meninas entre sai não conversavam, não tinham namorado?

L: A bom, isso sim, tinham namorado, naturalmente, se escreviam, que gostavam, mas não era, só se sabia que tinha que casar pra ter neném. Esse assunto não era tocado pelas irmãs. Em aula principalmente não.

E: E em ciências não se estudava?

L: Não tinha isso. Era mais ciências sobre a natureza, sobre animais, sobre vegetação, essas coisa.

E: E as irmãs convidavam pra ser freira, pra seguir a vida religiosa?

L: Não, pra mim não posso dizer que tivessem entrado nesse assunto, de ser irmã. Pq tinha muitas candidatas, e as que eram candidatas tavam lá no colégio e recebiam tudo.

E: E sobre as meninas com menos posse, será que haviam meninas da região que se ofereciam pra ser irmã pra poder estudar?

L: Olha, talvez tenha havido, mas que eu possa dizer isso não, afirmar. A gente esquece. E depois tinha isso, era o colégio e chegava em casa e tinha que ajudar, trabalhar; era só nas férias que podia brincar, não era como hoje, era muito pouco brinquedo. E depois a gente tinha que trabalhar muito, pra poder educar os filhos.

E: Mas a senhora tinha uma rotina bem diferente das meninas internas?

L: A sim, bem diferente, as internas lá, tinham a vida do colégio ali dentro, eu tinha a minha vida fora, pq pra falar sobre o internato certo mesmo a Florisbela.

E: Nós conversamos com ela, mas nós ainda não tínhamos conseguido os álbuns. Ela nos contou sobre a rotina do internato, que elas rezavam muito; e a senhora não tinha que rezar tanto?

L: Não, não cada um rezava na sua casa com a família, eu ia pro colégio pra aprender, a escolaridade e trabalhos manuais. E um salão especial pra reza, não tinha capela, a capela foi feita depois eu já não estava lá, no tempo da Florisbela ainda não tinha capela, acho eu; mas tinha um salão muito grande onde eram feitas as festas de fim de ano encerramento do colégio, então apresentavam no palco.

E: A senhora representava no palco?

L: Eu nunca representei.

E: O que era representado?

L: Era um teatrinho, uma história de fadas, uma história de um santo religioso, um tipo de palhaço, histórias dentro da religião, era um tipo de teatro; o encerramento do colégio, então no dia de encerramento enchia Silveira Martins com o pessoal que vinha buscar as filhas. Tinha três hotéis ficavam cheios de gente.

E: A senhora morou em Silveira até que ano?

L: Olha eu deixei de ir lá, pq eu tinha escritório até 1995. A partir de 1977/78 eu comecei aa ficar por aqui (Santa Maria).

E: Quando que a senhora acha que o colégio começou a ficar mais fraco, com menos internas?

L: Acho que acabaram com o internato, não tenho bem certeza, não é certo isso em 1950, não sei precisar.